

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DA LINGUAGEM

CAROLINE GIRARDI FERRARI

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE UMA TAREFA DE COMPREENSÃO DE
PROVÉRBIOS**

PORTO ALEGRE

2020

CAROLINE GIRARDI FERRARI

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE UMA TAREFA DE COMPREENSÃO DE
PROVÉRBIOS**

Dissertação de mestrado na área de Estudos da Linguagem, linha de pesquisa Psicolinguística, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras - Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maity Siqueira.

PORTO ALEGRE

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Ferrari, Caroline Girardi
Evidências de validade de uma tarefa de compreensão
de provérbios / Caroline Girardi Ferrari. -- 2020.
144 f.
Orientadora: Maity Siqueira.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2020.
1. Provérbios. 2. Compreensão de provérbios. 3.
Tarefa de compreensão de provérbios. 4. Evidências de
validade. I. Siqueira, Maity, orient. II. Título.

CAROLINE GIRARDI FERRARI

**EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE UMA TAREFA DE COMPREENSÃO DE
PROVÉRBIOS**

Dissertação de mestrado na área de Estudos da Linguagem, linha de pesquisa Psicolinguística, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras - Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 16 setembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Maity Siqueira – Orientadora (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Ana Beatriz Arêas da Luz Fontes (UFRGS)

Dr. Dalby Dienstbach (UFF/FGV)

Prof.^a Dr.^a Joice Dickel Segabinazi (PUCRS)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Cláudio e Neide, por serem as minhas maiores inspirações e por sempre terem me incentivado e me auxiliado na realização de todos os meus sonhos. Este trabalho seria impensável sem o empenho, o carinho e a dedicação que vocês tiveram comigo desde o princípio. Não há agradecimentos suficientes para expressar toda a minha gratidão por tudo isso.

Ao Cristiano, que esteve ao meu lado em todos os momentos dessa caminhada, dividindo carinhos e dramas, acertos e erros, parágrafos e cálculos. Obrigada por todos os momentos compartilhados, pelas nossas trocas, pelo teu apoio e auxílio e por sempre estar disponível para me ouvir e me ajudar.

À minha orientadora, Prof.^a Maity Siqueira, por compartilhar tantos momentos de aprendizado acadêmico e experiências de vida. Obrigada por estar presente em toda a minha trajetória acadêmica, guiando, orientando, compartilhando e auxiliando de uma forma tão animada. Sem dúvidas, dividir tudo isso contigo tornou essa fase da minha vida muito mais divertida.

Ao grupo METAFOLIA, em especial aos colegas Laura, Tamara, Sérgio, Paloma, Nichele, Letícia, Felipe e Daniela, que muito me auxiliaram a pensar e contornar os mais diversos desafios encontrados no percurso deste trabalho. Minha dissertação não seria a mesma sem o auxílio e a amizade de vocês.

Aos amigos, em especial à Lourdes, à Aline e à Rafaela, que sempre me incentivaram a seguir em busca de todos os meus sonhos.

Aos professores do PPG Letras, por dividirem tantos conhecimentos que muito contribuíram em minha formação.

À CAPES, pela bolsa de pesquisa disponibilizada na realização integral deste trabalho.

À banca examinadora, Prof.^a Ana Fontes, Dr. Dalby Dienstbach e Prof.^a Joice Segabinazi, por sua leitura atenciosa e pelas inestimáveis contribuições para a melhora deste trabalho.

A todos que permitiram que a pesquisa fosse realizada em suas instituições: Secretaria Municipal de Educação e Cultura do município de Barão, em nome da Prof.^a Marla Ongaratto; Escola Municipal de Educação Infantil Arco-Íris, em nome da Diretora Juliana Dai Prá; Escola

Municipal de Ensino Fundamental Carlos Gomes, em nome da Diretora Sonara Possamai Sganderla; Instituto Estadual de Educação Assunta Fortini, em nome do Diretor Elton Chassot; Escola de Educação Profissional Top Byte e CTG Tropeiro da Serra, em nome da Diretora Aline Brum Cislighi.

Por final, não poderia deixar de agradecer a todos os participantes da pesquisa, que compartilharam comigo o seu entendimento sobre provérbios e dedicaram um pouco do seu tempo aos estudos da Linguagem Figurada.

"We are neural beings. Our brains take their input from the rest of our bodies. What our bodies are like and how they function in the world thus structures the very concepts we can use to think. We cannot think just anything - only what our embodied brains permit."

George Lakoff

RESUMO

Neste trabalho, apontam-se evidências de validade de uma tarefa de compreensão de provérbios, que faz parte de um teste maior de linguagem figurada. Sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, provérbios são um fenômeno da linguagem figurada baseado em três prismas: linguístico, cognitivo e cultural. Trata-se de um fenômeno linguístico, visto que é uma figura da linguagem; cognitivo, visto que reflete nossos processos cognitivos; e cultural, já que nessa junção de linguagem e cognição, ocorre o processamento e a assimilação de uma moral. Em sua estrutura interna, os provérbios podem ser motivados por mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes, que auxiliam a construir suas relações de significação. Conseqüentemente, os provérbios são um fenômeno de alta complexidade, compostos por sentenças fixas que fazem parte do conhecimento cultural de uma comunidade linguística. Considerando os aspectos teóricos do fenômeno e levando em conta pressupostos psicométricos, este trabalho tem como objetivo sugerir evidências de validade de uma tarefa de compreensão de provérbios. Para tanto, dois estudos foram realizados. No primeiro, analisamos a compreensão e as dimensões dos provérbios da tarefa, que é composta por seis itens. A amostra do primeiro estudo foi composta por 112 adultos, de duas regiões do estado do Rio Grande do Sul. As seguintes dimensões do fenômeno foram analisadas: compreensão, familiaridade e convencionalidade (dos provérbios e dos seus mapeamentos subjacentes), de acordo com as regiões. Também foi avaliada a assimilação dos mapeamentos subjacentes aos significados dos provérbios. No segundo estudo, analisamos a compreensão de provérbios em diferentes grupos etários (crianças, adolescentes e adultos). A tarefa em processo de validação foi aplicada a outros 412 participantes da região da Serra do Rio Grande do Sul. Além da idade, a escolaridade, o tipo de pergunta, e os próprios itens foram variáveis consideradas no estudo. Os resultados do primeiro estudo indicam que todos os itens foram considerados altamente familiares, convencionais e bem compreendidos pela amostra. Os mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes também foram bem reconhecidos e associados pelos participantes. Além disso, os dados apontam que a compreensão dos provérbios analisados não difere em função da região dos participantes. No segundo estudo, verificou-se que a habilidade de compreensão de provérbios se desenvolve gradualmente, com efeito significativo da idade e da escolaridade dos participantes. Também foram verificadas diferenças significativas entre os tipos de pergunta realizados e entre os próprios provérbios. Através desses resultados, evidências de validade baseadas em conteúdo, em estrutura interna, em processos de resposta, e na relação com outras variáveis foram sugeridas. Por fim, os resultados indicam um instrumento confiável e capaz de medir com sensibilidade a compreensão de provérbios.

Palavras-chave: Provérbios. Compreensão de provérbios. Tarefa de compreensão de provérbios. Evidências de validade.

ABSTRACT

This dissertation identifies validity evidence regarding a proverb comprehension task, which belongs to a broader figurative language comprehension test. Under the Cognitive Linguistics approach, proverbs are a figurative language phenomenon based on three pillars: linguistic, cognitive, and cultural. Proverbs are a linguistic phenomenon as it is a figure of speech; cognitive as it reflects our cognitive processes; and cultural since in this junction of language and cognition happens the processing and assimilation of a moral. Considering the internal structure of the phenomenon, proverbs can be motivated by underlying metaphorical and metonymic mappings, which are partially responsible for establishing the meaning of the proverbs. Therefore, proverbs are a highly complex phenomenon, consisting of fixed sentences that are part of the cultural knowledge of a linguistic community. Considering the theoretical aspects of the phenomenon, and considering psychometric guidelines, this dissertation aims at suggesting validity evidence of a proverb comprehension task. For this purpose, two studies were conducted. On the first one, we analyzed the proverbs of the task, which is composed of six items, in terms of proverbs' dimensions and comprehension. The sample of the first study consisted of 112 adults, from two regions of Rio Grande do Sul. The following dimensions of the phenomenon were analyzed: comprehension, familiarity, and conventionality (both of the proverbs and their underlying metaphorical mappings), according to the regions. The assimilation of metaphorical mappings to the proverbs was also studied. In the second study, we analyzed the comprehension of proverbs in different age groups (children, adolescents, and adults). The task under validation was administered to 412 participants from the same region of Rio Grande do Sul (*Serra*). Besides age, education level, question form, and the items themselves were considered variables in the study. The results of the first study suggest that all items were considered highly familiar, conventional, and well-identified by the sample. Underlying metaphorical and metonymic mappings were also well recognized and well associated with the meaning of the proverbs. Besides that, data points out that the comprehension of the analyzed proverbs does not differ according to participants' region. In the second study, it is noticed that proverb comprehension ability develops gradually, with significant effects of age and education level. Significant differences were also found between question forms and between the items. Through these results, validity evidence based on content, internal structure, response processes, and on relations to other variables were suggested. All in all, results indicate a reliable instrument, able to measure proverb comprehension with sensitivity.

Keywords: Proverbs. Proverb comprehension. Proverb comprehension task. Validity evidence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Porcentagem de respostas altamente familiares	65
Figura 2 – Percentual de respostas altamente convencionais	66
Figura 3 – Percentual de respostas esperadas na compreensão dos provérbios	67
Figura 4 – Proporção de acertos por faixa etária e tipo de pergunta	85
Figura 5 – Proporção de acertos por tipo de pergunta e item da tarefa	85
Figura 6 – Proporção de acertos por faixa etária e item da tarefa	87
Figura 7 – Proporção de acertos por faixa etária, item da tarefa e tipo de pergunta	87
Figura 8 – Média de respostas esperadas por idade.....	90
Figura 9 – Média de respostas esperadas por ano/nível de escolaridade.....	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplos de provérbios equivalentes em línguas diferentes	31
Quadro 2 – Provérbios selecionados para a TCP	57
Quadro 3 – Exemplos de item de treino e de teste da TCP	58
Quadro 4 – Exemplo da primeira versão dos itens	62
Quadro 5 – Exemplo da versão final dos itens	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Porcentagem de escolaridade de cada grupo da amostra.....	79
Tabela 2 – Resultados da análise de variância (ANOVA)	81
Tabela 3 – Média de respostas corretas por provérbio	83

LISTA DE SIGLAS

COMFIGURA	Instrumento para Avaliação da Compreensão de Linguagem Figurada
EI	Educação Infantil
EF	Ensino Fundamental
EFC	Ensino Fundamental completo
EFI	Ensino Fundamental incompleto
EM	Ensino Médio
EMC	Ensino Médio completo
EMI	Ensino Médio incompleto
ESC	Ensino Superior completo
ESI	Ensino Superior incompleto
TCP	Tarefa de Compreensão de Provérbios do COMFIGURA
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRDAP	Teste de Rastreamento de Doença de Alzheimer com Provérbios
PG	Pós-Graduação

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 A LINGUAGEM FIGURADA NA PERSPECTIVA DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA.....	20
2.1 METÁFORAS	23
2.2 METONÍMIAS.....	26
2.3 PROVÉRBIOS	29
2.3.1 A paremiologia na Linguística Cognitiva.....	34
2.3.1.1 Estudos sobre mapeamentos metafóricos e metonímicos em provérbios.....	35
2.3.1.2 Estudos de aquisição, produção e processamento da linguagem.....	38
2.3.1.3 Estudos clínicos	42
3 A PSICOMETRIA NO DESENVOLVIMENTO DE TAREFAS PSICOLINGÜÍSTICAS DE COMPREENSÃO DE LINGUAGEM FIGURADA: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE	47
3.1 EVIDÊNCIAS DE VALIDADE BASEADAS EM ESTRUTURA INTERNA, CONTEÚDO, PROCESSOS DE RESPOSTA E NA RELAÇÃO COM OUTRAS VARIÁVEIS.....	50
3.2 EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE TESTES PSICOLINGÜÍSTICOS SOBRE PROVÉRBIOS	51
4 O COMFIGURA.....	55
4.1 TAREFA DE COMPREENSÃO DE PROVÉRBIOS	56
5 ESTUDO 1 – A UNIÃO FAZ A FORÇA: UM ESTUDO SOBRE A COMPREENSÃO DE PROVÉRBIOS E AS SUAS DIMENSÕES	59
5.1 DESENHO DO ESTUDO	60
5.2 AMOSTRA.....	60
5.3 INSTRUMENTOS	61
5.4 PROCEDIMENTOS.....	63
5.5 RESULTADOS	64
5.5.1 Análise entre populações.....	64
5.5.2 Análise de estrutura interna dos provérbios.....	69
5.5.2.1 Provérbio 1: Em boca fechada, não entra mosca.....	69
5.5.2.2 Provérbio 2: Filho de peixe, peixinho é.....	70

5.5.2.3	Provérbio 3: Quem vê cara não vê coração	71
5.5.2.4	Provérbio 4: Onde há fumaça, há fogo	72
5.5.2.5	Provérbio 5: Quem não chora não mama	72
5.5.2.6	Provérbio 6: Cachorro que late não morde	73
5.5.3	Discussão dos resultados	73
6	ESTUDO 2 – DE GRÃO EM GRÃO, A GALINHA ENCHE O PAPO: UM ESTUDO SOBRE A COMPREENSÃO DOS PROVÉRBIOS POR DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS E ESCOLARIDADES	77
6.1	DESENHO DO ESTUDO	78
6.2	AMOSTRA.....	78
6.3	INSTRUMENTO.....	80
6.4	PROCEDIMENTOS.....	80
6.5	RESULTADOS	81
6.5.1	Análise quantitativa.....	81
6.5.2	Análise qualitativa	92
6.5.2.1	Provérbio 1: Em boca fechada, não entra mosca.....	93
6.5.2.2	Provérbio 2: Filho de peixe, peixinho é.....	95
6.5.2.3	Provérbio 3: Quem vê cara não vê coração	98
6.5.2.4	Provérbio 4: Onde há fumaça, há fogo	102
6.5.2.5	Provérbio 5: Quem não chora não mama	105
6.5.2.6	Provérbio 6: Cachorro que late não morde	108
6.5.3	Discussão dos resultados	110
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
	REFERÊNCIAS.....	117
	ANEXO A – Tarefa de Compreensão de Provérbios do COMFIGURA	126
	ANEXO B – Tarefa de familiaridade e de compreensão de provérbios.....	128
	APÊNDICE A – Tarefa de convencionalidade e de identificação de mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes aos provérbios	129
	APÊNDICE B – Protocolo de análise para juízes especialistas.....	131
	APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Estudo 1	140

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Estudo 2 – Crianças e Adolescentes	141
APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Estudo 2 – Adultos	142
APÊNDICE F – Contrastes entre os itens da tarefa.....	143
APÊNDICE G – Intervalos de confiança – Figura 7	144

1 INTRODUÇÃO

A Linguagem Figurada é uma temática que desperta muitas curiosidades nos estudos da linguagem e do pensamento. Seja por sua capacidade de gerar significados através do que não está dito, ou pela sua natureza mais complexa, estudar a linguagem figurada é uma tradição nos estudos linguísticos. Até pouco tempo atrás, os diversos fenômenos da linguagem figurada eram analisados como algo principalmente linguístico, utilizados para enfeitar e rebuscar a linguagem. Entretanto, com os aprimoramentos da virada cognitiva do século XX, a linguagem figurada passou a ser estudada como um fenômeno linguístico-cognitivo, refletido na linguagem, no pensamento e na ação (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999). A perspectiva teórica adotada neste trabalho é a da Linguística Cognitiva. Nessa perspectiva, a linguagem figurada (e a linguagem em geral) é estudada como um resultado de processos corporificados, cognitivos e culturais.

Dentre as diversas figuras de linguagem, o fenômeno dos provérbios é o que melhor ilustra a junção linguística, cognitiva corporificada e cultural. Através de processos cognitivos, os provérbios expressam pela linguagem inúmeras morais e valores culturais de uma comunidade. Tome como exemplo o provérbio “O pior cego é aquele que não quer ver”. Analisando-o literalmente, percebemos que a sentença que o forma é incoerente. Prototipicamente, uma pessoa cega possui perda total ou baixa visão, sendo impossibilitada de enxergar mesmo que quisesse. Desse modo, a sentença só é interpretada corretamente através do seu sentido figurado, que é composto por uma moral. O provérbio tomado como exemplo geralmente é utilizado para se referir a pessoas que ignoram determinadas situações, ou que se negam a aceitar a verdade dos fatos, o que vai além do significado literal da sentença. Percebemos, portanto, que analisar um provérbio somente pelo seu significado literal e composicional não revelaria a moral carregada por ele. Em nossa cultura, expressar a moral através de um provérbio parece ser uma forma mais ágil e polida do que simplesmente expressar diretamente a nossa opinião sobre algum fato. Muitas vezes, inclusive, costumamos a expressar uma moral de outra forma, dada a convencionalidade dos provérbios na linguagem cotidiana.

Devido à complexidade dos provérbios e às relações desse fenômeno com outras funções cognitivas, alguns grupos clínicos não conseguem interpretar esse fenômeno para além do nível literal, apresentando dificuldades em abstraí-lo (RAPP; WILD, 2011; SIQUEIRA; MARQUES; GIBBS, 2016). Como o fenômeno costuma ser de difícil compreensão em uma tenra idade e em diversos quadros clínicos, instrumentos que meçam a sua compreensão tornam-se ferramentas de auxílio para profissionais da educação, como professores e

psicopedagogos, e de diagnóstico para profissionais da saúde, como psicólogos e fonoaudiólogos. Porém, é notória a escassez de instrumentos padronizados em português brasileiro para a avaliação da linguagem figurada ou somente do fenômeno dos provérbios. A investigação das dimensões do fenômeno é igualmente pouco documentada em português brasileiro.

Com isso, nesta dissertação, utilizando o arcabouço teórico da Linguística Cognitiva e as orientações da Psicometria, buscamos apontar evidências de validade de uma tarefa de compreensão de provérbios, que faz parte de um teste maior de linguagem figurada, e estudar os aspectos de compreensão de provérbios por três faixas do ciclo vital. Como já mencionado, não há um teste padrão-ouro, em português brasileiro, de compreensão de linguagem figurada ou de provérbios. Dessa forma, buscando suprir essa lacuna, esta dissertação trata de uma Tarefa de Compreensão de Provérbios (TCP), que faz parte do Instrumento para Avaliação da Compreensão de Linguagem Figurada (COMFIGURA).

O COMFIGURA vem sendo desenvolvido pelo grupo de pesquisa METAFOLIA – Estudos em Semântica Cognitiva, filiado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maity Siqueira. Por se originar em um projeto interdisciplinar, abrangendo pesquisadores linguistas, psicólogos, fonoaudiólogos e professores, o instrumento tem como público-alvo crianças, adolescentes e adultos no contexto educacional e clínico. O instrumento contempla, de forma padronizada, a avaliação de quatro figuras de linguagem relacionadas à metáfora: metáforas primárias, metonímias, expressões idiomáticas e provérbios. Em especial, neste trabalho, trataremos somente do fenômeno dos provérbios.

A tarefa de compreensão e o fenômeno dos provérbios serão estudados e analisados através de evidências de validade baseadas em conteúdo, em estrutura interna, em processos de resposta e na relação com outras variáveis. Para isso, dois estudos serão conduzidos, motivados pelas seguintes perguntas de pesquisa:

(i) A região dos participantes afeta a sua avaliação de familiaridade, compreensão e convencionalidade de provérbios e de seus mapeamentos conceituais subjacentes?

(ii) Os falantes são capazes de identificar e associar mapeamentos subjacentes aos significados pretendidos pelos provérbios que compõem a TCP?

(iii) A faixa etária, a escolaridade, o tipo de pergunta e a expressão figurada selecionada afetam a compreensão dos provérbios que compõem a TCP?

Sobre a primeira pergunta, nossa hipótese é que a região dos participantes não afetaria nenhuma das condições analisadas. Conforme a literatura, provérbios são um fenômeno fortemente dependente de cultura (GIBBS; BEITEL, 1995). Entretanto, todos os provérbios

selecionados para compor a tarefa passaram por uma tarefa de familiaridade e foram considerados altamente populares no português brasileiro, apresentando uma dependência cultural menor do que outros itens.

Compreendendo a segunda pergunta, hipotetizamos que a identificação e a associação dos mapeamentos ao significado pretendido pelos provérbios ocorreriam de acordo com a complexidade dos mapeamentos. Na tarefa psicolinguística proposta, Mapeamentos mais complexos, como metáforas complexas, seriam menos identificados e menos associados aos significados dos provérbios devido à sua natureza mais criativa. Mapeamentos mais simples, mais baseados em experiências corpóreas e referenciais, como metáforas primárias e metonímias, seriam melhor percebidos e associados aos significados dos provérbios.

Por final, abrangendo a terceira pergunta, nossa hipótese é que todas as condições afetariam a compreensão de provérbios. Na literatura, há o consenso de que a aquisição de provérbios ocorre gradualmente, de acordo com o aumento da idade (GIBBS; COLSTON, 2012; SIQUEIRA et al., 2017). A escolaridade, nesse caso, teria efeito por promover desenvolvimento cognitivo e socialização, sendo esses fatores imprescindíveis para a compreensão de provérbios. Os tipos de pergunta, por compreenderem a forma como o estímulo é realizado, também podem ser relacionados à compreensão dos ditos. Por final, os próprios provérbios selecionados também apresentariam efeito, visto que podem possuir diferentes graus de complexidade semântico-pragmática quando comparados entre si.

Para realizar o que estamos propondo, este trabalho se divide em sete capítulos. No primeiro, apresentamos ao leitor nossas bases teóricas, nosso objeto de estudo, nossas motivações, questionamentos e proposições. No segundo, uma retomada teórica é realizada sobre a linguagem figurada na perspectiva da Linguística Cognitiva. São abordados os fenômenos de metáforas, metonímias e, centralmente, provérbios. Também são elencados estudos já realizados sobre provérbios, que contribuem aos objetivos e às discussões propostas no trabalho.

No terceiro capítulo, apresentamos as orientações psicométricas que conduzem os estudos aqui realizados. São debatidos os conceitos de validação e os tipos de validade abordados aqui. Além disso, também discorreremos sobre estudos, principalmente em português brasileiro, que sugerem evidências de validade de testes de compreensão de provérbios.

No quarto capítulo, a tarefa em processo de validação neste trabalho é apresentada, assim como o instrumento maior do qual a tarefa faz parte. Refletimos sobre sua construção e desenvolvimento até este momento.

No quinto capítulo, o primeiro estudo é realizado, respondendo à primeira e à segunda pergunta de pesquisa. Através de análises qualitativas e quantitativas, apresentamos os resultados encontrados sobre os provérbios da TCP e suas dimensões de acordo com as regiões dos participantes. Aqui, são elencadas evidências de validade baseadas em conteúdo, na relação com outras variáveis, e em estrutura interna.

No sexto capítulo, o segundo estudo é conduzido, respondendo à terceira pergunta de pesquisa. Nesse estudo, apresentamos o desempenho dos participantes na TCP, junto às análises realizadas sobre esse desempenho. Novamente, o estudo contempla análises quantitativas e qualitativas, sugerindo evidências de validade baseadas em conteúdo, na relação com outras variáveis, e em processos de resposta.

Por final, expomos as conclusões do trabalho, englobando nossas reflexões e contribuições sobre o estudo da compreensão de provérbios em português brasileiro. Além disso, são retomadas as evidências de validade encontradas sobre a TCP, procurando responder se a tarefa realmente mede aquilo que se propõe a medir com confiança e sensibilidade.

2 A LINGUAGEM FIGURADA NA PERSPECTIVA DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA

Por diversas décadas, a linguagem figurada foi abordada nos estudos da linguagem como um fenômeno puramente linguístico, utilizado com fins retóricos e estilísticos. Até hoje, por um viés bastante tradicional, ainda há quem diga que a linguagem figurada é um recurso da poesia, com a finalidade de enfeitar a linguagem. No entanto, grande parte da nossa comunicação diária está nas inferências geradas a partir de fenômenos da linguagem figurada.

Analisar as ocorrências de linguagem figurada em nosso discurso não é uma novidade. Desde “A Poética”, de Aristóteles (séc. IV), há registros de discussões sobre a linguagem não literal. No pensamento de Aristóteles, metáforas e analogias eram recursos estilísticos de comparação. Para o autor, a metáfora era, basicamente, um recurso ornamental e retórico, no qual utiliza-se o nome de um referente para representar outro referente. Na Poética (ARISTÓTELES, 1981 [Séc. IV]), diversos exemplos literários são apresentados como ocorrências de metáforas. Alguns desses exemplos, inclusive, são de outros fenômenos linguísticos não descritos na época, como hipérboles e sinônimos. O que percebemos, com isso, é que mesmo que a visão de Aristóteles sobre as figuras de linguagem seja limitada (em contraponto à perspectiva adotada neste trabalho), foi ela a precursora dos estudos linguísticos figurados, fornecendo muito do embasamento que fez com que os estudos posteriores chegassem ao pensamento linguístico-cognitivo atual.

Depois de Aristóteles, muito se pensou e projetou sobre a linguagem figurada e seu uso (HONECK, 1980; JOHNSON, 1981). Honeck (1980), ao construir um apanhado histórico dos estudos da linguagem figurada, divide-os em três grandes áreas: psicologia experimental, filosofia e linguística¹. De fato, ainda hoje essas subdivisões ocorrem nos estudos da linguagem figurada. Há uma grande preocupação por parte da psicologia sobre a compreensão de figuras de linguagem em relação a quadros clínicos e patológicos, assim como também ocorre na linguística em termos de produção, compreensão, interpretação e processamento.

Na área da psicologia experimental, há diversos registros de estudos realizados sobre a linguagem figurada desde o início do século XX. Conforme Honeck (1980), grande parte dos estudos relatados foram realizados com o objetivo de descobrir mais sobre a aquisição e o desenvolvimento da linguagem infantil, área que vem se desenvolvendo até a atualidade, tanto na psicologia quanto na linguística. Através desses estudos, muito foi analisado e observado sobre a linguagem figurada no vocabulário infantil. Entretanto, não há grandes consensos sobre

¹ Embora Honeck divida filosofia e linguística, não realizaremos essa divisão nesse trabalho, já que os estudos considerados filosóficos abordam, justamente, a filosofia da linguagem.

seus achados, já que na época as metodologias utilizadas não eram tão controladas e refinadas quanto as técnicas que temos alcance hoje em dia. Desde o início do século, portanto, há bastante curiosidade por parte dos pesquisadores em descobrir mais sobre a compreensão de metáforas, provérbios, personificação, aforismos e analogias.

No campo da linguística, foi também a partir do século XX que se tem registro de estudos abordando a linguagem figurada. Entre o início e a metade do século XX, a maioria dos estudos aplicados encontrados sobre linguagem figurada centravam-se na área da literatura, constituindo-se por análises sobre a figuratividade utilizada em determinadas obras literárias ou filosóficas. São diversas as análises encontradas sobre as metáforas utilizadas na literatura clássica, como na poesia grega e nas obras de Shakespeare (KEITH, 1914; MIZENER, 1939; EDELMAN, 1950). Assim como metáforas, o fenômeno das metonímias também era estudado em relação a obras literárias desde o início do século (DAWSON, 1915; SMITH, 1919; MCCASLAND, 1949). Já provérbios e expressões idiomáticas, por carregarem características culturais em seus ditos, possuem diversos registros de estudos como coletâneas, listas, dicionários e análises sobre suas origens. Em língua inglesa, por exemplo, encontramos registros de publicações de dicionários de provérbios e expressões idiomáticas desde o início do século XX, seja como um instrumento cultural de compilação de expressões folclóricas da sociedade, ou com fins didáticos². Nenhum desses estudos apresentava uma base teórica consolidada para explicá-los ou uniformizá-los. O que era apresentado, nesses casos, ainda se limitava à visão tradicional da linguagem figurada.

Em termos de teorias sobre os fenômenos figurados nesse mesmo período, foi somente a partir da década de 30 que as figuras de linguagem começaram a ser mais sistematicamente debatidas, através da metáfora (HONECK, 1980; JOHNSON, 1981). A metáfora começou a ser analisada como um instrumento linguístico que vai além de uma ferramenta retórica a partir de Richards (1936), que se opôs ao pensamento aristotélico acreditando que a metáfora também acontecia no nível do pensamento, além do nível linguístico, como um fenômeno de comparação. Alguns anos depois, Black (1954) também teorizou sobre o fenômeno das metáforas, explicando-as através de uma interação que ocorre entre duas facetas para que o sentido da metáfora seja composto. Assim como nos estudos da psicologia experimental, a metáfora era o fenômeno dominante das análises, não sendo tão significativo o número de

² Alguns exemplos de coletâneas e dicionários de provérbios e expressões idiomáticas da época são: *Handbook of Idiomatic English as Now Written and Spoken*, de John Kirkpatrick (1912), *English Proverbs and Proverbial Phrases: A Historical Dictionary*, de George Latimer Apperson (1929), *The Oxford Dictionary of English Proverbs*, de William George Smith (1935) e *A Dictionary of the Proverbs in England in the Sixteenth and Seventeenth Centuries*, de Morris Palmer Tilley (1950).

trabalhos que teorizava sobre outros fenômenos da linguagem figurada. Até hoje, o fenômeno da metáfora se mantém central nas abordagens, embora vários outros fenômenos de linguagem figurada tenham sido descritos e detalhados com o passar das décadas³.

É somente a partir da segunda metade do século que os estudos da linguagem figurada começam a se desenvolver melhor e mais detalhadamente, com o surgimento de abordagens mais pragmáticas da linguística (AUSTIN, 1962, SEARLE, 1969; GRICE, 1975). A partir dessas abordagens, a linguagem em geral passou a ser estudada centrada em seu uso, considerando a intenção do falante e diversos outros conceitos chave para o estudo da comunicação na época (tais como implicaturas e outros tipos de inferências). Além disso, foi também na década de 60 que o cognitivismo começou a se fortalecer como uma base importante para as formulações linguísticas, projetando a linguagem como um reflexo da cognição humana (MILLER, 2003).

A partir de uma perspectiva linguística bastante formalista e idealizada, alguns pesquisadores, como George Lakoff, Ronald W. Langacker e Leonard Talmy, perceberam que havia lacunas semânticas e funcionais não preenchidas no estudo da linguagem. Assim, entre as décadas de 70 e 80, esse grupo de linguistas, colegas próximos, e seus alunos começaram a teorizar e formular uma nova perspectiva teórica, atualmente conhecida como Linguística Cognitiva (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007).

Nessa perspectiva, adotada neste trabalho, há uma ressignificação da linguagem, sendo ela estabelecida através de uma relação com a mente, as experiências sociais e físicas vividas pelo falante e outras capacidades cognitivas (EVANS, 2007, p. vi). Lakoff e Johnson (1980, p. 5), teóricos fundamentais para a base da Linguística Cognitiva, postulam que falamos as coisas de uma certa maneira porque as concebemos dessa mesma maneira. Por consequência, nossas ações no mundo moldam a forma como concebemos nossas ideias. Assim, a linguagem não é fruto somente da nossa mente, mas também de fatores externos, que seriam responsáveis por influenciar o nosso pensamento. A experiência do corpo no mundo, nessa perspectiva, se torna determinante para o jeito como nossas experiências são conceitualizadas e verbalizadas. O uso da língua é uma consequência de tudo isso, sendo delineado por nossas experiências corpóreas no mundo.

A linguagem figurada, nessa abordagem, passa a assumir um papel central. As figuras de linguagem deixam de ser analisadas como uma ferramenta retórica e estilística, sendo

³ Honeck (1980), Johnson (1981), Gil (2012) e Dienstbach (2017) construíram um compilado histórico bastante abrangente sobre os estudos da metáfora, de Aristóteles até a modernidade, englobando as visões comparativas, interativas e pragmáticas.

estudadas como elementos presentes na linguagem, no pensamento e na ação, refletindo não só a linguagem, mas também nosso sistema cognitivo e conceitual. Como resultado, no final da segunda metade do século, com a popularização da Linguística Cognitiva, os estudos da linguagem figurada deixaram de ser voltados somente às instâncias de uso e significações dos fenômenos, passando a analisar também questões de processamento, aquisição e interpretação da figuratividade, como parte e reflexo do nosso sistema conceitual e cognitivo (GIBBS; COLSTON, 2012).

Neste trabalho, adotando os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, três fenômenos de linguagem figurada serão apresentados a seguir. Na tentativa de detalhar a descrição de cada fenômeno, as figuras também serão abordadas através de dimensões utilizadas para uma caracterização dos fenômenos aos objetivos deste trabalho. Exemplos de estudos atuais sobre esses fenômenos também serão apresentados e brevemente discutidos, atualizando o prisma psicolinguístico da literatura sobre linguagem figurada.

2.1 METÁFORAS

A Linguística Cognitiva é uma abordagem teórica experiencialista, responsável pela ressignificação dos estudos da linguagem figurada. Através dessa abordagem, a linguagem figurada passou a ser estudada como uma representação da organização de nosso pensamento e ação. Nessa perspectiva, conforme Lakoff e Johnson (1980), há um fenômeno figurado que seria central em todas essas esferas: a metáfora.

Na década de 80, durante a construção das bases da Linguística Cognitiva, Lakoff e Johnson (Ibid.) descreveram uma teoria sobre a importância da metáfora na linguagem e no pensamento: a Teoria da Metáfora Conceitual. Nessa teoria, considerada precursora da abordagem da Linguística Cognitiva, a metáfora consiste no entendimento de um domínio conceitual em termos de outro domínio conceitual. Ao dizer, por exemplo, que estamos *ferendo de raiva*, estamos estabelecendo um mapeamento entre duas ideias, chamadas aqui de domínios: INTENSIDADE DE EMOÇÃO e CALOR. Através desse mapeamento, estamos entendendo a INTENSIDADE DE EMOÇÃO, que é um domínio mais abstrato (o domínio alvo), em termos do CALOR, um domínio mais prontamente acessível aos sentidos (o domínio fonte). Expressamos metaforicamente algo que é mapeado e organizado metaforicamente em nosso sistema conceitual. Nesse sistema conceitual, para Lakoff e Johnson (Ibid.), os conceitos e as atividades são metaforicamente estruturados, o que faz com que, conseqüentemente, nossa língua também seja amplamente expressada metaforicamente.

Nesse sentido, o que entendemos por metáfora aqui se constitui de duas partes: a que ocorre em nosso sistema conceitual, e a que ocorre em nosso sistema linguístico. Chamaremos de metáfora conceitual o mapeamento conceitual entre os domínios propostos. Retomando os domínios propostos anteriormente, INTENSIDADE DE EMOÇÃO e CALOR, estabelecemos a metáfora conceitual INTENSIDADE DE EMOÇÃO É CALOR. A metáfora conceitual, por consenso, sempre é representada através de letras maiúsculas, podendo também ser chamada de mapeamento conceitual ou metafórico. Já a parte linguística é a atualização do mapeamento conceitual no sistema linguístico em questão. Utilizando a metáfora conceitual INTENSIDADE DE EMOÇÃO É CALOR, por exemplo, podemos citar as sentenças *estou fervendo de raiva*, *o jogo está pegando fogo* e *a discussão gerou faíscas* como atualizações dessa metáfora. Todas essas sentenças possuem elementos linguísticos que provêm de situações de extremo calor, como *ferver*, *fogo* e *gerar faíscas*, para simbolizar um contexto de fortes emoções. Assim, as atualizações de uma metáfora conceitual serão chamadas de metáforas linguísticas, representando a ocorrência de uma metáfora conceitual na língua.

O mapeamento conceitual INTENSIDADE DE EMOÇÃO É CALOR é um exemplo clássico de um princípio muito importante na Teoria da Metáfora Conceitual, o princípio da *corporeidade*. Por ser uma teoria experiencialista, o corpo é de extrema importância para a forma como nos expressamos na língua. Como já mencionado, nos expressamos na língua de uma determinada maneira porque vivemos de determinada maneira. O mapeamento INTENSIDADE DE EMOÇÃO É CALOR é um bom representante da corporeidade visto que é um universal humano que, quando nos exaltamos emocionalmente, nossa temperatura corporal tende a subir. Assim, partimos de um conhecimento físico e potencialmente universal para expressar uma ideia mais abstrata.

Outro mapeamento que também exemplifica a corporeidade é BOM É PARA CIMA, instanciado através de frases como *estou me sentindo para cima*, *esse foi o ponto alto da aula* e *estou nas nuvens*. Dada a existência da força da gravidade, há a tendência de relacionarmos coisas boas com a ideia de *para cima* e coisas ruins com *para baixo*. Crescemos para cima, enquanto caímos para baixo. Novamente, dispomos de um conhecimento físico e potencialmente universal para representar uma ideia mais abstrata na língua. Esse tipo de metáfora, relacionada à corporeidade e a universais humanos, é chamada de Metáfora Primária. Metáforas primárias são as que refletem a observação da coocorrência de experiências mais físicas (e.g. verticalidade) e outras mais subjetivas (e.g. positividade) (GRADY, 1997). Essas metáforas têm potencial para universalidade: são observadas nas mais diferentes línguas, independentemente de conhecimentos culturais específicos.

Assim como há metáforas primárias, também há um outro tipo de metáforas, as Metáforas Complexas. Metáforas complexas são formadas por uma combinação de metáforas primárias e elementos culturais. São, portanto, mais dependentes de uma língua. No Brasil, por exemplo, somos bastante familiarizados com o futebol. Ao pensarmos em traços culturais marcantes de nossa sociedade, geralmente apontamos o futebol como uma parte inerente de nossa cultura. Por ser um conhecimento com o qual a maioria dos brasileiros é familiarizado, expressamos linguisticamente ideias mais abstratas através do futebol. Por exemplo, quando dizemos que *ela me deu um cartão vermelho*, que *levei um escanteio* e que *dei uma bola fora*, estamos utilizando de conhecimentos do domínio conceitual FUTEBOL para simbolizar traços de relacionamentos ou momentos de nossa vida. Através dessas expressões linguísticas, atualizamos a metáfora complexa A VIDA É UM JOGO DE FUTEBOL. Tal metáfora é considerada complexa devido ao fato de combinar metáforas mais básicas, como ESTADOS SÃO LUGARES (*Ela chegou na cara do gol, mas não foi aprovada*) e MUDANÇA É MOVIMENTO (*Levei um escanteio*), com elementos culturais específicos⁴. Se um falante não é familiarizado ao futebol, esse falante pode não compreender as atualizações linguísticas relativas a essa metáfora conceitual. Da mesma forma, em outras culturas e em outras línguas, há também metáforas que representam traços mais particulares dessas culturas. Nos Estados Unidos, em que a prática de beisebol é muito popular, há diversas expressões linguísticas que atualizam o mapeamento A VIDA É UM JOGO DE BEISEBOL (*Life throws us curveballs; Let's touch base tomorrow*⁵), bem como na Inglaterra há diversas expressões que atualizam a metáfora conceitual A VIDA É UM JOGO DE CRICKET (*She hit him for six when they broke up; I did it off my own bat*⁶). Nós, enquanto brasileiros, não temos familiaridade com a prática de esportes como beisebol e *cricket*. Assim, corremos o risco de não compreendermos as atualizações linguísticas por não conhecermos os movimentos e as regras desses jogos.

⁴ Em casos de domínios tão complexos ou gerais como a vida, é extremamente difícil chegar a um consenso sobre a combinação de mapeamentos primários envolvidos na formação dessa metáfora. As metáforas primárias citadas somente têm a pretensão de exemplificar uma combinação possível de mapeamentos subjacentes à metáfora complexa A VIDA É UM JOGO DE FUTEBOL. Não está nos escopos deste trabalho a realização de uma análise exaustiva sobre esses mapeamentos.

⁵ *To throw a curveball*: expressão idiomática que significa surpreender (geralmente de forma desagradável). Se origina a partir de um movimento do beisebol em que o arremessador causa uma angulação no movimento da bola para surpreender o rebatedor.

To touch base: expressão idiomática que significa entrar em contato ou falar rapidamente. Se origina a partir de um movimento do beisebol em que o jogador deve tocar todas as bases do campo para pontuar.

⁶ *To hit someone six*: expressão idiomática que significa surpreender, devastar. Se origina a partir do movimento em que a bola é jogada para fora dos limites do campo sem tocar o chão, gerando seis pontos.

Off one's own bat: Expressão que significa fazer algo por vontade própria. Se origina a partir de regras antigas do cricket que envolviam movimentos do batedor para pontuar.

Diante disso, percebemos que para a Linguística Cognitiva, o estudo da linguagem figurada encontra-se como um grande *continuum*. Para as metáforas, há, em uma ponta desse *continuum*, as expressões com maior potencial para universalidade, estendendo-se até a outra ponta, que compreende expressões mais regionais e dependentes de cultura. Não sendo restrito somente às metáforas, o *continuum* segue a se estender também para outros fenômenos da linguagem figurada, como expressões idiomáticas, metonímias e provérbios. Definimos cada fenômeno através do princípio do *continuum*, postulando que seus limites são difusos e imprecisos. Assim, para cada fenômeno, elencamos dimensões que auxiliam tanto na sua definição teórica, quanto na sua operacionalização prática.

São diversas as características que podem ser elencadas como dimensões das metáforas, influenciando, também, na sua compreensão. Suas dimensões são: face metafórica, status metafórico, familiaridade e convencionalidade. A face metafórica aborda a natureza da metáfora em questão: se linguística ou conceitual. O status metafórico trata da condição primária ou complexa da metáfora. A familiaridade é definida com relação à frequência de uma expressão metafórica inteira (a metáfora linguística, atualização de uma metáfora conceitual) em uma mesma comunidade linguística. Já a convencionalidade é definida como o quão estabelecida está a metáfora conceitual subjacente a uma expressão metafórica em uma mesma comunidade linguística (SIQUEIRA; GIL; MELO, 2010).

Na atualidade, muito se tem estudado o fenômeno das metáforas, principalmente em relação à aquisição de linguagem, ensino e, mais recentemente, multimodalidade. Em termos de aquisição de linguagem, são comuns as pesquisas sobre a aquisição da metáfora tanto em populações típicas quanto clínicas, relacionando a metáfora a outros construtos cognitivos (Cf. RUNDBLAD; ANNAZ, 2010; MASHAL; KASIRER, 2012; VAN HERWEGEN; DIMITRIOU; RUNDBLAD, 2013; SIQUEIRA; MARQUES; GIBBS, 2016; FREITAS, 2019). Questões de ensino e aprendizagem de língua materna e adicional também são bastante recorrentes em relação aos estudos metafóricos (Cf. FARIAS; LIMA, 2010; GIL, 2015; LITTLEMORE, 2016). Por final, há também diversos pesquisadores que vêm estudando a metáfora através da multimodalidade da linguagem, relacionando-a com gestos, linguagem visual, sons, etc (Cf. FORCEVILLE, 2015; CIENKI, 2016; AVELAR, 2016).

2.2 METONÍMIAS

Além do fenômeno das metáforas, há também um fenômeno da linguagem figurada muito comum e pervasivo no discurso cotidiano: a Metonímia. Ao dizermos que *comemos uma*

melancia, por exemplo, não estamos falando uma sentença totalmente literal. *Comer uma melancia*, no discurso cotidiano, implica no fato de que comemos somente uma parte da melancia, sua polpa (e não sua casca). O mesmo acontece quando dizemos que *o paletó azul tropeçou na calçada*. Em uma história fantástica, através de recursos de personificação, até seria possível considerarmos um paletó tropeçando. Entretanto, no mundo real, sabemos que a frase indica que quem tropeçou, na verdade, foi uma pessoa vestindo o paletó. O paletó azul, nesse caso, é outro exemplo metonímico, com a representação linguística de uma característica saliente de uma pessoa (a vestimenta) representando a pessoa como um todo.

O fenômeno das metonímias será definido como o uso de um elemento A no lugar de um elemento B, havendo uma correlação entre esses elementos (DANCYGIER; SWEETSER, 2014). Assim como para as metáforas, análises mais tradicionais consideram a metonímia um fenômeno puramente linguístico, de substituição: o uso do nome de uma coisa para referenciar outra, associando-as (RADDEN; KÖVECSES, 1999). Entretanto, as metonímias também são um fenômeno de pensamento e de ação, para além da linguagem.

Enquanto as metáforas se constituem de mapeamentos entre diferentes domínios conceituais (fonte e alvo), as metonímias estabelecem uma relação entre partes ou aspectos de um mesmo domínio, chamadas de entidades. Dessa forma, dentro de um mesmo domínio, acessa-se uma entidade alvo a partir de uma entidade fonte (RADDEN; KÖVECSES, 1999). Ao pensarmos na atualização linguística *comemos uma melancia*, por exemplo, temos estabelecida uma relação entre as entidades TODO e PARTE, sendo o *todo* a melancia inteira e a *parte* o que realmente foi ingerido. Ambas as entidades fazem parte do conjunto de experiências que se tem ao comer melancia. O mapeamento metonímico conceitual, com isso, é TODO PELA PARTE, sendo a melancia inteira (o todo) uma representação da polpa, a parte realmente ingerida. Já na atualização linguística *o paletó azul tropeçou na calçada*, há uma relação reversa entre os mesmos domínios. Nesse caso, o mapeamento metonímico conceitual é PARTE PELO TODO, sendo o paletó uma parte mais saliente que representa o todo de uma pessoa.

Diversos outros exemplos podem ser pensados através de diferentes mapeamentos metonímicos mais ou menos específicos (AUTOR PELA OBRA: *Li Shakespeare na quarentena*, EFEITO PELA CAUSA: *Não respeitam minhas rugas e cabelos brancos*, CAUSA PELO EFEITO: *Paguei com meu trabalho*, MARCA PELO PRODUTO: *Comprei um Volvo*, entre outros). De fato, a metonímia é tão presente e recorrente em nosso discurso que, na maioria dos casos, por ser majoritariamente utilizada como um recurso referencial, pouco é avaliada como uma figura de linguagem tão presente na linguagem e no pensamento.

A metonímia não é somente um fenômeno linguístico devido a três fatos: (i) é um fenômeno que reflete uma estrutura conceitual, motivada por princípios cognitivos; (ii) é um processo cognitivo, no qual uma entidade conceitual é acessada através de outra entidade; e (iii) funciona através de um modelo cognitivo idealizado, que inclui, além do conhecimento enciclopédico de uma pessoa sobre um domínio, os modelos culturais que são parte desse domínio (RADDEN; KÖVECSES, 1999). Assim, o processamento metonímico passa a ser compreendido não somente como um fenômeno linguístico referencial, mas também como um fenômeno de nível conceitual, com diferentes funções linguísticas e cognitivas.

Quanto às suas dimensões, a metonímia é um fenômeno mais simples do que a metáfora no *continuum* das figuras de linguagem. Suas dimensões são face metonímica, em relação às suas faces conceituais e linguísticas; familiaridade, relativa à face linguística; e convencionalidade, compreendendo a face conceitual (SIQUEIRA et al., no prelo). Cabe ressaltar que, dada a produtividade linguística das metonímias, medir a familiaridade e a convencionalidade de uma expressão metonímica é uma tarefa um tanto desafiadora. Considerando o “paletó azul” como uma ocorrência linguística que pode ser utilizada tanto literal quanto metonimicamente, medir a sua familiaridade somente na esfera metonímica gera muitas dificuldades ao pesquisador. Quanto à convencionalidade, que compete ao mapeamento, uma atualização linguística do mapeamento PARTE PELO TODO como a do paletó azul pode acontecer com diversas outras características de vestimentas salientes em uma pessoa (vestido azul, sapato azul, meia amarela, casaco laranja, calça verde, etc.), dentro de um contexto. Sendo assim, medir a convencionalidade de uma expressão metonímica geralmente acontece através de atualizações mais prototípicas e comuns de um determinado mapeamento, em uma comunidade linguística.

Atualmente, a metonímia tem recebido bastante atenção nos estudos psicolinguísticos, embora não tanto quanto a metáfora. Em sua maioria, os estudos abordam a aquisição e o processamento do fenômeno, por populações típicas e clínicas (RUNDBLAD; ANNAZ, 2010; VAN HERWEGEN; DIMITRIOU; RUNDBLAD, 2013; FALKUM; RECASENS; CLARK, 2017; VAN HERWEGEN; RUNDBLAD, 2018; KÖDER; FALKUM, 2020). Além disso, é importante notar que parte desses estudos analisa a metonímia em conjunto a outras figuras de linguagem, como a metáfora.

2.3 PROVÉRBIOS

No *continuum* das figuras de linguagem estudadas até então, os provérbios são um fenômeno de maior complexidade. Enquanto o lócus da metáfora e da metonímia pode ser localizado em uma única unidade lexical, como nos exemplos *levei um escanteio* e *comi uma melancia inteira*, respectivamente, o provérbio requer um nível maior, de combinação de palavras, uma vez que sua atualização requer o nível da sentença, como em *há males que vêm para o bem*. Os provérbios, fenômeno central deste trabalho, constituem-se por sentenças que têm um certo grau de rigidez e carregam em seu significado uma moral comum para uma determinada comunidade linguística. Talvez por essa característica social o estudo dos provérbios não seja uma novidade nas análises da linguagem.

Desde a antiguidade, há registros de compilações de provérbios como bens culturais de uma sociedade. Na Bíblia, por exemplo, encontramos um livro de provérbios que se caracteriza como um livro de sabedoria prática, moral, bom senso e bons costumes. Até hoje, a prática de registrar provérbios é bastante comum, havendo dicionários de provérbios com fins culturais, históricos e didáticos e estudos diacrônicos sobre a origem dos ditos e dos valores carregados por eles. Basicamente, abordagens mais antigas e tradicionais tratam o fenômeno dos provérbios somente como uma figura de linguagem cultural que carrega uma moral, restringindo-se ao escopo cultural e linguístico.

Em contraponto a isso, a Linguística Cognitiva postula que os provérbios ilustram uma interdisciplinaridade proposta pelos estudos cognitivos, sendo o fenômeno composto por três grandes prismas: o linguístico, o cognitivo e o cultural. Ditos como *a grama do vizinho sempre é mais verde*, *mais vale um pássaro na mão do que dois voando*, *para bom entendedor, meia palavra basta* e *água mole em pedra dura tanto bate até que fura* expressam um conhecimento moral através da linguagem, mas não se restringem somente a isso. Além de serem utilizados para instruir ações e comportamentos em diversos momentos da vida, os provérbios refletem também esquemas responsáveis pelas bases da linguagem, do pensamento e da ação (GIBBS, 2001, p. 168). Expressamos linguisticamente através dos provérbios um modo comum de organização do pensamento em sociedade.

Provérbios serão aqui definidos como sentenças fixas, não literais e familiares, que expressam normas sociais, morais e verdades bem conhecidas em uma comunidade linguística (GIBBS; BEITEL, 1995, p. 134). Como visto, é uma figura não só de linguagem, mas também de pensamento e de ação, que requer habilidades linguístico-cognitivas sofisticadas e vivência em sociedade para seu processamento e interpretação. Uma criança, por exemplo, ao ouvir pela

primeira vez a frase *a cavalo dado não se olha os dentes*, quando recebe um presente que não lhe agrada, precisa ter habilidades cognitivas de abstração suficientes para compreender que o tópico da frase não é o cavalo e muito menos os seus dentes, mas sim a moral de que devemos sempre agradecer por um presente ou um favor.

Além do fato de carregar uma moral ou um conhecimento social em seu significado, os provérbios também possuem algumas características comuns na sua forma, que facilitam o seu reconhecimento em termos linguísticos e também possuem uma função mnemônica, auxiliando na preservação de tradições eminentemente orais (MOISÉS, 2002). Gibbs e Beitel (Ibid.) indicam que, independentemente da língua, os provérbios podem possuir traços como métrica, rima, rima imperfeita, aliteração, assonância, personificação, paradoxo e paralelismo. De fato, ao listarmos provérbios comuns no português brasileiro, podemos perceber diversos desses traços que os perpassam. Os provérbios *A voz do povo é a voz de Deus* e *Casa de ferreiro, espeto de pau* apresentam, claramente, métrica em sua composição e paralelismo na repetição das palavras *voz* e *de*. Traços de rima podem ser percebidos em ditos como *Escreveu, não leu; o pau comeu* e *Quem canta seus males espanta*. Já o provérbio *Quem com ferro fere, com ferro será ferido* destaca-se pela métrica das suas orações, pelo paralelismo com a repetição da palavra *com*, e pela aliteração, com a repetição constante do fonema /f/ e da sílaba *fe* no início das palavras.

Traços estruturais também são comuns em provérbios de uma mesma língua. Em língua portuguesa, por exemplo, é bastante recorrente a estrutura *Quem X, Y* nos mais diversos provérbios (*Quem ama o feio, bonito lhe parece; Quem com ferro fere, com ferro será ferido; Quem canta seus males espanta; Quem casa quer casa; Quem tem boca vai a Roma; Quem semeia vento colhe tempestade*, entre outros). Características como essa e as mencionadas são muitos importantes no discurso, auxiliando no reconhecimento de sentenças proverbiais (o que não quer dizer que são presentes em todos os provérbios). Outros marcadores linguísticos que antecipam o fenômeno também são comuns no discurso junto aos provérbios, como *como dizem* e *como diz o ditado* (Ibid.).

Em questão de significado, os provérbios costumam refletir valores morais de uma sociedade, bem como questões e princípios do comportamento humano. Conseqüentemente, o fenômeno dos provérbios pode se estender desde ditos mais específicos, que carregam uma moral respectiva a uma comunidade linguística específica, até os mais genéricos, que carregam morais potencialmente universais e, conseqüentemente, podem ser encontrados em línguas diferentes. Provérbios bastante específicos em uma cultura podem ser exemplificados através dos vários ditos populares da cultura gaúcha sul-rio-grandense, que além de não serem tão

transparentes em significado, são construídos através de um léxico próprio dessa cultura. Provérbios como *Se faz de petiço pra comer milho sovado*, *Cavalo de borracho sabe onde o bolicho dá sombra* e *Montado na razão, não se precisa de espora* são exemplos de itens mais direcionados a uma comunidade linguística específica. Provavelmente, se esses ditos fossem utilizados com um público não familiar ao vocabulário e aos costumes específicos da cultura gaúcha, os mesmos não seriam compreendidos.

Da mesma forma, há também provérbios comuns para diversas línguas, não tão dependentes de uma cultura. São esses os provérbios que carregam conhecimentos mais universais ao ser humano, ou seja, relativos às vivências comuns na maioria das sociedades. Para esses ditados, não é necessário um conhecimento cultural tão específico, mas sim um conhecimento de valores culturais gerais, estabelecidos para uma boa vivência em sociedade. Provérbios como *A ocasião faz o ladrão*, *Quem semeia/planta vento colhe tempestade* e *Mais vale um pássaro na mão do que dois voando* são exemplos de ditos com morais universais. Por carregarem conhecimentos comuns da vida em sociedade, tais provérbios podem ser encontrados com equivalências semânticas e estruturais em diversas línguas, como inglês, espanhol e francês (Quadro 1).

Quadro 1 – Exemplos de provérbios equivalentes em línguas diferentes

Português	Inglês	Espanhol	Francês
A ocasião faz o ladrão	<i>Opportunity makes the thief</i>	<i>La ocasión hace al ladrón</i>	<i>L'occasion fait le larron</i>
Quem semeia/planta vento colhe tempestade	<i>Sow the wind, reap the whirlwind</i>	<i>Quien siembra vientos, recoge tempestades</i>	<i>Qui sème le vent, récolte la tempête</i>
Mais vale um pássaro na mão do que dois voando	<i>A bird in the hand is worth two in the bush</i>	<i>Más vale pájaro en mano que ciento volando</i>	<i>Un tiens vaut mieux que deux tu l'auras</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Em termos cognitivos, a existência de provérbios semelhantes em línguas diferentes ilustra um fato muito importante sobre a natureza conceitual dos provérbios: subjacente à sua face linguística, os provérbios tendem a ser motivados por esquemas metafóricos (LAKOFF; TURNER, 1989). Desse modo, um provérbio se constitui através de esquemas que contém informações genéricas e também detalhes específicos e imagens concretas, permitindo que um dito específico seja apropriável para diversas outras situações genéricas. De fato, é isso que acontece com o uso de um provérbio. Utilizamos frases específicas e costumeiramente fixas para as mais diversas situações e contextos.

Para Lakoff e Turner (Ibid.), o que seria responsável por essa relação é um mapeamento metafórico comum a todos os provérbios: GENÉRICO É ESPECÍFICO. Através desse mapeamento, domínios-alvo genéricos são entendidos e instanciados através de diversos domínios-fonte específicos. O provérbio *Quem semeia vento colhe tempestade*, por exemplo, pode ser utilizado em múltiplas experiências, geralmente negativas: quando atingimos resultados negativos em um exame por falta de estudo, quando um amigo provoca uma discussão e recebe uma resposta inesperada, ou quando uma pessoa tem atitudes inadequadas em um conflito e se prejudica por isso. Cada um desses exemplos representa um domínio de uso específico, que permite a atualização do provérbio, uma sentença que contém uma ideia genérica: toda ação tem uma reação.

Sob essa ótica, Lakoff e Turner (Ibid.) indicam que o provérbio não se constitui por uma natureza abstrata, mas sim concreta, imagética e rica em informações. Conforme os autores, tal afirmação se embasa no fato de conseguirmos imaginar diversos exemplos de aplicação de um provérbio quando o vemos isoladamente, fora de contexto. Ainda conforme os autores, essa habilidade só ocorre graças à metáfora conceitual subjacente a todos os provérbios, GENÉRICO É ESPECÍFICO, que faz com que uma categoria inteira de situações seja entendida por uma frase somente, o provérbio.

Além desse mapeamento, Gibbs e Beitel (1995) também apontam a subjacência de outros mapeamentos metafóricos e metonímicos nos provérbios, responsáveis por seus significados figurados. Conforme esses autores, é a percepção dos mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes aos provérbios que faz com que reconheçamos que um dito realmente seja entendido como um provérbio, mesmo que essa percepção dos mapeamentos seja inconsciente por parte da maioria dos falantes.

O provérbio *Onde há fumaça, há fogo*, por exemplo, apresenta pelo menos três mapeamentos subjacentes (dois metafóricos e um metonímico) além do GENÉRICO É ESPECÍFICO: SABER É VER, EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE e EFEITO PELA CAUSA. É altamente provável que essas relações não sejam percebidas por um falante no decorrer de seu discurso, embora aconteçam para que a construção do sentido do provérbio em uso seja realizada. Utilizamos tal provérbio para indicar que, quando há algum indício para uma situação, essa situação é possivelmente verdadeira. No caso de percebermos indícios, costumamos envolver algum dos nossos sentidos, relacionando os domínios de SABER e VER, bem como os de EXISTÊNCIA e VISIBILIDADE. Já no fato de relacionarmos o fogo e a sua consequência, a fumaça, com uma ocorrência e seu efeito, o indício, relacionamos os domínios EFEITO e CAUSA. Para Gibbs e Beitel (Ibid.), é todo esse estabelecimento de relações através

de mapeamentos conceituais que faz com que os provérbios assumam o seu significado figurado no discurso, de acordo com as suas mais diversas ocorrências de uso.

Mesmo com todas essas características, ainda há expressões linguísticas limítrofes no fato de constituírem-se como provérbios. Algumas expressões costumam ser questionadas quando caracterizadas como um tipo específico de linguagem figurada. Um fenômeno bastante próximo aos provérbios no *continuum* da linguagem figurada são as expressões idiomáticas. Estas costumam se caracterizar como expressões menos rígidas do que os provérbios, não se construindo como sentenças, mas sim como expressões geralmente compostas por um verbo e um complemento. Um exemplo de dito que se confunde como provérbio e expressão idiomática é *o gato comeu a sua língua?*, que geralmente é utilizado de maneira fixa, assim como um provérbio, mas não se comporta como tal em termos de significado. O dito *o gato comeu a sua língua?* não apresenta uma moral da mesma forma que os provérbios mais prototípicos. Enquanto um provérbio prototípico como *A ocasião faz o ladrão* carrega o conhecimento social de que agimos negativamente de acordo com a oportunidade, o dito *O gato comeu a sua língua?* é geralmente utilizado como uma provocação a alguém que está quieto, sem carregar uma moral. Assim, percebemos um exemplo concreto do *continuum* de figuras de linguagem proposto pela Linguística Cognitiva. Nesse *continuum*, as figuras de linguagem possuem limites difusos, com exemplos de casos mais centrais e prototípicos, e também mais limítrofes com outras figuras de linguagem (GIBBS; COLSTON, 2012).

Para facilitar o reconhecimento dos provérbios de acordo com suas características, elencamos as seguintes dimensões do fenômeno: familiaridade, convencionalidade, estrutura sintática, complexidade semântica, composicionalidade, mapeamentos conceituais e culturalidade. A familiaridade será definida através da frequência de uso do provérbio em uma comunidade linguística; a convencionalidade, como o quanto os mapeamentos conceituais subjacentes ao provérbio são estabelecidos para uma comunidade linguística. Já a estrutura sintática dos provérbios costuma ser bastante variável, contemplando exemplos estruturados tanto por estruturas nominais, quanto períodos simples e compostos, dentro de uma estrutura sentencial (o que os difere das expressões idiomáticas). A complexidade semântica ocorre de acordo com as palavras que compõem os ditos. Alguns provérbios podem possuir palavras menos comuns, com sentido mais complexo (como *entendedor* ou *ladra*), enquanto outros apresentam léxico de uso mais básico e recorrente. A composicionalidade se define como a soma do significado do léxico de um provérbio. Nesse caso, a maioria dos provérbios tende a ser não-composicional, com um sentido que se difere do significado carregado pelos itens lexicais. Os mapeamentos conceituais, como mencionado anteriormente, podem ser

metafóricos ou metonímicos, mais específicos ou mais genéricos. São estes os responsáveis pelos significados não literais dos provérbios, somados ao fator cultural. A culturalidade, como vimos, é uma dimensão intrínseca e essencial a esse fenômeno, já que ele é uma manifestação cultural de um conhecimento de um povo.

Em suma, provérbios são expressões costumeiramente fixas e sentenciais, que demonstram um conhecimento social e moral. Tradicionalmente, sua natureza é vista como abstrata, quando na verdade os provérbios também são ricos em imagens e informações. Seus significados se compõem por mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes, somados a um fator social e cultural. Dessa forma, para que um provérbio seja processado, é necessário, além da vivência em sociedade, certa habilidade de abstração para que uma sentença genérica seja aplicada aos mais diversos e específicos contextos. Enfim, ao analisarmos a complexidade da natureza de um provérbio, percebemos o quão desafiadora vem a ser sua aplicação em estudos analíticos, sejam eles teóricos ou experimentais. Visto isso, será realizado a seguir um apanhado de estudos proverbiais, na perspectiva da Linguística Cognitiva, discutindo-os brevemente e mapeando o que já foi realizado no âmbito da paremiologia e dos objetivos deste trabalho.

2.3.1 A paremiologia na Linguística Cognitiva

Os provérbios são um fenômeno tão complexo e instigante nos estudos da linguagem, que possuem uma área de estudos somente para si: a paremiologia. A paremiologia é uma área de estudos muito antiga. Zavaglia e Fromm (2017, p. 281) mencionam ter registro de uma primeira publicação paremiológica no Brasil no ano de 1848. De fato, em uma perspectiva diacrônica, nas mais diversas línguas e culturas, é possível encontrar publicações semelhantes a essa, datadas da mesma época. Em suas origens, a paremiologia se restringia a coletâneas de cunho cultural e histórico, que compilavam os provérbios como um bem cultural, de origem social.

Na atualidade, a paremiologia é uma área de estudos muito maior, compreendendo diversas outras modalidades de análise sob as mais diferentes perspectivas. Nesta seção, considerando os prismas linguístico, cognitivo e cultural dos provérbios sob a perspectiva da Linguística Cognitiva e os objetivos deste trabalho, serão apresentados estudos paremiológicos em três divisões linguístico-conceituais: estudos sobre os mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes aos provérbios; estudos de aquisição da linguagem; e estudos clínicos, que tratam da compreensão do fenômeno por diferentes quadros clínicos. Todos os estudos

mencionados foram encontrados através de buscas em bases de dados científicas (*Google Acadêmico, Research Gate, Scielo e Web of Science*).

2.3.1.1 Estudos sobre mapeamentos metafóricos e metonímicos em provérbios

Considerando a face conceitual dos provérbios, diversos pesquisadores afirmam que suas bases metafóricas subjazem a construção dos seus significados nos mais diversos contextos de uso (LAKOFF; TURNER, 1989; GIBBS; BEITEL, 1995). Com base nisso, muitos estudos têm averiguado os provérbios por um viés conceitual, nas mais diferentes línguas e culturas. Em nossa busca, foram encontrados artigos referentes à face conceitual dos provérbios em inglês, português, francês, espanhol, chinês, árabe, croata, japonês, malaio, suaíli, taiwanês, persa, kanuri, e um pidgin nigeriano. Em geral, esses estudos buscam investigar a motivação conceitual de provérbios populares nessas línguas. Em sua maioria, os trabalhos consideram a face conceitual metafórica subjacente aos provérbios. A metonímica, que também será abordada neste trabalho, é menos comum nas análises encontradas.

São diversas as motivações para a realização dos trabalhos encontrados, detalhados a seguir. Alguns analisam mapeamentos conceituais comuns a provérbios de uma mesma língua, às vezes restringindo-os a núcleos semânticos específicos, como animais e comida. Há também os que comparam mapeamentos presentes em provérbios de diferentes línguas, analisando semelhanças e diferenças motivadas pelo fator cultural do fenômeno. Em comum, todos apresentam o consenso de que a cultura é um fator de extrema importância na análise dos provérbios, com uma forte interferência dela na face conceitual do fenômeno.

Um número considerável de análises sobre provérbios compostos por metáforas conceituais relativas a animais foi encontrado. Assim, comportamentos e relações humanas, que tendem a ser mais complexos, são entendidos em termos de comportamentos e relações animais, que geralmente possuem padrões e estereótipos. Analisando somente uma língua, Kobia (2016) realiza uma análise sobre galinhas em provérbios e mapeamentos metafóricos subjacentes na língua suaíli, já que esse animal possui bastante prestígio nessa cultura. Seus resultados indicam uma dependência cultural tanto para a interpretação do significado dos ditos, quanto para os animais que serão utilizados para representar comportamentos e padrões humanos.

Comparando duas línguas, Muhammad e Rashid (2014) estudam provérbios e metáforas do malaio e do inglês, relativos a gatos. Através de um levantamento de diferenças e semelhanças no significado associado às metáforas nos provérbios, as análises mostram que há

poucos significados comuns entre essas duas línguas, embora, em ambas, gatos são vistos como autoritários, fortes, perigosos e não confiáveis. Já em espanhol e inglês, Moreno (2005) realiza um estudo sobre provérbios e seus mapeamentos metafóricos e metonímicos relativos a cachorros. Nessa análise, são encontrados provérbios com e sem equivalência em estrutura linguística e conceitual, com elementos dependentes da cultura das comunidades linguísticas que os utilizam. Semelhantemente, Sameer (2016) compara provérbios de cachorros e cavalos em inglês e árabe. Seus resultados indicam que os provérbios analisados possuem equivalência semântica, implicando os mesmos mapeamentos metafóricos e metonímicos, atualizados através de diferentes estruturas linguísticas. Para o autor, os mapeamentos metafóricos e metonímicos são os responsáveis pelas origens das implicaturas geradas pelos provérbios, compondo os seus significados.

De forma mais geral, sem abranger núcleos semânticos de animais específicos, Liu (2013) constrói uma análise sobre provérbios e seus mapeamentos com animais nas línguas inglesa e chinesa. Embora haja alguns provérbios equivalentes, compostos por mapeamentos e animais equivalentes, a autora aponta que muitos provérbios com animais dependem da cultura da comunidade linguística que os utiliza para adquirir significado com conotação mais positiva ou negativa. Um animal que, nas culturas ocidentais, traz um significado positivo a um dito, pode carregar um significado negativo em outro dito, em uma cultura oriental, por exemplo. Assim, mais uma vez, retoma-se o conceito de que os animais podem, dependendo do valor cultural que possuem, produzir associações e sentidos metafóricos equivalentes ou distintos em diferentes localizações. Em língua portuguesa e francesa, Fonseca (2017) analisa unidades fraseológicas em geral, como expressões idiomáticas e provérbios, e suas motivações metafóricas. Em seus achados, a autora percebe que características de forma e de modo de vida dos animais motivam fortemente a sua escolha para a constituição das expressões linguísticas e das metáforas que as compõem. Além disso, há também uma forte dependência de elementos culturais nessas motivações.

A natureza não humana dos provérbios também é investigada por Idegbekwe (2017), no pidgin nigeriano, originado de um conjunto de línguas indígenas mescladas com a língua inglesa. O autor percebe que a maioria dos provérbios utilizados nessa comunidade carrega atributos não humanos para refletir comportamentos humanos através de animais como macacos, elefantes e tartarugas, além de outros elementos comuns da natureza da comunidade. Segundo esse autor, a riqueza desses ditos encontra-se justamente no fato de carregarem, através de elementos culturais comuns, valores e morais de um grupo social.

Há também estudos referentes a outros núcleos semânticos, como alimentação. Em muitas línguas, diversos provérbios são encontrados utilizando conhecimentos do domínio *alimentos*, representando normas morais e sociais. Lu (2012) trata de provérbios em taiwanês, japonês e inglês, relativos à alimentação. Dentre esses provérbios, o número de mapeamentos encontrados é muito diferente de acordo com as línguas. Assim, Lu demonstra possíveis diferenciações culturais através desses provérbios e metáforas, além de apontar para questões polissêmicas de alguns vocábulos que podem influenciar nos mapeamentos identificados. Além de Lu (2012), há também o trabalho de Faycel (2012), que investiga a face conceitual de alimentação em provérbios árabes. Nessa análise, são encontradas três grandes metáforas subjacentes: UM SER HUMANO É COMIDA, A VIDA É COMIDA e EMOÇÕES SÃO COMIDA. Mapeamentos metonímicos também são encontrados, principalmente nos provérbios relacionados a emoções.

Ainda, realizam-se diversos outros estudos em relação aos provérbios e sua natureza conceitual em outros campos semânticos. Mele (2013) analisa provérbios na língua kanuri, verificando combinações de fenômenos naturais e do ambiente com experiências sociais da comunidade Kanuri. O autor indica que as relações metafóricas e metonímicas são essenciais para o sentido dos provérbios, já que criam imagens mentais diversas que refletem elementos culturais, atitudes do cotidiano, gênero, moralidade e outras experiências. Buljan e Gradečak-Erdeljić (2013) selecionam provérbios de emoções em língua inglesa e croata, comparando-os em termos de mapeamentos subjacentes e representações esquemáticas, formuladas pelas autoras. É indicado, conforme as análises das autoras, que não é necessário preocupar-se com conhecimentos mais universais ou folclóricos, já que essa dicotomia se desfaz na abordagem da Linguística Cognitiva. Aliakbari e Khosravian (2013) analisam, em persa, provérbios com termos de cores e a sua natureza conceitual. Em seus resultados, a maioria dos provérbios se relaciona a cores como preto e branco. Verde e vermelho são cores percebidas, majoritariamente, como positivas, enquanto preto, amarelo e violeta como negativas. Mais uma vez, são apontados resultados extremamente dependentes da cultura. Lemghari (2017) relaciona a polissemia dos provérbios com os seus mapeamentos metafóricos. Nesse caso, a polissemia seria motivada pelos mapeamentos. Os provérbios, para o autor, são estáveis em sentido, para que sejam aprendidos e entendidos, mas polissêmicos de acordo com suas aplicações em contextos diferentes. Por final, há também uma análise mais discursiva, de Iftitah (2018), que estuda como o elemento da metáfora nos provérbios em língua inglesa revela a identidade da mulher, examinando os domínios dos mapeamentos metafóricos subjacentes aos provérbios selecionados. Tal análise revela que as metáforas subjacentes aos provérbios estudados

representam a não igualdade dos gêneros, com a mulher sendo limitada pela beleza dos padrões ingleses, ou como uma figura pertencente aos homens.

Em língua portuguesa, foram encontrados um estudo sobre o português de Portugal (LANOVIĆ; VARGA, 2015) e dois sobre o português brasileiro (RAMOS, 2017 e SIQUEIRA et al., 2017). Lanović e Varga (2015) analisam a motivação do significado de unidades fraseológicas (expressões idiomáticas e provérbios) sobre o mar, que é um elemento muito presente na cultura portuguesa, através de mapeamentos metafóricos subjacentes a elas. O que as autoras percebem é que a maioria dessas unidades são motivadas pela metáfora A VIDA É UMA VIAGEM MARÍTIMA, devido às características histórico-culturais de Portugal. Em terras brasileiras, Ramos (2017) constrói e aplica uma proposta didática sobre a conscientização das metáforas conceituais em provérbios comuns do português brasileiro, voltada à compreensão leitora de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. A proposta é centrada na leitura de provérbios, comprometida a ampliar os sentidos da leitura desse fenômeno. Os resultados da aplicação dessa sequência didática mostram que a consideração de aspectos linguísticos e extralinguísticos de forma interativa em sala de aula auxiliam a desenvolver melhores estratégias de compreensão leitora. Por final, Siqueira et al. (2017) analisam os mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes aos seis provérbios da Tarefa de Compreensão de Provérbios do COMFIGURA, com evidências de validade aqui apontadas. A partir desse estudo, houve parte da inspiração para a realização da primeira análise contemplada por esta dissertação, sobre a percepção da população sobre os mapeamentos subjacentes em cada provérbio.

Em geral, são diversos os estudos que abordam a composição metafórica e metonímica dos provérbios e sua dependência cultural. Porém, não foram encontrados estudos que realizassem uma análise psicolinguística sobre a percepção dos mapeamentos subjacentes aos provérbios, aos moldes do que será proposto pelo Estudo 1, aqui realizado. Através de um apontamento de mapeamentos previamente realizado (SIQUEIRA et al., 2017) e aprimorado, pretendemos construir, no Estudo 1, uma análise de como esses mapeamentos são aparentes para falantes de português brasileiro no significado prototípico dos provérbios da Tarefa de Compreensão de Provérbios do COMFIGURA.

2.3.1.2 Estudos de aquisição, produção e processamento da linguagem

Como visto, o fenômeno dos provérbios possui uma complexidade maior, em termos de dimensões, do que outros fenômenos da linguagem figurada. Conforme ilustramos no decorrer

da seção, é um fenômeno que possui três faces interdependentes, além de uma gama de dimensões que o compõem, fazendo com que sua compreensão e produção exija um processamento linguístico de maior complexidade, envolvendo fatores culturais e conceituais. Por esse viés, muitas pesquisas têm sido realizadas em busca de um melhor entendimento sobre como acontece o desenvolvimento desse fenômeno na aquisição e no desenvolvimento da linguagem.

Nesse âmbito, os trabalhos de Nippold e colegas ganham um lugar de destaque (NIPPOLD; HAQ, 1996; NIPPOLD et al., 1998; NIPPOLD; ALLEN; KIRSCH, 2000; YOON; SCHWARTZ; NIPPOLD, 2016; NIPPOLD; UHDEN; SCHWARTZ, 1997). Desde o final do século XX, Marilyn Nippold tem se dedicado ao estudo da compreensão de linguagem figurada por todas as faixas do ciclo vital, abordando o fenômeno dos provérbios em muitos de seus experimentos. No geral, esses experimentos costumam indicar que os provérbios são melhor compreendidos ao final da infância, no início da adolescência, já que geralmente é nessa fase que as morais e o conhecimento cultural de uma sociedade conseguem ser processados e abstraídos para que façam sentido em uma frase específica da linguagem.

Um de seus primeiros estudos unicamente sobre a compreensão de provérbios avalia fatores importantes para a compreensão desse fenômeno por crianças e adolescentes em fase escolar: concretude e familiaridade (NIPPOLD; HAQ, 1996). Através desses dois fatores, um instrumento de compreensão de provérbios foi desenvolvido, vindo a ser utilizado e adaptado por muitos estudos posteriores. A amostra selecionada é composta por alunos de 5º, 8º e 11º ano, falantes de inglês. Como resultado, conclui-se que a compreensão de provérbios aumenta de acordo com a idade e com a série escolar. Além disso, também se percebe que as expressões mostraram diferentes graus de dificuldade de acordo com a sua natureza: quanto mais abstrato e menos familiar o provérbio, mais difícil é a sua compreensão.

Posteriormente, esse estudo foi replicado por Nippold et al. (1998). Com o objetivo de examinar a compreensão de provérbios por estudantes das mais diversas faixas etárias, as autoras aprimoram o instrumento desenvolvido em 1996, apontando evidências de validade e confiabilidade. No estudo, a amostra é composta por alunos do 6º, 8º, 10º e 12º ano, falantes de inglês. Em sua análise, as autoras chegam a resultados muito semelhantes aos do estudo de 1996. Novamente, a compreensão do fenômeno aumenta com a idade, e provérbios abstratos são menos compreendidos do que os concretos. O diferencial, nesse estudo, é uma percepção de que a compreensão de provérbios segue se desenvolvendo na idade adulta.

Investigando o que pode motivar a compreensão de provérbios, Nippold, Allen e Kirsch (2000) avaliam o quanto o conhecimento prévio de substantivos em provérbios não familiares

se associa à compreensão das expressões. Assim, também verificam se há relação entre compreensão de provérbios e conhecimento de mundo, no período do final da infância ao final da adolescência. Para isso, adolescentes de 12, 15 e 18 anos foram entrevistados. Em todos os grupos, há associação entre conhecimento de mundo e compreensão de provérbios. Assim como nos estudos anteriores, há melhor desempenho de acordo com o aumento da idade e também em provérbios mais concretos. Provérbios mais abstratos são bem compreendidos somente por volta dos 18 anos.

Retomando a importância da concepção cultural e do conhecimento de mundo, Yoon, Schwarz e Nippold (2016) examinam diferenças culturais no desenvolvimento de imagens mentais evocadas por provérbios e na compreensão de provérbios com e sem contexto por alunos de 5º e 8º ano de ensino básico, e de ensino universitário na Coreia do Sul e nos Estados Unidos. Em ambas as culturas, o desempenho aumenta com a idade. Diferenças interculturais são percebidas principalmente nos alunos mais novos. No 5º ano, coreanos obtêm um desempenho melhor do que americanos. Tais resultados podem demonstrar diferenças na forma como provérbios são tratados na escola. As autoras afirmam que provérbios são estudados desde cedo na escola coreana, o que converge com estudos prévios, que indicam que sociedades orientais tendem a usar mais provérbios no discurso do que as ocidentais. Nesse caso, coreanos recebem maior instrução e exposição. Por consequência, o estudo mostra uma forte dependência cultural nos escores das tarefas.

Ainda, Nippold, Uhden e Schwartz (1997) estudam, também, faixas etárias mais diversificadas. Através de participantes adolescentes, adultos e idosos, foi investigada a compreensão de provérbios de baixa familiaridade. Como marcadores de idade, as autoras destacam um pico de compreensão por volta dos 20 anos de idade, estável até a faixa dos 50 anos. Um declínio na compreensão do fenômeno é percebido por volta dos 60 e 70 anos de idade, envolvendo, provavelmente, declínio em funções executivas específicas, relacionadas à habilidade linguística.

Além de Nippold, outros estudiosos também desenvolvem pesquisas sobre a compreensão dos provérbios e o envelhecimento. Em alemão, Uekermann, Thoma e Daum (2008) avaliam, neurolinguisticamente, a relação entre a compreensão de provérbios, funções executivas, e o envelhecimento, por três faixas etárias (adultos jovens, de até 40 anos, adultos de meia idade, de 41 a 57 anos, e idosos). Conforme o esperado, o grupo de participantes mais velhos mostra maior dificuldade nas tarefas tanto de compreensão de provérbios, quanto nas de funções executivas, principalmente de memória de trabalho e de controle inibitório.

Motivados por Nippold, outros pesquisadores estudam o fenômeno dos provérbios na aquisição da linguagem. O trabalho de Duthie et al. (2008) avalia, em inglês americano, a produção de imagens mentais evocadas por provérbios concretos por crianças, adolescentes e adultos, de 11 a 29 anos. São encontradas, novamente, diferenças de acordo com a idade. Quanto maior a idade, melhor a compreensão dos provérbios. Já na produção de imagens mentais, crianças e adultos apresentam imagens mentais mais relevantes quando compreendem bem um provérbio. Com o aumento da idade, as imagens mentais também tendem a ser mais metafóricas, o que também demonstra uma maior habilidade de abstração por parte dos participantes mais velhos.

Em um viés mais social, Brown e Wright-Harp (2011), buscando por motivações culturais para a compreensão de provérbios em língua inglesa, desenvolvem um instrumento de reconhecimento de expressões de origem afro-americana. O instrumento foi aplicado a adultos afro-americanos e americanos brancos, com objetivo de avaliar se haveria diferença no desempenho desses grupos de participantes. Os resultados apresentam um maior número de expressões reconhecidas pelo grupo de afro-americanos, por serem parte de sua cultura. O desempenho, mais uma vez, aumenta com o fator da idade dos participantes. Variáveis demográficas como idade e exposição ao contexto cultural, com isso, tendem a ser muito importantes no estudo de provérbios.

Em língua portuguesa, somente quatro estudos foram encontrados (SILVA; LOMÔNACO, 1995; FERNANDES, 2018; FERRARI; SIQUEIRA, 2020; ANDRADE, 2020). No português europeu, Fernandes (2018) avalia o papel da familiaridade, da idade e da escolaridade na compreensão do fenômeno. Para isso, um instrumento é desenvolvido e aplicado a jovens e idosos de baixa e alta escolaridade. Em seus resultados, o autor percebe que, em toda a amostra entrevistada, provérbios mais familiares são melhor compreendidos. Quanto à familiaridade e à idade, quanto maior a idade, maior tende a ser a familiaridade reportada sobre os provérbios. Já para a interpretação dos provérbios, jovens de maior escolaridade obtêm resultados melhores na tarefa, enquanto jovens de baixa escolaridade obtêm os piores resultados. Conforme o autor, a baixa escolaridade e a menor idade dos jovens, que possuem menos experiência linguística do que os idosos de baixa escolaridade, podem ser responsáveis por uma menor variedade lexical que os prejudica ao gerar as respostas de interpretação.

No português brasileiro, os trabalhos de Silva e Lomônaco (1995), Ferrari e Siqueira (2020) e Andrade (2020) foram encontrados. Silva e Lomônaco (1995) desenvolvem e apontam evidências de validade de um instrumento de avaliação de tipos de pensamento na interpretação de provérbios altamente familiares. Nos resultados, após a aplicação do instrumento a crianças

e adolescentes, os autores apresentam um teste considerado de alta precisão e valor diagnóstico. Embora não haja a discussão da interpretação dos resultados em termos de desenvolvimento linguístico, os resultados apresentaram diferenças significativas entre os grupos de idade. Ferrari e Siqueira (2020) analisam a compreensão de provérbios por crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental e adultos, através do Instrumento de Compreensão de Provérbios do COMFIGURA. Em seus resultados, há efeito de idade e tipo de pergunta. Os acertos dos participantes aumentam de acordo com o aumento da idade, assim como nos demais estudos apontados. O tipo de pergunta realizado também se mostrou de grande importância no estudo, com melhor desempenho nas perguntas fechadas. Andrade (2020), por sua vez, desenvolve e aponta evidências de validade de um teste de compreensão oral, que inclui vocabulário, compreensão de frases, de histórias e de linguagem figurada. Na seção de linguagem figurada, há uma tarefa específica sobre a compreensão de provérbios. A tarefa foi aplicada a crianças do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Como resultado, a autora percebe que a compreensão de provérbios aumenta de acordo com o ano escolar e apresenta correlação positiva com as habilidades de compreensão oral.

Em resumo, são diversos os estudos a respeito da compreensão de provérbios na aquisição da linguagem e nas demais faixas do ciclo vital. Dentre todos, há o consenso de que a compreensão de provérbios é uma habilidade que melhora de acordo com o aumento da idade, devido à sua complexidade de processamento e produção. Por envolver habilidades de abstração e conhecimento social, é esperado que crianças pequenas apresentem maiores dificuldades de compreensão desse fenômeno, desenvolvendo-a de acordo com uma maior exposição e capacidade de abstração.

2.3.1.3 Estudos clínicos

Devido à sua alta complexidade de compreensão, os provérbios também são amplamente estudados com populações clínicas diversificadas. Na busca aqui realizada, foram encontrados estudos sobre a compreensão de provérbios por portadores da doença de Alzheimer, demência vascular, síndrome de Asperger, dificuldades de aprendizagem, esquizofrenia, agenesia do corpo caloso, afasia, traumatismo craniano e lesões no córtex pré-frontal, em línguas variadas. Através de diferentes métodos e experimentos, os estudos costumam demonstrar prejuízo na compreensão de provérbios por condições clínicas, já que nas condições abordadas, a habilidade de abstração também é prejudicada.

Desde o final do século XX, muitos estudos vêm relacionando a compreensão de provérbios à doença de Alzheimer. De fato, a maioria dos estudos mais recentes encontrados retrata a compreensão de provérbios por esse quadro clínico (LINDHOLM; WRAY, 2011; SANTOS et al., 2008; SANTOS; SOUGEY; ALCHIERI, 2009; COUTO et al., 2011; SÉ, 2011). Em sueco, Lindholm e Wray (2011) analisam o desempenho de pessoas com demência desenvolvida por Alzheimer e demência vascular, em jogos de memória de provérbios. Na região das autoras, é comum o uso de jogos semelhantes com pacientes portadores da doença de Alzheimer, tanto por lazer quanto como estímulo linguístico. Conforme as autoras, jogos que estimulam somente memória não são tão adequados nem para o lazer, nem como estímulo linguístico, já que causam frustração aos pacientes que não conseguem alcançar as respostas esperadas. Embora tais jogos ofereçam momentos de interação, eles não auxiliam portadores de Alzheimer tanto quanto poderiam se apresentassem exercícios de interpretação e compreensão de linguagem.

Em língua portuguesa, quatro estudos sobre a doença de Alzheimer foram encontrados. Santos et al. (2008) e Santos, Sougey e Alchieri. (2009) tratam da construção e da indicação de evidências de validade e confiabilidade de um teste de compreensão de provérbios destinado ao rastreio da doença de Alzheimer em idosos. O teste, composto por um jogo de memória e interpretação de provérbios, é aplicado a idosos de grupo clínico e neurotípico em ambos os estudos, com a comparação dos seus resultados a outros testes diagnósticos padronizados. Nas duas pesquisas, houve correlação positiva forte com os outros testes utilizados, o que é um bom indicador sobre o teste desenvolvido. No trabalho de 2008, os autores encontram influência da idade e da condição clínica na compreensão de provérbios, com prejuízo no grupo clínico. No estudo de 2009, mais voltado às medidas psicométricas do teste, todos os resultados indicam propriedades psicométricas fortes, constituindo o teste desenvolvido como um bom instrumento para o rastreio da doença de Alzheimer.

Posteriormente, Couto et al. (2011) buscam analisar o impacto do tamanho das sentenças na abstração de provérbios por idosos com doença de Alzheimer em fase inicial, utilizando o mesmo teste desenvolvido por Santos et al. (2008). Comparando os resultados encontrados pelo grupo clínico com os de um grupo de idosos neurotípicos, os autores verificam que os idosos do grupo clínico apresentaram menor capacidade de abstração de provérbios. Em relação ao tamanho da sentença, provérbios menores são melhor abstraídos por ambos os grupos de participantes. Por final, Sé (2011) avalia a significação na interpretação de provérbios por sujeitos idosos, com suspeita de doença de Alzheimer leve, e por um grupo controle. Seus resultados indicam que os portadores de Alzheimer leve apresentam interpretações relevantes

de provérbios, embora sua compreensão seja mais literal do que os participantes de grupo controle.

Também são comuns os trabalhos que abordam a compreensão de provérbios por esquizofrênicos (BRÜNE; BODENSTEIN, 2005; SPONHEIM et al., 2003; KIANG et al., 2007; THOMA et al., 2009; HAAS et al., 2015). Em alemão, Brüne e Bodenstein (2005) avaliam a relação da compreensão de provérbios com outras funções cognitivas, como teoria da mente, funções executivas e inteligência. As autoras indicam correlação forte entre compreensão de provérbios e as demais habilidades cognitivas estudadas. Conforme as autoras, já que a compreensão de provérbios exige a habilidade de inferir estados mentais, a teoria da mente é uma habilidade fortemente relacionada a esse fenômeno da linguagem figurada.

Ainda em alemão, Thoma et al. (2009) avaliam a compreensão de provérbios e sua relação com funções executivas por esquizofrênicos, dependentes alcoólicos e um grupo controle. Dentre os três grupos, o grupo de esquizofrênicos obtém o pior desempenho na tarefa de compreensão de provérbios. Em relação às funções executivas investigadas, ambos os grupos clínicos obtêm déficit no desempenho. Tais resultados sugerem que o grupo de esquizofrênicos possui desvios mais severos de funções cognitivas mais complexas, especialmente linguísticas.

Em inglês, Sponheim et al. (2003) verificam a relação da compreensão de provérbios e sua abstração com outras funções cognitivas. Em seus resultados, percebem que a habilidade de abstração nos provérbios está muito relacionada às funções cognitivas avaliadas. Além disso, os autores também apontam uma possibilidade de disfunção do pensamento por parte da condição clínica devido ao tipo de resposta fornecido na interpretação dos provérbios. Kiang et al. (2007) analisam correlações entre a compreensão de provérbios, sintomas de desorganização semântica e déficits de memória de trabalho por esquizofrênicos e por um grupo controle. Nos resultados, há um desempenho pior por parte do grupo clínico, com respostas menos exatas e pouco abstratas na tarefa de compreensão de provérbios. Há também correlação significativa com a memória de trabalho. Conforme os autores, é possível que isso aponte para uma síndrome relacionada a disfunções generalizadas do córtex frontal. Ainda, Haas et al. (2015) verificam a interpretação de quatro provérbios comuns da língua inglesa em esquizofrênicos e em um grupo controle. Assim como nos demais estudos, a condição clínica apresenta mais dificuldade nos resultados. Por isso, os autores sugerem que aspectos pragmáticos são mais vulneráveis em esquizofrênicos do que outras habilidades verbais, tanto em termos de compreensão quanto produção.

Três estudos também foram encontrados relacionando afasia à compreensão de provérbios (ULATOWSKA et al., 2000; CAZELATO, 2003; CAZELATO, 2008). Ulatowska

et al. (2000) avaliam, em polonês, a compreensão de provérbios por afásicos. Em seus achados, os autores indicam que há um leve prejuízo na compreensão dos provérbios por parte do grupo clínico, com boa parte do conhecimento dos provérbios preservado. Em língua portuguesa, Cazelato (2003, 2008) encontra resultados semelhantes, com a compreensão de provérbios dos afásicos entrevistados preservando processos discursivos, inferenciais e cognitivos.

Outras condições clínicas também costumam ser relacionadas à habilidade de compreensão de provérbios. Moran, Nippold e Gillon (2006) verificam, em língua inglesa, a relação da compreensão de provérbios de baixa familiaridade com a memória de trabalho em adolescentes com traumatismo craniano. Há pior desempenho por parte dos participantes clínicos, com influência da memória de trabalho em todos os participantes, independentemente do grupo. Tais resultados indicam que provérbios possivelmente exigem maiores demandas da memória de trabalho para serem interpretados, ainda mais se não forem familiares.

Rehmel, Brown e Paul (2016) relacionam o fenômeno à condição de agenesia do corpo caloso. A performance do grupo clínico foi comparada a um grupo controle em dois testes de compreensão de provérbios. Como nos demais estudos, o grupo clínico tem um desempenho pior em ambos os testes, com bastante diferença nas respostas que exigiam interpretação. Em questões de múltipla escolha, há uma diferença menos pronunciada. Assim, também há o apontamento da importância do tipo de pergunta realizado nos testes de compreensão de linguagem. Tarefas de múltipla escolha, pela sua natureza, tendem a apresentar melhores resultados do que tarefas com perguntas abertas.

Sabendo que o córtex frontal é a parte do cérebro responsável pelo pensamento mais abstrato, também foi encontrado um estudo neurolinguístico em língua inglesa sobre lesões no córtex frontal e compreensão de provérbios. Murphy et al. (2013) comparam o desempenho de pacientes com lesões no córtex pré-frontal com um grupo controle em uma tarefa de interpretação de provérbios. A localização das lesões dos participantes foi um importante fator de controle, já que os únicos que apresentaram déficits de compreensão foram os que possuíam lesão na região média frontal e esquerda pré-frontal, em comparação aos participantes do grupo controle ou que possuíam lesões em outras regiões. Assim, os autores acreditam que há regiões específicas no cérebro que contribuem mais com a compreensão de provérbios.

McCrimmon et al. (2012) avaliam a compreensão de provérbios através de um subteste, que faz parte de um teste maior de funções executivas, por portadores da síndrome de Asperger. Foram examinados adolescentes portadores da síndrome e um grupo controle. Nesse estudo, não há diferença significativa entre os grupos. Conforme os autores, o teste utilizado apresenta provérbios muito populares, não sendo uma boa medida para avaliar habilidades

sociocomunicativas desse quadro clínico. Todos os outros testes realizados por esse estudo apresentaram resultados significativos, com prejuízo para o grupo clínico.

Condições clínicas de menor gravidade também já foram consideradas no estudo do fenômeno dos provérbios. Berman e Ravid (2010) estudam a interpretação de provérbios não familiares e não convencionais em hebraico, por participantes neurotípicos e com dificuldades de aprendizagem de 4º e 8º ano do ensino básico. Os grupos foram divididos de acordo com o status socioeconômico dos estudantes e a condição clínica. Seus resultados indicam que a performance dos participantes melhorou com a idade e com a escolaridade em todos os grupos. Escores menores foram apresentados pelos grupos clínico e de menor status socioeconômico. Nesses grupos, foi constatada maior dificuldade em integrar informações de contexto e processamento abstrato.

Foram encontradas, também, duas revisões de literatura sobre figuras de linguagem e condições clínicas (RAPP; WILD, 2011; SIQUEIRA; MARQUES; GIBBS, 2016). Ambas convergem nas considerações apresentadas: nos estudos sobre a compreensão de linguagem figurada em condições clínicas, a maioria dos trabalhos aborda a doença de Alzheimer e, em relação à compreensão de provérbios, grupos clínicos tendem a apresentar um desempenho pior do que grupos controle. Complementarmente, Siqueira, Marques e Gibbs (2016) destacam o fato de o desempenho dos participantes estar profundamente relacionado ao tipo de teste utilizado, bem como ao tipo de questão apresentada por esses testes.

Como visto no decorrer da seção, diversas pesquisas sobre a compreensão de provérbios por populações clínicas já foram realizadas, compreendendo uma gama de línguas, metodologias, testagens e patologias. Dentre todas essas pesquisas, a maioria converge no apontamento de que, por razões diversas, pessoas com condições clínicas que afetam o processamento cognitivo tendem a apresentar dificuldades na habilidade da compreensão dos provérbios, que são um fenômeno que exige habilidades mais complexas de processamento. Sendo assim, déficits na compreensão do fenômeno dos provérbios podem servir como um indicador, para os mais diversos profissionais, no diagnóstico das mais distintas patologias. Nesse sentido, uma tarefa de compreensão de linguagem figurada padronizada e com evidências de validade em língua portuguesa contribuiria para o processo diagnóstico.

Tendo isso em vista, no próximo capítulo serão abordados alguns conhecimentos psicométricos necessários para o desenvolvimento de tarefas de compreensão de linguagem figurada. Mais especificamente, trataremos das evidências de validade dos instrumentos, ou seja, do estudo de evidências que fundamentam os resultados encontrados, indicando que o teste realmente mede aquilo que se propõe a medir.

3 A PSICOMETRIA NO DESENVOLVIMENTO DE TAREFAS PSICOLINGÜÍSTICAS DE COMPREENSÃO DE LINGUAGEM FIGURADA: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE

Estudar os fenômenos da linguagem figurada, bem como sua produção, compreensão e processamento, é lidar com expressões e elementos linguístico-cognitivos muito utilizados em nossa linguagem cotidiana. Um desafio adicional no estudo da linguagem figurada surge quando tocamos no tópico sensível da avaliação. Desenvolver um instrumento de avaliação de conhecimentos linguísticos não é uma tarefa simples, ainda mais quando esses conhecimentos envolvem cognição e cultura e não há instrumentos padrão-ouro semelhantes. Uma vez que é essa a situação encontrada em língua portuguesa na avaliação da linguagem figurada, houve a necessidade de desenvolver um instrumento para suprir essa lacuna.

A avaliação de qualquer processo psicológico, que abarca também os conhecimentos linguísticos, tem sido estudada há muito tempo (HUTZ, 2015, p. 11). Como desenvolver instrumentos que realmente avaliam construtos psicológicos? Como saber se estou medindo o que realmente me proponho a medir? Como desenvolver um instrumento com pouca influência de outros construtos? Diante dessas e de tantas outras perguntas possíveis no contexto da avaliação psicológica, há uma área da psicologia responsável pelo desenvolvimento de instrumentos que visam aferir conhecimentos e/ou habilidades: a Psicometria. A Psicometria é uma área específica para o desenvolvimento de medidas psicológicas, que oferece uma forma estável de mensuração e preza pela uniformização dos testes psicológicos. Em outras palavras, é uma via científica confiável de desenvolver um teste psicológico e linguístico de maneira uniforme, a fim de obter resultados mais precisos, válidos e fidedignos (URBINA, 2007; PASQUALI, 2010).

Em busca de uma padronização em todas as etapas da construção de instrumentos psicológicos, Pasquali (2010) desenvolve um modelo de elaboração de instrumentos, englobando desde o seu planejamento através de um arcabouço teórico, até as fases finais de normatização. Tal modelo é dividido em três diferentes etapas: procedimentos teóricos, empíricos e analíticos. Os procedimentos teóricos se iniciam com as definições teóricas dos construtos abordados pelo instrumento, findando em sua elaboração e análise de itens em um estudo piloto. Os procedimentos empíricos abordam a aplicação do instrumento, iniciando sua fase de validação. Já os procedimentos analíticos buscam analisar os resultados da aplicação, concluindo a validação e, se necessário, resultando na normatização do instrumento. Neste trabalho, que busca sugerir evidências de validade de um instrumento de compreensão de

provérbios, o modelo de Pasquali (Ibid.) será adotado. Ainda que os procedimentos teóricos desse modelo tenham sido utilizados desde as primeiras etapas de construção do instrumento, os procedimentos empíricos e analíticos serão mais abordados devido aos objetivos do trabalho.

Enquanto nos procedimentos teóricos busca-se selecionar e definir operacionalmente um construto, com o desenvolvimento posterior de um instrumento que represente esse construto, os procedimentos empíricos e analíticos abordam as fases subsequentes de construção de um instrumento baseado em construto: a validação e a normatização, quando necessário. Planeja-se e realiza-se uma aplicação, de acordo com os objetivos do instrumento, e, posteriormente, analisam-se seus resultados. A partir desses resultados, serão indicadas as evidências de validade e os índices de precisão do instrumento.

Sugerir evidências de validade de um instrumento psicológico sempre foi um tópico central nos estudos da psicometria, afinal, é a partir da validação que o instrumento se confirma, ou não, como uma boa ferramenta para os usos propostos. Conforme o documento orientador *Standards for Educational and Psychological Testing* (AMERICAN EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION; AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION; NATIONAL COUNCIL ON MEASUREMENT IN EDUCATION, 2014, p. 11), o conceito de validade de um instrumento se define como “o grau em que evidências e a teoria embasam a interpretação dos escores de um teste para um uso específico.”⁷. Popularmente, os psicometristas definem a validade como o quanto um teste mede aquilo que se propõe. Para que se consiga apontar evidências de validade, o processo da validação parte da teoria e dos resultados do teste para verificar se o teste realmente serve como um instrumento eficiente de avaliação.

Embora definir o processo de validação pareça ser algo fácil, essa noção apresentou-se como um conceito diferente do que é hoje até pouco tempo atrás. Desde as suas origens, na década de 20, o conceito de validação já passou por diversas reformulações, divisões e subdivisões (PACICO; HUTZ, 2015, p. 71). Em um sentido mais amplo, a validação sempre foi analisada como um indicador da acuidade do teste. No passado, psicometristas buscavam dividir a validação em tipos distintos, específicos para diferentes usos de um mesmo teste. Até hoje, na literatura psicométrica, uma busca simples por tipos de validade pode retornar inúmeras categorias específicas e diversas entre si, dependendo da fonte consultada, tais como validade de conteúdo, critério, concorrente, fatorial, lógica, etc. Pasquali (2007, p. 99), em uma busca semelhante, encontrou 31 registros de tipos diferentes de validade, o que restringe o conceito a

⁷ Tradução nossa. Trecho original: “Validity refers to the degree to which evidence and theory support the interpretations of test scores for proposed uses of tests.”.

finas porções que, no final da análise, não revelam tanto quanto poderiam se analisadas em uma perspectiva maior. A crítica de Pasquali (Ibid.) é que as subdivisões da validação, que são inúmeras, acabam fazendo com que esse conceito passe a ser reduzido a uma medida não objetiva sobre um instrumento psicológico.

Com o passar do tempo e com o avanço dos estudos, percebeu-se que analisar a validade de modo tão fragmentado tornava as evidências de validade muito restritas e limitadas (PASQUALI, 2007). Assim, buscando resultados mais robustos e pertinentes, retomou-se o conceito de validade mais centrado no construto avaliado, podendo essa ser obtida e analisada através de fontes e métodos distintos. Para os *Standards* (op. cit., p. 13-14), nessa abordagem reformulada de estudos sobre a validade de um instrumento, trata-se de diferentes formas de obter evidências de validade, mas não de diferentes tipos de validade.

Sob essa abordagem, a validação se inicia a partir do momento em que se estabelece a interpretação dos escores de um teste e a relevância dessa interpretação aos propósitos do teste, baseados em um construto a ser avaliado. Neste trabalho definiremos construto como “[...] o conceito ou característica que um teste é projetado a medir”⁸ (AMERICAN EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION; AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION; NATIONAL COUNCIL ON MEASUREMENT IN EDUCATION, 2014, p. 11). A partir disso, constrói-se um processo no qual, através do aparato teórico utilizado, argumentos e apontamentos são estabelecidos corroborando ou refutando a interpretação pretendida do teste. Como resultado desses apontamentos, que surgem no decorrer do processo, são sugeridas as evidências de validade do instrumento em questão. As evidências de validade de um teste acabam por ser o embasamento de que o instrumento possui capacidade de fornecer resultados e interpretações autênticas e fundamentadas.

Há diversas formas possíveis para realizar o processo de sugestão de evidências de validade de um instrumento. Utilizá-las não implica em tipos de validade diferentes, mas sim em tipos de evidências diferentes. Nos *Standards* (Ibid., p. 21-22), o que se regimenta é que não há um tipo de evidência ideal ou melhor indicado para todos os testes. O desenvolvedor deve selecionar, a partir dos seus objetivos, o tipo de evidência que melhor se enquadra. Ainda, ao final do processo de validação, é possível (e recomendado) que as generalizações de todos os tipos de evidências utilizados sejam integradas, verificando se há correspondência com o que é indicado nas bases teóricas utilizadas. A partir disso, a interpretação das evidências de forma

⁸ Tradução nossa. Trecho original: “[...] the concept or characteristic that a test is designed to measure.”.

mais generalizada permitirá a identificação de revisões necessárias no instrumento, tanto teóricas quanto práticas, e o encaminhamento para normatização e publicação.

3.1 EVIDÊNCIAS DE VALIDADE BASEADAS EM ESTRUTURA INTERNA, CONTEÚDO, PROCESSOS DE RESPOSTA E NA RELAÇÃO COM OUTRAS VARIÁVEIS

Nas análises aqui realizadas, quatro tipos de evidências de validade serão utilizados: evidências baseadas na estrutura interna dos itens; evidências baseadas no conteúdo do teste; evidências baseadas no processo de resposta dos participantes; e evidências baseadas na relação com outras variáveis. Suas definições serão apresentadas de acordo com os *Standards for Educational and Psychological Testing* (Ibid.).

Evidências de validade baseadas na estrutura interna dos itens: Através das evidências de estrutura interna, verificam-se relações entre os itens do teste e os elementos que os compõem, relacionando-os ao construto medido. Na análise aqui realizada, relacionada ao construto *compreensão de provérbios*, tais evidências serão elencadas a partir de um estudo de seus mapeamentos subjacentes. Como visto no capítulo anterior, o sentido de um provérbio pode estar relacionado aos seus mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes. Sendo assim, sugere-se que uma melhor compreensão dos mapeamentos pode indicar uma melhor conscientização sobre o significado do provérbio.

Evidências de validade baseadas no conteúdo do teste: Tais evidências definem-se como a relação entre o conteúdo do teste (temáticas, vocabulário, formato dos itens, complexidade sintática e semântica, familiaridade lexical, etc) e o construto avaliado (compreensão de provérbios). Costumam ser bons indicadores de validade por indicar a adequação do conteúdo do teste perante o construto avaliado, o que pode ser percebido através da aplicação do teste ou de uma análise de juízes especialistas. Além disso, também é uma medida interessante quando o objetivo do estudo tem relação com grupos diferentes de participantes. Como um dos objetivos desta dissertação é apontar diferenças na compreensão de provérbios de acordo com a idade e com a região dos participantes, esse tipo de validade será estudado para verificar o quão apropriada é a forma dos itens da tarefa através dos seus resultados. Além disso, esse tipo de evidência também pode gerar bons parâmetros para o instrumento ao indicar possíveis itens mais ou menos difíceis para os diferentes grupos de participantes.

Evidências de validade baseadas nos processos de resposta: Ao avaliar as respostas dos participantes para um determinado instrumento, teórica e empiricamente, é possível gerar evidências sobre a performance dos participantes e o construto avaliado. Neste tipo de evidência, obtida através de análises de respostas individuais, podemos investigar a estratégia utilizada pelo participante para responder aos itens. No caso da compreensão de provérbios, há a hipótese de que a análise dos processos de resposta permita o reconhecimento de características e padrões de interpretação que demonstrem a maturação dos participantes de acordo com o aumento da idade, devido ao processamento metalinguístico exigido pelo construto e pelo instrumento.

Evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis: Por meio das evidências baseadas na relação com outras variáveis, é possível verificar como o construto avaliado se relaciona com variáveis externas ao instrumento. Tais variáveis podem ser de diferentes naturezas, como escores de outras tarefas semelhantes ou variáveis demográficas dos participantes. Neste estudo, pretendemos sugerir evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis através da avaliação dos resultados da tarefa em relação a diferentes grupos de idade, escolaridade e região dos participantes. Não abordaremos a relação da nossa tarefa com outras tarefas de compreensão de provérbios, mas sim a relação da tarefa com variáveis externas a ela, referentes aos participantes.

Embora os tipos de evidências de validade sejam obtidos através de métodos e formas diferentes, as evidências se tornam mais robustas se analisadas em conjunto, já que, ao final, todas circundam o mesmo construto e o mesmo instrumento.

3.2 EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DE TESTES PSICOLINGUÍSTICOS SOBRE PROVÉRBIOS

Como já apresentado, são diversos os estudos que avaliam a compreensão de provérbios, seja para fins clínicos ou para descobrir mais sobre a compreensão da linguagem. Nessas análises, muitos instrumentos foram desenvolvidos e utilizados pelos pesquisadores, de acordo com os objetivos de cada um dos trabalhos. Porém, são poucos os estudos relativos às propriedades psicométricas desses instrumentos, o que inclui a etapa da validação.

É muito comum que os estudos utilizem algum instrumento pré-existente, padrão-ouro, com evidências de validade e confiabilidade, como é o caso da maioria dos estudos clínicos encontrados em outras línguas. No contexto clínico, a maioria das análises utiliza o Teste de Provérbios de Gorham (1956), o Sistema de Funções Executivas Delis-Kaplan (2001), que

possui um subteste de compreensão de provérbios, e o instrumento de Barth e Küfferle (2001). Todos esses instrumentos foram desenvolvidos para a aplicação em populações clínicas e, por serem restritos a profissionais da área da saúde, não obtivemos acesso.

Há também pesquisadores que desenvolvem instrumentos específicos para seus estudos e acabam consolidando-os através de diversos usos em diferentes pesquisas. Em língua inglesa, isso aconteceu com o instrumento de compreensão de provérbios de Nippold e Haq (1996), através das análises de Nippold e colegas (NIPPOLD et al., 1998; NIPPOLD; ALLEN; KIRSCH, 2000; DUTHIE et al., 2008; YOON; SCHWARTZ; NIPPOLD, 2016; NIPPOLD; UHDEN; SCHWARTZ, 1997). Em todas essas pesquisas, foi utilizado o instrumento de compreensão de provérbios desenvolvido por Nippold e Haq (1996), que contempla itens compostos por provérbios concretos e abstratos, familiares e não familiares. Nessa tarefa, os itens são construídos a partir de pequenos parágrafos que contextualizam uma história, concluídos por um provérbio. Após, pergunta-se o significado do provérbio naquele contexto, através de uma questão de múltipla escolha.

Embora o estudo esteja bem descrito em seu artigo de construção e nos subsequentes que o utilizam, não há um artigo que descreva suas evidências de validade. Entretanto, através de seus diversos usos, pode-se supor que é um instrumento com evidências de validade. Em todos estes artigos, a tarefa foi utilizada e atingiu os propósitos de seu uso. Evidências de validade baseadas no conteúdo podem ser encontradas em todos os artigos, através das análises realizadas com participantes de diferentes faixas etárias e comunidades linguísticas, comparando o seu desempenho. Todos indicaram diferenças de acordo com a idade, corroborando resultados já encontrados por pesquisas anteriores. Além disso, há também evidências de validade baseadas no conteúdo no estudo de Nippold, Allen e Kirsch (2000), no qual analisa-se o quanto o vocabulário dos itens do teste se relaciona aos resultados dos participantes em provérbios não familiares. Também corroborando achados prévios, as evidências encontradas indicam que provérbios com vocábulos mais concretos tendem a ser melhor compreendidos por participantes mais novos. Por final, evidências baseadas na estrutura interna dos itens foram sugeridas por Yoon, Schwarz e Nippold (2016), que analisaram as imagens mentais produzidas pelos provérbios do instrumento, através de uma tarefa desenvolvida especificamente para isso. Mais uma vez, os resultados corroboram a literatura indicando que imagens mentais mais simples e ligadas às palavras dos provérbios são produzidas por participantes mais novos, enquanto participantes mais velhos produzem imagens mentais mais metafóricas.

Embora nenhum dos artigos tenha como objetivo apontar evidências de validade, todos trazem exemplos bastante concretos de evidências de validade, obtidas através de diferentes fontes. Com isso, indica-se o instrumento de compreensão de provérbios de Nippold e Haq (1996) como uma tarefa precisa e com evidências de validade.

Em língua portuguesa, como já mencionado, não é conhecido um teste padrão-ouro de compreensão de provérbios nem em contextos clínicos, nem nas pesquisas linguísticas. Em nossas buscas, de fato, a maioria das tarefas encontradas nos estudos em língua portuguesa eram destinadas somente ao estudo realizado, sem o interesse de apontar evidências de validade e precisão do instrumento. Somente dois estudos relativos à validação de instrumentos de compreensão de provérbios foram encontrados, ilustrando a falta que atesta a realização deste trabalho.

Silva e Lomônaco (1995) apresentam um estudo sobre o desenvolvimento e a validação de um instrumento de avaliação de pensamentos mais concretos ou mais abstratos na interpretação de provérbios, o Teste Brasileiro de Provérbios. Ainda durante a descrição do desenvolvimento do instrumento, percebe-se bastante controle na escolha dos provérbios que comporiam o teste. Os provérbios passaram por uma análise de familiaridade realizada por um grupo de juízes especialistas, sendo selecionados somente os provérbios considerados altamente familiares na concordância inter-juízes. Na etapa de validação, os autores apresentam evidências de validade baseadas em conteúdo através de um estudo com cinco juízes especialistas, que analisaram possíveis pensamentos mais abstratos e mais concretos para a interpretação dos provérbios selecionados. Os resultados dessa análise serviram para a seleção dos itens finais do teste desenvolvido: somente provérbios com mais de 80% de concordância inter-juízes foram selecionados. Como estudo piloto, o instrumento foi aplicado a participantes de 8 a 15 anos. Tanto em idade quanto em classe social, os itens foram considerados como altamente discriminativos.

Em conjunto, todos esses procedimentos servem como boas evidências de validade baseadas em conteúdo, visto que os itens do teste são discriminatórios e bem avaliados por juízes. Por final, a precisão do instrumento foi avaliada através do método teste-reteste, com a reaplicação do Teste Brasileiro de Provérbios aos mesmos participantes 15 dias após a primeira testagem. Como resultado, obteve-se um índice de precisão considerado altamente satisfatório.

Além de Silva e Lomônaco (1995), foi encontrado também o estudo de validação do instrumento de Santos, Sougey e Alchieri (2009), em português brasileiro, destinado a idosos portadores da Doença de Alzheimer. O instrumento, chamado de Teste de Rastreamento de Doença de Alzheimer com Provérbios para idosos (TRDAP), foi desenvolvido com o objetivo de

aplicação clínica, envolvendo não somente aspectos de compreensão do fenômeno dos provérbios, mas também memória e funções executivas. O TRDAP funciona como um jogo da memória de provérbios, intercalado com questões de interpretação. Para sugerir evidências de validade do instrumento, foram entrevistados idosos portadores da doença de Alzheimer e neurotípicos. Além do TRDAP, também foram realizados outros testes de avaliação neuropsicológica.

Os autores apontam evidências de validade convergentes e discriminantes na relação dos resultados do TRDAP com os demais testes realizados. Em relação a um instrumento que avalia a cognição, houve correlação positiva significativa entre funções executivas, habilidades linguísticas e memória episódica. Tal resultado indica que todas essas habilidades e funções estariam relacionadas à habilidade de compreensão de provérbios, sugerindo evidências de validade convergente. Segundo os autores, as evidências discriminantes foram encontradas através de correlações negativas entre os resultados de uma escala de depressão e do TRDAP, assim como indicado por pesquisas prévias. Houve também a menção a evidências baseadas em conteúdo, visto que parte do instrumento foi desenvolvido por juízes especialistas. Por final, uma análise de consistência interna foi realizada, o que, conforme os autores, sugere um instrumento preciso e adequado.

Cabe ressaltar, também, que um estudo posterior foi encontrado, avaliando os efeitos do tamanho das sentenças do TRDAP (SANTOS; SOUGEY; ALCHIERI, 2009) em idosos portadores da doença de Alzheimer e neurotípicos. Ambos os grupos apresentaram melhor desempenho em sentenças menores, não havendo diferença significativa entre os grupos nas sentenças maiores. Embora o estudo não seja especificamente sobre validação, seus resultados servem como boas evidências de validade baseadas no conteúdo do teste, aferindo que sentenças maiores e conseqüentemente mais complexas tendem a ser menos compreendidas e lembradas pela população alvo do teste.

Como demonstrado, são poucos os instrumentos difundidos para uso em contextos de avaliação da compreensão de provérbios em língua portuguesa, com evidências de validade. Dentre os encontrados, ambos apresentam evidências de validade que indicam instrumentos eficientes para os usos pretendidos. Entretanto, não foram encontrados dados que indiquem o uso de tais instrumentos na prática clínica (além dos estudos mencionados). Através desta dissertação, portanto, buscamos fornecer evidências de validade de um instrumento passível de uso na prática da avaliação clínica, educacional e também nos estudos linguísticos, auxiliando os profissionais dessas áreas na avaliação da linguagem figurada em Língua Portuguesa.

4 O COMFIGURA

Como já mencionado, não são conhecidos instrumentos que abordam variados fenômenos da linguagem figurada de forma organizada e padronizada em nenhuma língua. Quando há, geralmente são instrumentos de fenômenos específicos, desenvolvidos para estudos específicos, sem fins de avaliação ampla (clínica e não clínica) como o instrumento aqui tratado. Buscando preencher essa lacuna, o grupo de pesquisa METAFOLIA – Estudos em Semântica Cognitiva, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maity Siqueira e filiado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, vem desenvolvendo o Instrumento para Avaliação da Compreensão de Linguagem Figurada (COMFIGURA), que é um teste de compreensão de linguagem figurada padronizado, constituído por quatro figuras de linguagem, quatro tarefas verbais e uma não verbal. São englobados os seguintes fenômenos: metáforas primárias, com uma tarefa verbal e outra não verbal, metonímias, expressões idiomáticas e provérbios.

Através desse teste, conduzido por um grupo de pesquisa interdisciplinar e por pesquisadores profissionais da saúde e da educação, buscamos possibilitar a avaliação da compreensão de diferentes tipos de linguagem figurada por um público bastante variado, abrangendo todas as fases do ciclo vital, populações típicas e quadros clínicos. Para isso, a construção de todas as tarefas do teste aconteceu criteriosamente, respeitando as etapas e procedimentos recomendados pela Psicometria e, mais especificamente, pelo modelo de elaboração de instrumentos de Pasquali (2010).

O desenvolvimento do COMFIGURA foi iniciado em 2001, através do estudo de doutorado da Prof.^a Maity Siqueira (SIQUEIRA, 2004). Nesse estudo, foram desenvolvidas as Tarefas de Metáforas Primárias (verbal e não verbal), aplicadas tanto em língua portuguesa quanto inglesa, para população típica e, posteriormente, também em populações clínicas. Entretanto, foi somente por volta de 2014, com os estudos sobre compreensão de linguagem figurada por deficientes auditivos com implante coclear (MARQUES, 2018), que houve o *insight* de transformar a tarefa unicamente de metáforas primárias em um teste mais abrangente de linguagem figurada organizado e padronizado, compreendendo outros fenômenos da linguagem figurada relacionados à metáfora. Desenvolveram-se, com isso, tarefas verbais de expressões idiomáticas (SIQUEIRA; MARQUES, 2018; MARQUES, 2018), provérbios (SIQUEIRA et al., 2017; FERRARI, 2018; FERRARI; SIQUEIRA, 2020) e metonímias (SIQUEIRA et al., no prelo). Além disso, também foram revisadas as tarefas de metáforas

primárias, ajustando-as aos procedimentos e padrões utilizados no desenvolvimento das demais tarefas do teste⁹.

Neste momento, o teste já se encontra nas etapas finais de desenvolvimento, contemplando as aplicações e as análises dos resultados das tarefas isoladamente, o que possibilita o levantamento de evidências de validade de cada tarefa. No futuro, buscamos apontar também evidências de validade do teste como um todo, normatizando-o para que possa ser publicado e utilizado pelos mais diversos profissionais.

Todas as tarefas são construídas através de um mesmo padrão: sete itens com material figurado são apresentados ao participante (um item de treino e seis itens de teste). Cada item possui uma sentença de estímulo fora de contexto, uma pergunta aberta e uma pergunta fechada. Cada pergunta vale um ponto, podendo haver, no máximo, dois pontos por item. Os procedimentos de aplicação também seguem um mesmo padrão: caso o participante já apresente um bom desempenho na primeira pergunta do item, a aberta, sua pontuação é de 2 pontos automaticamente, sem ser necessária a realização da segunda pergunta, a fechada.

Nesta dissertação não serão utilizadas todas as tarefas propostas pelo COMFIGURA. Ao invés disso, utilizaremos somente a tarefa de compreensão de provérbios, para fins de validação, objetivo proposto neste trabalho.

4.1 TAREFA DE COMPREENSÃO DE PROVÉRBIOS

A Tarefa de Compreensão de Provérbios começou a ser desenvolvida em meados de 2015, motivada pelo desenvolvimento da tarefa de expressões idiomáticas, que na época estava em processo de validação com populações típicas e quadros clínicos. Primeiramente, o fenômeno começou a ser estudado pelo grupo de pesquisa, tendo suas dimensões elencadas com vistas ao desenvolvimento de uma tarefa de avaliação (tais dimensões encontram-se mencionadas na seção 2.3 *Provérbios*). Com isso, após um *brainstorming* e uma pesquisa em plataformas digitais por provérbios comuns na Língua Portuguesa, foram selecionados os 10 provérbios mais populares nas buscas, também considerados comuns pelos membros do grupo. Consideramos como populares os provérbios que todos os membros do grupo conheciam e que apresentassem os maiores números de ocorrências na plataforma de buscas *Google*.

Após elencados os provérbios mais populares, uma tarefa de familiaridade foi desenvolvida através de uma escala Likert e aplicada a 204 participantes adultos da região

⁹ Para mais informações sobre o trabalho do grupo de pesquisa e as publicações, visite <<https://professor.ufrgs.br/maity/>>.

metropolitana de Porto Alegre, buscando a seleção dos seis itens mais familiares para essa comunidade linguística. Optamos por controlar a familiaridade dos provérbios do teste pois sabemos que provérbios com baixa familiaridade enviesariam os resultados, levando os participantes ao erro pelo desconhecimento do provérbio, e não por sua não compreensão. Junto à tarefa de familiaridade, os mesmos participantes realizaram uma tarefa de compreensão dos 10 provérbios, em que se perguntava o significado de cada dito. A partir das respostas obtidas na tarefa de compreensão, constatamos o significado mais prototípico de cada provérbio e, com base nisso, foram desenvolvidas as perguntas da TCP do COMFIGURA e também os critérios preliminares de correção dos itens desenvolvidos.

Ao final desta etapa, foram selecionados os seis provérbios de mais alta familiaridade para a amostra entrevistada (Quadro 2). Já que a tarefa tem o objetivo de ser aplicada às mais diversas faixas do ciclo vital, buscamos que os provérbios tivessem o mínimo de fatores distratores possíveis. Assim, não foram incluídos provérbios de maior extensão, ou sintática e semanticamente complexos. Mesmo que esses também fossem altamente familiares para a amostra entrevistada, optamos pelos formados por orações curtas e simples, com vocabulário facilmente compreendido por crianças, adolescentes e adultos.

Quadro 2 – Provérbios selecionados para a TCP

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Em boca fechada, não entra mosca. 2. Filho de peixe, peixinho é. 3. Quem vê cara não vê coração. 4. Onde há fumaça, há fogo. 5. Quem não chora não mama. 6. Cachorro que late não morde¹⁰. |
|---|

Fonte: COMFIGURA.

A construção da tarefa, como mencionado na seção anterior, respeita um padrão estrutural comum às demais tarefas do COMFIGURA. Apresentam-se sete itens (um de treino e seis de teste). Cada item é composto por uma sentença estímulo, que nesse caso vem a ser o próprio provérbio, uma pergunta aberta e uma pergunta fechada, conforme exemplificado no Quadro 3.

¹⁰ Conforme indicado por Siqueira et al. (2017, p. 169), mesmo que este provérbio também seja popular com a variação “Cão que ladra não morde”, a sentença com as palavras “cachorro” e “late” foi utilizada por ser, por hipótese, mais conhecida entre crianças.

Quadro 3 – Exemplos de item de treino e de teste da TCP

Item de treino A mentira tem perna curta.	a) O que isso quer dizer? a') O ditado quer dizer que uma mentira demora ou não demora para ser descoberta?
Item de teste Em boca fechada, não entra mosca.	a) O que isso quer dizer? a') O ditado quer dizer que é melhor falar ou ficar quieto?

Fonte: Elaborado pela autora.

Para todos os itens dessa tarefa, a pergunta aberta questiona “O que isso quer dizer?”, permitindo uma ampla gama de respostas. Já as perguntas fechadas são construídas de forma binária, apresentando uma opção que contém uma pista sobre o significado do provérbio e outra que se relaciona ao significado literal da sentença. A tarefa completa pode ser consultada no Anexo A.

Através da aplicação da tarefa de compreensão, percebemos que exigir uma explicação sobre o significado dos provérbios através de outras palavras pode ser uma tarefa complicada para alguns participantes, visto que no cotidiano costumamos utilizar esses ditos sem que ocorra um pensamento metalinguístico sobre seu significado. Assim, decidimos aceitar também que o participante responda com um exemplo possível de uso do provérbio no dia-a-dia, que atesta sua compreensão. Tal procedimento foi verificado como necessário durante as aplicações piloto do instrumento, quando averiguamos que a dificuldade metalinguística não representa um desconhecimento do significado do provérbio, mas sim uma dificuldade de expressão desse significado.

Ainda, para garantir maior consistência nos critérios de correção das perguntas abertas da TCP, disponíveis junto à tarefa no Anexo A, uma análise de concordância entre juízes foi realizada. A análise considerou a correção das respostas dos 27 primeiros participantes entrevistados para este trabalho. Seis membros do grupo de pesquisa METAFOLIA foram convidados a atuarem como juízes especialistas, realizando a avaliação das respostas de forma independente. Através da linguagem R (versão 4.0.2) e do *software* RStudio, o teste Kappa de Fleiss foi operado sobre as correções dos juízes. Dentre os seis itens da TCP, obtivemos níveis de confiabilidade das correções entre 0,75 e 1¹¹, indicando um nível forte de concordância entre os juízes e fornecendo evidências de confiabilidade aos nossos critérios de correção.

¹¹ Resultados encontrados para cada provérbio no teste Kappa de Fleiss:

Provérbio 1 *Em boca fechada, não entra mosca*: 1;

Provérbio 2 *Filho de peixe, peixinho é*: 1;

Provérbio 3 *Quem vê cara não vê coração*: 0,85;

Provérbio 4 *Onde há fumaça, há fogo*: 0,75;

Provérbio 5 *Quem não chora não mama*: 0,97;

Provérbio 6 *Cachorro que late não morde*: 0,76.

5 ESTUDO 1 – A UNIÃO FAZ A FORÇA: UM ESTUDO SOBRE A COMPREENSÃO DE PROVÉRBIOS E AS SUAS DIMENSÕES

Visto que os provérbios são um fenômeno complexo de linguagem figurada, composto por diversas dimensões, decidimos analisar a forma como algumas dessas dimensões foram apresentadas na TCP e são avaliadas por falantes nativos do português brasileiro. Selecionamos para análise, junto da compreensão dos provérbios, as seguintes dimensões: seus mapeamentos conceituais subjacentes, a familiaridade e a convencionalidade (dos provérbios e dos seus mapeamentos). Já que um provérbio tende a ser melhor compreendido quando somos familiarizados com a expressão e com o seu sentido figurado, todos esses fatores acabam assumindo uma grande responsabilidade no desenvolvimento de um instrumento de avaliação desse fenômeno.

Conforme o referencial teórico apresentado na seção 2.3.1.1 *Estudos sobre mapeamentos metafóricos e metonímicos em provérbios*, os mapeamentos conceituais subjacentes aos provérbios podem carregar parte do significado atribuído ao provérbio no discurso, junto a fatores culturais. Tendo isso em vista, o primeiro estudo realizado nesta dissertação teve dois objetivos principais: (i) avaliar a familiaridade, a compreensão e a convencionalidade dos provérbios em questão e dos seus mapeamentos subjacentes, verificando se há alguma diferença nesses fatores de acordo com a região dos participantes entrevistados; e (ii) analisar o quanto os mapeamentos conceituais subjacentes aos provérbios que compõem a TCP são associados pelos falantes como parte do significado dos provérbios.

Nas análises, definimos a familiaridade como o quanto o participante conhece tal expressão; a convencionalidade como o quão comum é, para o participante, relacionar tal expressão a um determinado significado figurado no discurso; e a compreensão como a habilidade de explicar o que os provérbios da TCP querem dizer.

Três tipos de mapeamentos conceituais foram identificados e analisados: mapeamentos metafóricos primários, mapeamentos metafóricos complexos e mapeamentos metonímicos. Por hipótese, acreditamos que mapeamentos metafóricos primários e metonímicos seriam melhor percebidos pelos participantes. Mapeamentos metafóricos complexos, por serem mais criativos e exigirem mais processamento, seriam menos frequentemente reconhecidos e associados aos provérbios. Com isso, quanto mais complexo o mapeamento subjacente, menor seria o seu reconhecimento pelos participantes.

Como mencionado na seção 2.3.1 *A paremiologia na Linguística Cognitiva*, diversos estudos já foram realizados sobre mapeamentos metafóricos e metonímicos em provérbios,

englobando temáticas comuns do cotidiano, como animais, alimentos e cores. Entretanto, nenhum estudo foi encontrado avaliando o reconhecimento dos mapeamentos na composição do sentido dos provérbios. Com isso, a análise aqui realizada contribui com essa área de estudos, verificando o quanto esses mapeamentos são reconhecidos pelos participantes, na comunidade linguística entrevistada.

Este estudo possibilita que dois tipos de evidências de validade sejam encontrados. *Evidências de validade baseadas em conteúdo e na relação com outras variáveis* podem ser identificadas através da verificação de diferenças na compreensão, na familiaridade e na convencionalidade dos provérbios em participantes de diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul. Se não houver diferença, há evidências de que os itens do instrumento não se restringem ao conhecimento de uma comunidade linguística específica. Além dessas evidências, também podemos identificar *evidências de validade de estrutura interna*, visto que será construída uma discussão sobre a percepção da estrutura interna dos itens em questão: a identificação dos seus mapeamentos conceituais.

5.1 DESENHO DO ESTUDO

O estudo realizado nesta seção caracteriza-se como quasi-experimental, com um desenho entre participantes, considerando a região do participante como variável independente e a familiaridade, a convencionalidade (de provérbios e metáforas subjacentes) e a compreensão de provérbios como variáveis dependentes, que foram analisadas individualmente.

5.2 AMOSTRA

A amostra aqui abordada é constituída por 112 adultos, entre 18 e 68 anos ($M=34,1$ anos, $DP=12,9$ anos), selecionados por conveniência. Os participantes foram convidados a participarem da pesquisa digitalmente, através de redes sociais. Como critério de inclusão, estabelecemos que somente falantes nativos de português poderiam fazer parte dessa pesquisa. A amostra foi dividida em dois grupos: 39 participantes da região metropolitana de Porto Alegre ($M=34,7$ anos, $DP=14,1$ anos) e 73 participantes da região da Serra do Rio Grande do Sul ($M=33,8$ anos, $DP=12,4$ anos), uma região com fortes traços culturais de imigração. Optamos por estudar as diferenças entre as duas regiões devido às suas distintas características socioculturais, o que pode interferir na compreensão de um fenômeno linguístico como os provérbios, fortemente dependentes de cultura.

Devido ao método escolhido possibilitar uma abrangência de grupos distintos de participantes em termos de diferentes idades e cidades, não foram controladas as variáveis socioeconômicas dos participantes. O sexo também não foi um fator controlado, visto que diferenças entre sexos não costumam ser apontadas como um fator significativo nos estudos da área.

5.3 INSTRUMENTOS

Dois instrumentos foram utilizados para a coleta de dados: uma tarefa de familiaridade e de compreensão de provérbios (disponível no Anexo B) e uma tarefa de convencionalidade e de identificação de mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes aos provérbios (disponível no Apêndice A). Ambas as tarefas utilizam nos seus estímulos os seis provérbios da TCP.

A tarefa de familiaridade e de compreensão, disponível no Anexo B, consiste em seis itens compostos por um provérbio diferente em cada item, uma escala Likert de 5 pontos, sendo o 1 nada familiar, e o 5 totalmente familiar, e uma pergunta aberta sobre o que o provérbio quer dizer. Esta tarefa é a mesma que foi aplicada a 204 participantes adultos no momento do desenvolvimento da TCP. Seus resultados foram muito importantes para a seleção dos seis itens que compõem o COMFIGURA (Quadro 2), sendo eles os mais familiares para os participantes entrevistados na época. Optamos por utilizar a mesma tarefa pois o objetivo continua sendo o de verificar a familiaridade e a compreensão das expressões, mudando somente a comunidade linguística recrutada.

A segunda tarefa utilizada foi a de convencionalidade e de identificação de mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes aos provérbios, desenvolvida para a realização do estudo em questão (disponível no Apêndice A). Para o seu desenvolvimento, primeiramente, avaliamos os mapeamentos presentes em cada um dos provérbios e a sua natureza (se metafóricos primários, metafóricos complexos, ou metonímicos), através de um *brainstorming* com o grupo de pesquisa e do estudo realizado por Siqueira et al. (2017). Após, a tarefa foi desenvolvida, com perguntas sobre a convencionalidade do provérbio e dos seus mapeamentos subjacentes.

Alguns controles estruturais foram adotados na construção dos itens, em busca de uma tarefa padronizada e organizada. Todas as perguntas apresentam um mesmo padrão sintático, de acordo com o seu tipo (convencionalidade do provérbio ou convencionalidade do mapeamento). Além disso, na estrutura das perguntas específicas sobre os mapeamentos,

optamos por apresentar primeiro a ideia contida nas palavras dos provérbios, e depois a inferência pretendida por essas palavras. No Quadro 4, apresentamos um exemplo da primeira versão dos itens relativos ao provérbio *Onde há fumaça, há fogo*.

Quadro 4 – Exemplo da primeira versão dos itens

<p>Provérbio 4: Onde há fumaça, há fogo</p> <p><u>Convencionalidade:</u> 11) De 1 a 5, o quão convencional é usar o provérbio <i>Onde há fumaça, há fogo</i> para significar que há sinais de que algo está acontecendo?</p> <p><u>Metáfora Conceitual:</u> SABER É VER</p> <p>12) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>ver</i> representa <i>saber sobre algo</i> neste provérbio?</p> <p><i>Versão do pesquisador. Para o participante, seriam apresentadas somente as perguntas 11) e 12), e não os subtítulos de convencionalidade e metáfora conceitual correspondente.</i></p>
--

Fonte: Elaborado pela autora.

Após construir a primeira versão da tarefa, elaboramos um protocolo de análise de juízes especialistas, buscando aumentar a validade da tarefa desenvolvida. O protocolo, disponível no Apêndice B, foi enviado a seis juízes especialistas no estudo de linguagem figurada na perspectiva da Linguística Cognitiva, junto à tarefa de familiaridade e à tarefa de convencionalidade e de identificação de mapeamentos. Através das respostas dos juízes, pudemos verificar questões diversas a serem reconsideradas na tarefa, abordando tanto pontos mais teóricos, como mapeamentos a serem acrescentados que não haviam sido identificados, quanto a reescrita de perguntas que poderiam ficar confusas para participantes leigos no assunto. No Quadro 5, apresentamos a versão final dos itens relativos ao provérbio *Onde há fumaça, há fogo*, aprimorados após a análise dos juízes especialistas.

Quadro 5 – Exemplo da versão final dos itens

<p>Provérbio 4: Onde há fumaça, há fogo</p> <p><u>Convencionalidade:</u> 13) De 1 a 5, o quão comum é usar o provérbio <i>Onde há fumaça, há fogo</i> para significar que <i>há sinais de que algo está acontecendo</i>?</p> <p><u>Metáfora Conceitual:</u> SABER É VER</p> <p>14) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>enxergar fumaça</i> representa <i>saber sobre a existência de algo</i> nesse provérbio?</p> <p><u>Metáfora Conceitual:</u> EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE</p> <p><u>Metonímia Conceitual:</u> EFEITO PELA CAUSA</p> <p>15) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>o fato de haver fogo</i> significa que <i>algo deve estar acontecendo</i> nesse provérbio?</p> <p><i>Versão do pesquisador. Para o participante, seriam apresentadas somente as perguntas 13), 14) e 15), e não os subtítulos de convencionalidade, metáfora e metonímia conceitual correspondente.</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a melhoria da tarefa segundo os apontamentos dos juízes especialistas, um piloto foi realizado com dois participantes. Depois da aplicação do piloto, pedimos aos dois participantes um parecer sobre a tarefa, para fins de validade de face. Ambos os pareceres indicaram a necessidade de um refinamento nas instruções das tarefas, esclarecendo ambiguidades e questões mais pontuais que haviam gerado dúvidas. Além de reorganizações na forma como o texto era apresentado em algumas questões, percebeu-se a necessidade de apresentar a explicação do conceito de *familiaridade* na introdução da tarefa e de padronizar as legendas dos 5 pontos da escala Likert. Ao final dessa etapa, a tarefa foi considerada pronta para ser aplicada à amostra selecionada.

5.4 PROCEDIMENTOS

A coleta de dados foi realizada por meio da plataforma *Google Forms*, no mês de julho de 2019. Todos os participantes foram contatados através de suas redes sociais, recebendo um convite para participar da pesquisa. Nesse convite, as tarefas eram brevemente descritas, bem como o objetivo da pesquisa. Caso o participante aceitasse responder às tarefas, o *link* do experimento na plataforma *Google Forms* era disponibilizado.

Antes de iniciar o preenchimento das tarefas, todos os participantes foram encaminhados à leitura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, disponível no Apêndice C), explicando os objetivos da pesquisa, o método da coleta de dados e os riscos e benefícios do participante. Após, o experimento era iniciado na plataforma. Primeiramente, o participante deveria preencher seus dados de identificação. A seguir, o participante era encaminhado à tarefa de familiaridade e de compreensão, e, por final, à tarefa de convencionalidade e de identificação dos provérbios e de seus mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes. Em cada etapa do questionário, foi disponibilizado um breve enunciado explicativo sobre a natureza e os objetivos da tarefa a ser feita. No caso da tarefa de familiaridade e compreensão, explicamos que queríamos saber o quanto o participante conhecia determinadas expressões. Na tarefa de convencionalidade e de identificação dos provérbios e dos mapeamentos, explicamos que nosso objetivo era saber o quanto as expressões são comuns no dia-a-dia dos participantes e como eles compreendiam as representações das expressões. Em ambas, detalhamos que não havia relação entre os itens e nem tempo limitado para responder as questões. Por final, a instrução informava um e-mail para contato em caso de dúvidas. Tais informações podem ser consultadas no Anexo B e no Apêndice A. O tempo de participação na pesquisa foi estimado em cerca de

15 minutos por participante, considerando a leitura do TCLE e o preenchimento de todas as etapas do formulário.

Com o intuito de garantir adequações éticas e metodológicas à pesquisa e resguardar os direitos e a integridade dos participantes, este projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o parecer de nº 2.469.701.

5.5 RESULTADOS

A análise dos resultados será apresentada através de duas subseções, correspondentes aos dois objetivos acima descritos. Na primeira, verificamos possíveis diferenças nos níveis de compreensão, familiaridade e convencionalidade dos provérbios e de seus mapeamentos subjacentes de acordo com as regiões dos participantes, buscando por evidências de validade baseadas em conteúdo, estrutura interna, e na relação com outras variáveis. Na segunda, detalhamos os resultados sobre o reconhecimento dos mapeamentos conceituais subjacentes aos provérbios, buscando por evidências de validade baseadas na estrutura interna dos itens.

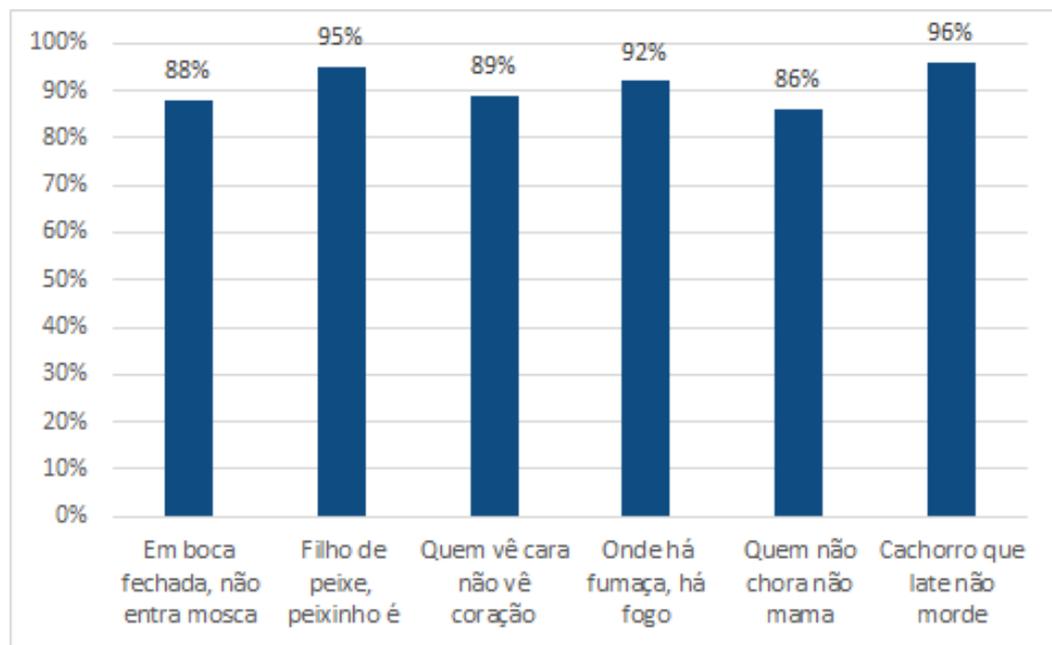
5.5.1 Análise entre populações

Os dados foram analisados através da linguagem R, versão 4.0.2, utilizando a interface RStudio. Como nível de significância, o índice de 5% ($p < 0,05$) foi adotado. Com o intuito de verificar diferenças entre participantes de duas regiões do Rio Grande do Sul, uma análise foi realizada através do teste de Wilcoxon-Mann-Whitney, que é um método não paramétrico para levantar diferenças em duas amostras. Foram analisadas as medidas de familiaridade, compreensão e convencionalidade dos provérbios e dos seus mapeamentos subjacentes. Como hipótese, imaginávamos que não haveria diferença entre os grupos devido aos provérbios contemplados no instrumento serem amplamente populares em buscas por provérbios comuns no português brasileiro.

De fato, nas medidas de familiaridade, os grupos obtiveram porcentagens altas de respostas consideradas muito familiares na escala fornecida (4 - *altamente familiar* e 5 - *totalmente familiar*), variando entre 82% e 97% das respostas. Na análise estatística, nenhum item apresentou diferença significativa entre os grupos, o que demonstra que, independentemente da região abordada em nossa análise, a familiaridade é avaliada da mesma maneira. Em termos de um teste que possui o objetivo de ser utilizado sem interferência da

regionalidade do usuário, tal resultado é bastante positivo, indicando uniformidade na avaliação da familiaridade dos itens. Além disso, há também o fato de os itens terem sido julgados como muito familiares, o que possibilita uma menor quantidade de desvios nas respostas do instrumento geradas pelo desconhecimento dos itens. Na Figura 1, apresentamos a porcentagem de respostas altamente familiares para a amostra entrevistada como um todo, já que não houve diferença significativa entre os grupos de participantes.

Figura 1 – Porcentagem de respostas altamente familiares



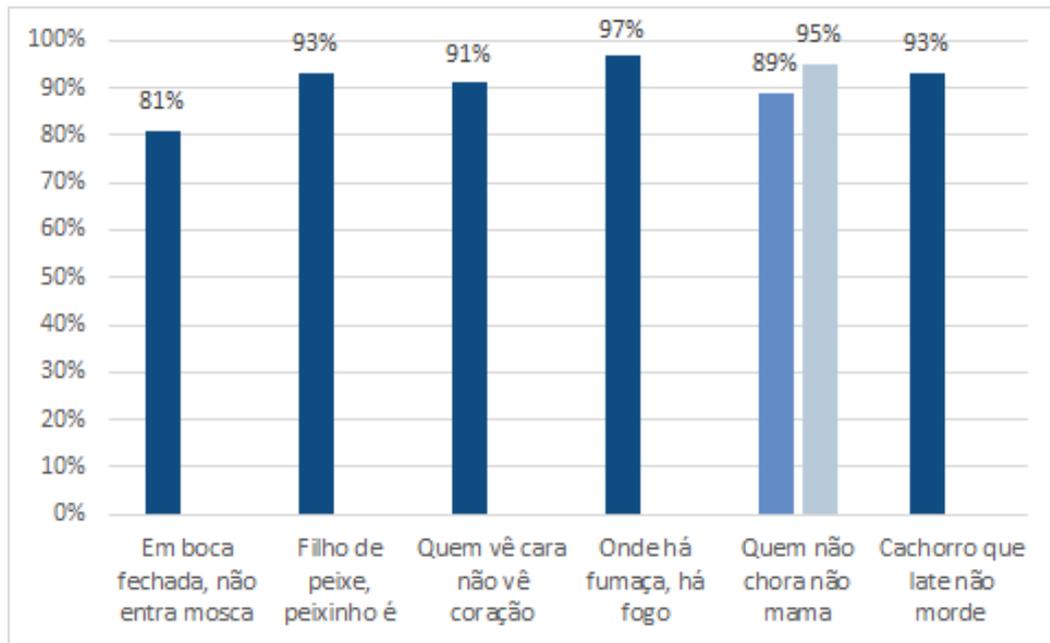
Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação à convencionalidade, também medida através de uma escala de 5 pontos, os resultados encontrados não revelaram a mesma uniformidade que a familiaridade. Dentre os seis provérbios questionados junto aos seus significados prototípicos, o percentual de respostas convencionais (itens 4 - *altamente comum* e 5 - *totalmente comum*) fornecido pelos grupos variou entre 77% e 100%. Semelhantemente à familiaridade, as porcentagens demonstram itens e significados comuns para os entrevistados, o que também é positivo em termos de validade de conteúdo do teste.

Entretanto, diferentemente da análise de familiaridade, houve diferença significativa no teste de Wilcoxon-Mann-Whitney em um dos itens do instrumento, *Quem não chora não mama* ($p < 0,05$), o que aponta para o fato de o provérbio não ser igualmente convencional para as duas amostras em relação ao significado prototípico descrito. Embora ambos os grupos tenham apresentado um percentual alto de respostas muito familiares (89% para a Serra e 95% para a região metropolitana), o teste estatístico demonstrou que a convencionalidade não foi avaliada

igualmente. Na Figura 2, apresentamos o percentual de respostas altamente familiares para todos os itens do instrumento. As barras azul escuras indicam respostas da amostra agrupada, quando não houve diferença estatisticamente significativa. No provérbio *Quem não chora não mama*, a barra de porcentagem menor corresponde ao percentual de respostas de participantes do interior; e a maior, de cor mais clara, às respostas dos participantes da região metropolitana.

Figura 2 – Percentual de respostas altamente convencionais



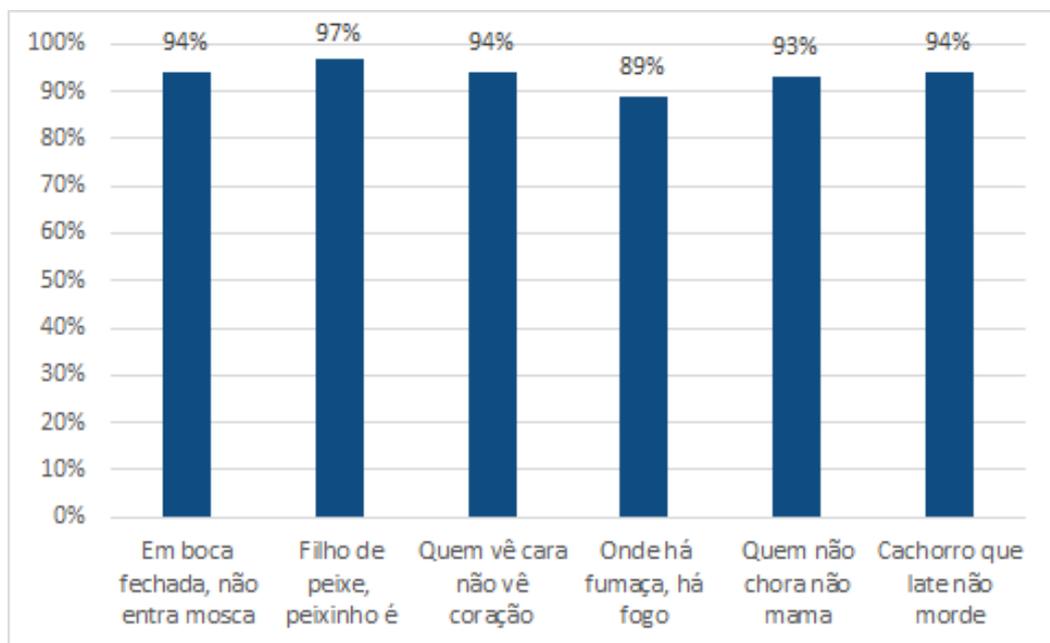
Fonte: Elaborada pela autora.

Verificando que ambas as comunidades linguísticas consideram alta a convencionalidade dos provérbios, sem diferença significativa na avaliação de familiaridade, sugerimos que a diferença no provérbio *Quem não chora não mama* pode ter sido gerada devido às diferentes gerações que compõem a amostra entrevistada. Durante as aplicações da TCP, percebemos que era frequente que alguns adolescentes e jovens adultos, especialmente da região da Serra, comentassem nunca terem ouvido esse provérbio no discurso. Como a maioria da amostra é composta por jovens adultos (M=33,8 anos para o interior; M=34,7 para a região metropolitana), acreditamos que isso possa ter influenciado os resultados. É possível que nas gerações mais novas, tal provérbio não seja tão utilizado quanto nas gerações mais velhas. Mesmo assim, considerando que os testes de familiaridade e de compreensão realizados com esse provérbio não apresentaram diferença estatisticamente significativa, a diferença encontrada não se constitui como um fator de relevância para nossas análises.

Sobre a compreensão dos provérbios, medida através de uma pergunta aberta igual para todos (*O que isso quer dizer?*), nenhum item apresentou diferença significativa no teste de

Wilcoxon-Mann-Whitney de acordo com a região dos participantes. Isso demonstra que, na amostra entrevistada, a compreensão de provérbios não é afetada pela região do participante. Os grupos variaram entre 89% e 97% de respostas esperadas na questão de compreensão, corrigida a partir dos significados prototípicos apresentados na questão de convencionalidade, discutida anteriormente. Assim, verificamos uma taxa bastante alta de compreensão dos itens da Tarefa de Compreensão de Provérbios. Na Figura 3, são apresentadas as porcentagens de respostas esperadas pela amostra entrevistada conjuntamente, já que não foram encontradas diferenças entre as regiões dos participantes.

Figura 3 – Percentual de respostas esperadas na compreensão dos provérbios



Fonte: Elaborada pela autora.

Analisando, portanto, os resultados da familiaridade, convencionalidade e compreensão dos provérbios, percebemos itens uniformes, altamente familiares, convencionais e bem compreendidos pela amostra recrutada, indicando boas evidências de validade de conteúdo à TCP.

Verificamos também se haveria alguma diferença entre a convencionalidade de todos os mapeamentos subjacentes identificados, que serão apresentados na seção seguinte, de acordo com a região dos participantes. Assim como nas demais análises, não acreditávamos que seriam encontradas essas diferenças devido à popularidade dos itens em questão. Porém, diferentemente dos testes realizados anteriormente, imaginávamos que nessa análise os resultados seriam mais variáveis, já que a identificação dos mapeamentos subjacentes requer uma habilidade metalinguística muito maior e mais subjetiva do que as perguntas anteriores

(referentes à compreensão, familiaridade e convencionalidade do provérbio em si), o que pode ser um fator que gera dificuldades ao participante. De fato, as porcentagens de respostas com alta identificação (4 - *muito* e 5 - *totalmente*) variaram entre 55% e 97%.

Em relação às diferenças de acordo com a região, dentre os 15 mapeamentos avaliados, somente a metonímia conceitual MEIOS DA AÇÃO PELA AÇÃO apresentou diferença significativa ($p < 0,05$) no teste de Wilcoxon-Mann-Whitney, no provérbio *Quem não chora não mama*. Tal mapeamento foi identificado através do elemento do choro ser manifestado como parte da ação de realizar um pedido no provérbio. Nesse caso, 97% das respostas dos participantes da região metropolitana e 85% das respostas dos participantes do interior concordaram fortemente com a relação estabelecida entre o choro e a realização de um pedido. Em ambos os casos, os percentuais de concordância foram muito altos, embora diferentes entre si.

Coincidentemente, em toda a análise de diferenças, os dois únicos resultados que apresentaram resultados significativos foram relativos ao mesmo item: *Quem não chora não mama*. De fato, pode ser que tal item realmente seja compreendido diferentemente de acordo com a regionalidade ou com a idade dos participantes, embora isso não tenha sido indicado pelas respostas abertas dadas na pergunta de compreensão, que foram muito parecidas. Cabe ressaltar também que esse mesmo item não obteve percentuais baixos de respostas em nenhuma das instâncias questionadas aos participantes, o que demonstra que não é um item pouco ou não compreendido.

No geral, as análises aqui realizadas sugerem evidências de validade consistentes, baseadas em conteúdo e na relação com outras variáveis. Tais evidências foram obtidas ao analisarmos a familiaridade, a convencionalidade e a compreensão dos itens, que são traços extremamente importantes no contexto da avaliação, em diferentes regiões. Não seria adequado um instrumento de compreensão de linguagem figurada avaliar itens pouco familiares e convencionais, não compreendidos pela população (a não ser que isso fizesse parte do objetivo da testagem). No nosso caso, gostaríamos de avaliar a compreensão de provérbios populares no discurso cotidiano.

Evidências de validade baseadas na estrutura interna dos itens também foram obtidas. Através da análise de mapeamentos subjacentes aos provérbios, nossos resultados encontraram, dentre 15 mapeamentos, diferenças em somente um deles. Em termos de estrutura interna dos provérbios, percebemos que há uma concordância em relação à maioria dos mapeamentos que os compõem, sem que ocorra efeito da região dos participantes. Ou seja, analisando o significado dos provérbios de modo composicional, as partes que compõem o seu significado

são analisadas da mesma forma pelos participantes, na maioria dos casos. A seguir, detalharemos as evidências baseadas em estrutura interna através dos mapeamentos subjacentes constatados e dos seus dados descritivos de identificação.

5.5.2 Análise de estrutura interna dos provérbios

Na seção anterior, apresentamos e analisamos os resultados das diferenças entre amostras do interior e da região metropolitana do Rio Grande do Sul na familiaridade, convencionalidade, compreensão e nos mapeamentos subjacentes aos provérbios. Na maior parte dos testes, não houve diferença significativa entre esses grupos, o que aponta para evidências suficientes de validade de conteúdo, relação com outras variáveis, e estrutura interna.

Nesta seção, ampliaremos a discussão sobre as evidências de validade baseadas em estrutura interna, verificando o quanto as relações estabelecidas pelos mapeamentos conceituais são identificadas pelos participantes na composição do sentido dos provérbios. Sobre isso, estabelecemos a hipótese de que relações de mapeamentos metafóricos primários e metonímicos seriam melhor reconhecidas, uma vez que domínios conceituais que coocorrem na nossa experiência física tendem a gerar mapeamentos convencionais. Como a análise anterior não encontrou diferenças entre as regiões dos participantes na maioria dos mapeamentos, os dois grupos de participantes foram unificados em uma só amostra (com exceção da metonímia conceitual MEIOS DA AÇÃO PELA AÇÃO no provérbio *Quem não chora não mama*). Nas seguintes subseções, apresentaremos a análise detalhada de acordo com cada provérbio.

5.5.2.1 Provérbio 1: Em boca fechada, não entra mosca

Neste provérbio, dois mapeamentos conceituais foram identificados: RESULTADOS INDESEJADOS SÃO INSETOS, caracterizado como uma metáfora complexa (SIQUEIRA et al., 2017), e O ESTADO PELO EFEITO DO ESTADO, caracterizado como uma metonímia conceitual. Utilizamos tal provérbio para indicar que é melhor ficar quieto para evitar consequências das nossas falas, ou seja, devemos falar somente o necessário. Nesse caso, a metáfora complexa está no fato de que *as consequências das nossas falas* são abordadas em termos de *moscas*, enquanto a metonímia encontra-se ao tratarmos do *silêncio* em termos da *boca fechada*.

Na avaliação da amostra entrevistada, 60% dos participantes apresentaram alta percepção (4 - *muito* e 5 - *totalmente* na escala Likert) da relação estabelecida pela metáfora complexa (*insetos* representando *resultados indesejados*), enquanto 96% perceberam como alta a relação metonímica (*boca fechada* representando *o silêncio*). Em nossa percepção, tais números corroboram a teoria de que metonímias são um fenômeno de percepção mais fácil, não envolvendo tantos mecanismos inferenciais. Metáforas complexas, por caracterizarem-se como uma mescla de outras metáforas, podem exigir um maior processamento inferencial.

5.5.2.2 Provérbio 2: Filho de peixe, peixinho é

O provérbio *Filho de peixe, peixinho é*, utilizado para indicar que geralmente há semelhanças entre pais e filhos, teve três metáforas complexas identificadas: DESCENDÊNCIA É TAMANHO, SIMILARIDADE É PARENTESCO e HUMANOS SÃO ANIMAIS IRRACIONAIS. O mapeamento DESCENDÊNCIA É TAMANHO se estabelece ao utilizarmos *o tamanho*, através do sufixo *-inho*, para indicar *uma relação familiar*. O mapeamento SIMILARIDADE É PARENTESCO, por sua vez, é apontado quando usamos a *relação familiar* para tratar de *semelhanças*, a moral principal do provérbio. Por final, temos o mapeamento HUMANOS SÃO ANIMAIS IRRACIONAIS, que se apresenta por direcionarmos o provérbio a *comportamentos e características humanas*, através dos *animais* apresentados, os peixes (SIQUEIRA et al., 2017).

Neste item, por identificarmos três metáforas complexas, imaginávamos que suas porcentagens de percepção seriam semelhantes. No mapeamento SIMILARIDADE É PARENTESCO, 86% das respostas foram de alta percepção. Similarmente, o mapeamento HUMANOS SÃO ANIMAIS IRRACIONAIS apresentou 88% de respostas altas na escala. Porém, no mapeamento DESCENDÊNCIA É TAMANHO, 68% dos participantes identificaram altamente *o tamanho* como uma representação da *posição na relação familiar*. Por ser um mapeamento expresso em âmbito morfológico, a percepção desse conceito pode não ser tão transparente quanto os demais, mais presentes e perceptíveis na definição mais comum do provérbio. Além disso, o significado prototípico desse morfema em português é de tamanho pequeno. Na avaliação dos participantes, esse fator pode ter gerado algum tipo de confusão.

5.5.2.3 Provérbio 3: Quem vê cara não vê coração

O provérbio *Quem vê cara não vê coração* é comumente utilizado para simbolizar que não devemos julgar as pessoas pela aparência e que é mais importante conhecer a pessoa pelo seu caráter do que pela sua aparência física. Quatro mapeamentos conceituais foram identificados nesse ditado popular, sendo esse um dos mais complexos do grupo de provérbios aqui analisados. Identificamos uma metonímia conceitual, PARTE PELO TODO, que está no fato de tratarmos *do todo da aparência e do caráter* uma pessoa através de duas de suas partes: *o rosto e o coração* (SIQUEIRA et al., 2017). Há também uma metáfora primária, O ESSENCIAL É INTERNO, instanciada ao indicar que *os sentimentos e o caráter* de uma pessoa são mais importantes através do elemento *coração*, um órgão interno. Desse modo, inferencialmente, pensamos nos sentimentos como internos, representados no provérbio pelo órgão coração (Ibid.). Por final, identificamos também duas metáforas complexas: JULGAR É VER, ao dizer *ver a cara* para representar *o julgamento* (Ibid.), e CONHECER É VER, ao dizer *ver o coração* para representar a ideia de que *realmente conhecemos uma pessoa através de seu caráter*.

Em suas avaliações, a metonímia PARTE PELO TODO recebeu 71% de respostas altas na relação de *uma parte de uma pessoa* com a representação *da pessoa como um todo*. A metáfora primária O ESSENCIAL É INTERNO recebeu 91% de respostas altas na relação de que *o coração* representa *o caráter*. Já as metáforas complexas JULGAR É VER e CONHECER É VER receberam 84% e 83% de respostas altas. Destacamos aqui o fato de que a relação estabelecida pela metáfora primária foi amplamente reconhecida, o que imaginamos que aconteça justamente por ser primária, baseada na corporeidade. Nos surpreende, entretanto, que o reconhecimento da relação metonímica seja mais baixo do que o das metáforas complexas. Em uma análise sobre a forma como construímos as perguntas, percebemos que a pergunta metonímica está em um nível mais genérico que as demais desse provérbio. Enquanto nas outras perguntas nos referimos aos elementos que o provérbio traz, como *cara* e *coração*, a pergunta metonímica apresenta o elemento *uma parte específica de uma pessoa* representando *a pessoa como um todo* no provérbio. Literalmente, o provérbio não apresenta essas unidades lexicais. Nesse caso, a generalidade da pergunta pode ter causado estranhamento aos participantes, exigindo mais inferências do que as perguntas que apontavam especificamente para unidades lexicais presentes no provérbio.

5.5.2.4 Provérbio 4: Onde há fumaça, há fogo

O provérbio *Onde há fumaça, há fogo* geralmente apresenta, como significado mais prototípico, a ideia de que há evidências ou sinais de que algo está acontecendo, ou que todo problema tem uma causa. Nesse provérbio, identificamos duas metáforas primárias (SABER É VER e EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE) e uma metonímia (EFEITO PELA CAUSA). A metáfora SABER É VER está no fato de utilizarmos o provérbio com o sentido de *ver a fumaça*, quando o significado pretendido alude a *saber sobre um fato* (SIQUEIRA et al., 2017). A metáfora EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE está bastante interligada à anterior, já que trata de uma suposta *existência* somente *do que é visto*. Nas palavras do provérbio, *ver a fumaça* simboliza que *existe uma evidência sobre algo*. Já a metonímia EFEITO PELA CAUSA abrange o efeito do fogo – a fumaça – pela sua causa – o fogo. No sentido figurado do provérbio, *os indícios são o efeito*, que representa o seu fato de origem, a causa.

Devido à semelhança dos mapeamentos SABER É VER e EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE, realizamos uma só pergunta que tentasse compreender os dois. Nessa pergunta, relacionando *enxergar fumaça* e *saber sobre a existência de algo*, 94% dos participantes identificaram uma alta relação. Na metonímia EFEITO PELA CAUSA, o percentual de respostas 4 e 5 também foi alto, atingindo 96% de identificação. Corroborando nossa hipótese, ambos os tipos de mapeamentos mais simples tiveram seus domínios conceituais reconhecidos como altamente relacionados.

5.5.2.5 Provérbio 5: Quem não chora não mama

Quando usamos o provérbio *Quem não chora não mama* no discurso, geralmente indicamos que quem não pede, ou não insiste, não ganha aquilo que deseja. Dois mapeamentos conceituais responsáveis por esse sentido no provérbio foram identificados: a metáfora primária DESEJAR É TER FOME e a metonímia MEIOS DA AÇÃO PELA AÇÃO. A metáfora DESEJAR É TER FOME está no fato de que a ação de *desejar algo*, *atingir* ou *ter o que se quer* está sendo atualizada no provérbio através de *mamar*, ou seja, *ter fome* (SIQUEIRA et al., 2017). Já a metonímia MEIOS DA AÇÃO PELA AÇÃO é estabelecida ao tratarmos da ação de *pedir* através de um de seus meios, o *choro*.

Na análise de diferenças entre as regiões dos participantes, a metonímia MEIOS DA AÇÃO PELA AÇÃO foi o único mapeamento a apresentar diferença estatística entre os grupos. Por isso, a análise da relação estabelecida por esse mapeamento acontecerá de acordo com cada

região dos participantes. Nessa metonímia, participantes do interior apresentaram 85% de respostas altas de identificação da relação entre os domínios. Já os participantes da região metropolitana apresentaram um percentual maior, de 97%. Na metáfora primária, 88% dos participantes (agrupados) identificaram os domínios de *mamar e conseguir o que se quer* como altamente associados. Nesse caso, percebemos percentuais semelhantes ao considerar o grupo do interior, enquanto o grupo da região metropolitana indicou um melhor reconhecimento da metonímia conceitual. Mesmo assim, todos os percentuais obtidos indicam números altos de relação dos domínios desses mapeamentos, conforme o esperado.

5.5.2.6 Provérbio 6: Cachorro que late não morde

O provérbio *Cachorro que late não morde*, também conhecido na variação *cão que ladra não morde*, é utilizado no discurso popular para indicar que o ato de falar demais, em tom de ameaça, não corresponde a realmente fazer o que é dito. Ou seja, o provérbio indica que quem fala muito faz pouco do que fala. Quanto aos seus mapeamentos subjacentes, encontramos uma metáfora complexa, HUMANOS SÃO ANIMAIS IRRACIONAIS, e uma metonímia conceitual, MEIOS DA AÇÃO PELA AÇÃO. A metáfora é explicada através do ato de utilizarmos *cachorros* para falarmos de *ações humanas*. Já a metonímia é expressa ao falarmos da *ação de fazer algo* através de um de seus meios, *morder* (no caso do animal utilizado no provérbio, o cachorro).

Em relação à identificação das relações estabelecidas pelos mapeamentos, obtivemos 86% de respostas 4 e 5 para a metonímia MEIOS DA AÇÃO PELA AÇÃO. Já na metáfora complexa HUMANOS SÃO ANIMAIS IRRACIONAIS, esse índice foi de 88%. Ambos os tipos de mapeamentos foram bem relacionados pela amostra. Entretanto, a metáfora complexa foi levemente melhor relacionada do que a metonímia conceitual, o que faz com que nossa hipótese seja refutada para esse item.

5.5.3 Discussão dos resultados

Neste capítulo, duas análises foram realizadas. Na primeira, analisamos as diferenças na compreensão, na familiaridade e na convencionalidade de provérbios e de seus mapeamentos subjacentes, de acordo com a região dos participantes. Na segunda, agrupando os participantes de acordo com os resultados da primeira análise, verificamos as taxas de identificação das relações dos mapeamentos subjacentes com os provérbios na amostra entrevistada. Através do

primeiro estudo, é possível percebermos a forma como os participantes de diferentes localidades compreendem e são familiarizados aos itens e suas partes, resultando em boas evidências de validade baseada em conteúdo, relação com outras variáveis e estrutura interna. Ao pensarmos em mapeamentos, como realizado mais especificamente na segunda análise, abordamos questões de estrutura interna dos itens, ou seja, parte da sua composicionalidade. Nesse caso, a segunda análise permite identificar a percepção dos itens e de suas partes, em cunho semântico. Assim, aprofundam-se as análises das evidências de validade baseadas na estrutura interna dos itens.

Na primeira análise, poucas diferenças foram encontradas, o que é um resultado positivo para um teste que tem a pretensão de ser utilizado no contexto da avaliação clínica. Todos os itens apresentaram medidas de compreensão, familiaridade e convencionalidade altas, o que sugere que não seriam comuns desvios nas respostas do teste devido ao desconhecimento do item, na população adulta. Como nenhum item apresentou um padrão de respostas não favoráveis à sua compreensão, como baixa familiaridade ou convencionalidade, não acreditamos que as únicas duas (pequenas) diferenças encontradas sejam um fator que prejudique o processo de validação do instrumento. Tratam-se de diferenças que, curiosamente, aconteceram na convencionalidade e no reconhecimento de um dos mapeamentos do mesmo item: *Quem não chora não mama*. Neste caso, análises futuras e mais aprofundadas sobre esse item seriam necessárias.

A princípio, uma variável interveniente nos resultados deste trabalho é o tamanho desigual da amostra. Em análises futuras, seria conveniente repetir os mesmos procedimentos com um tamanho pareado de amostra, incluindo também mais regiões do estado ou do país para verificar se os mesmos resultados seriam encontrados. Outras análises sobre o provérbio *Quem não chora não mama* também poderiam ser realizadas, verificando a utilização e o significado prototípico desse item em diferentes comunidades linguísticas, de diferentes faixas etárias.

Em geral, consideramos que a primeira análise realizada apresentou resultados que sugerem evidências de validade baseadas em conteúdo, estrutura interna e na relação com outras variáveis. Para a amostra entrevistada, os resultados indicam que a compreensão, a familiaridade e a convencionalidade dos provérbios e dos seus mapeamentos são uniformes entre as regiões dos participantes. Diferenças muito pontuais foram encontradas, o que não invalida as evidências de validade destacadas. Essas, por sua vez, demonstram que o conteúdo do teste é adequado para o propósito do instrumento em questão.

Complementarmente, analisamos também a identificação das relações estabelecidas pelos mapeamentos subjacentes aos provérbios, que, em sua maioria, não apresentam diferenças

de acordo com a região dos participantes. Dessa forma, a estrutura interna dos itens também foi investigada, partindo do pressuposto de que a identificação dos tipos de mapeamentos mais simples seria mais alta. Conforme o esperado, a maioria dos mapeamentos foi amplamente convencional para os participantes, geralmente com um percentual de maior identificação de relações de mapeamentos mais evidentemente baseados na experiência corpórea. Quando os três tipos de mapeamentos ocorreram em um mesmo provérbio, relações de mapeamentos mais simples foram melhor identificadas do que as de mapeamentos complexos. Além disso, cabe ressaltar que os menores percentuais de identificação foram de metáforas complexas (entre 60% e 70%). No geral, portanto, nossa hipótese é corroborada, já que na maioria dos casos, os mapeamentos mais simples foram melhor identificados, ou seja, aparentam ser mais convencionais aos participantes.

Em termos teóricos, esses resultados corroboram a Teoria da Metáfora Conceitual visto que ilustram a complexidade e a composicionalidade do fenômeno dos provérbios e atestam uma interdependência das figuras de linguagem (SIQUEIRA et al., 2017). Conforme Gibbs e Beitel (1995, p. 136), os mapeamentos, junto da cultura, formam o significado maior do provérbio, e tudo isso ocorre inconscientemente, sem que tantas habilidades metalinguísticas sejam requeridas quanto nos procedimentos da testagem aqui realizada. Ou seja, no momento da testagem, através de uma análise metalinguística sobre o provérbio em uso, os participantes foram capazes de identificar as partes menores de significado que compõem o provérbio como um todo.

Em termos de evidências de validade, a análise de mapeamentos nos fornece evidências satisfatórias de validade baseada em estrutura interna, já que corrobora achados teóricos prévios e indica que os participantes são capazes de perceber as partes que constituem o provérbio como tal, quando estimulados a isso. Dos 15 mapeamentos analisados, somente dois apresentaram um percentual de identificação menor de 70%, o que demonstra uma percepção satisfatória da composicionalidade semântica de um provérbio.

No processo de avaliação das respostas abertas da Tarefa de Provérbios do COMFIGURA, percebemos que há um reflexo dos mapeamentos contidos no provérbio em diversas respostas. Em alguns casos, inclusive, utilizamos os mapeamentos como um embasamento para que as respostas se encaixem, ou não, como respostas esperadas. Por exemplo, no provérbio *Quem vê cara não vê coração*, muitas pessoas costumam apresentar respostas com o fato de não *sabermos/conhecermos quem a pessoa é por dentro se considerarmos somente a aparência*. Ao mesmo tempo em que é literal a ideia de que não temos como conhecer o interior de uma pessoa, o provérbio é motivado pela metáfora conceitual O

ESSENCIAL É INTERNO, que veicula o *interno* de uma pessoa, ou seja, o seu caráter, como *essencial*. Por estarmos tão acostumados a utilizar essa metáfora para falarmos de sentimentos, é difícil falarmos de sentimentos e de caráter de outra forma, que não como algo *interno, por dentro*. Assim, se a maioria da amostra entrevistada foi capaz de reconhecer os mapeamentos, ou seja, as partes do provérbio, e apresentou um percentual alto de respostas esperadas na pergunta aberta (Figura 3), acreditamos que as evidências de validade da análise aqui realizada nos auxiliam a tornar mais robustos os nossos critérios para respostas esperadas, dando maior respaldo ao processo de avaliação das respostas.

No geral, portanto, ambas as análises alcançam os objetivos propostos, corroborando nossas hipóteses. Através de seus resultados, obtivemos evidências de validade baseadas em conteúdo, na relação com outras variáveis e na estrutura interna dos itens, demonstrando um instrumento sensível a esses fatores e possibilitando uma percepção satisfatória sobre as dimensões que fazem parte do fenômeno e da sua compreensão. Assim como no provérbio *A união faz a força*, a compreensão de provérbios não se trata somente de compreender uma sentença, mas sim de processar e interpretar todas as suas dimensões conjuntamente, refletindo esse conhecimento na linguagem.

6 ESTUDO 2 – DE GRÃO EM GRÃO, A GALINHA ENCHE O PAPO: UM ESTUDO SOBRE A COMPREENSÃO DOS PROVÉRBIOS POR DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS E ESCOLARIDADES

Dentre os diversos tipos de linguagem figurada, os provérbios são um dos fenômenos de maior complexidade de interpretação e processamento, requerendo outras habilidades cognitivas, além das linguísticas, para serem compreendidos, visto que evidenciam a cultura de um povo. Pense no provérbio “Não se gasta pólvora com chimango”, típico da cultura gaúcha. Chimango é o nome dado aos liberais sul-rio-grandenses na época da Revolução Federalista, em alusão a um pássaro considerado pequeno e oportunista (PORTAL DAS MISSÕES, 2021). Tipicamente, o provérbio relacionado à revolução indica que não devemos desperdiçar o nosso tempo ou nos esforçar com o que não será proveitoso. No caso de uma pessoa que não conhece a história gaúcha ou a nomenclatura das posições políticas da época, o provérbio será dificilmente compreendido.

Para que um provérbio seja compreendido e produzido no discurso, portanto, são necessários conhecimentos sociais, capacidade de abstração, familiaridade e exposição aos ditos. Sendo assim, sabendo que provérbios exigem habilidades cognitivas complexas e práticas sociais para serem compreendidos, imaginamos que uma criança ainda não possui todas as condições necessárias para a compreensão do fenômeno desenvolvidas suficientemente para compreendê-lo tão bem quanto um adolescente ou um adulto.

Conforme já comentado, são poucos os estudos experimentais que abordam a compreensão de provérbios em diferentes idades em Língua Portuguesa. No intuito de suprir essa lacuna, este estudo tem como objetivo analisar a compreensão do fenômeno por participantes das três faixas do ciclo vital (crianças, adolescentes e adultos) através da Tarefa de Compreensão de Provérbios do COMFIGURA. A compreensão dos ditos será analisada de acordo com a idade e a escolaridade dos participantes, os próprios itens e os tipos de pergunta, sugerindo evidências de validade baseadas em conteúdo, processo de resposta, e na relação com outras variáveis.

Como visto no primeiro estudo realizado, todos os itens são altamente familiares, convencionais e bem compreendidos para populações adultas. Mesmo assim, sabendo que há um consenso sobre a aquisição da linguagem figurada ser um fenômeno gradativo, que exige conhecimento moral e social, acreditamos que existiria uma relação entre a idade e os escores da tarefa. Também acreditamos que haveria efeito de idade com diferença significativa no desempenho dos três grupos de participantes, indicando uma compreensão diferente para cada

faixa etária. Pela natureza das perguntas (fechada, com somente duas possibilidades de resposta, e abertas, com múltiplas possibilidades de resposta), supomos que também haveria diferença de acordo com o tipo de pergunta e, devido às complexidades dos itens, diferença entre os próprios itens.

Através dessa análise, três tipos de evidências de validade podem ser debatidos. *Evidências de validade baseadas em conteúdo* podem ser ainda mais aprofundadas, através do estudo de como o conteúdo da tarefa será interpretado pela amostra. *Evidências de validade baseadas na relação com outras variáveis* serão abordadas ao tratarmos da compreensão de provérbios por diversas faixas etárias. Conseqüentemente, analisando os escores das diferentes faixas etárias, também podem ser elencadas *evidências de validade baseadas nos processos de resposta*. Essas serão obtidas através de uma análise qualitativa sobre as respostas dos diferentes grupos de participantes aos itens da tarefa. Por final, essas evidências podem colaborar com o fornecimento de indicadores sobre o desempenho esperado em cada faixa etária analisada, apontando para uma curva de compreensão do fenômeno estudado.

Para garantir a integridade dos participantes, este projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob o parecer de nº 2.469.701.

6.1 DESENHO DO ESTUDO

Este estudo caracteriza-se como quasi-experimental, com um desenho misto. Como variáveis independentes, consideramos a faixa etária dos participantes (criança, adolescente, adulto), os seis itens da tarefa, o tipo de pergunta (aberta ou fechada), e a escolaridade (19 níveis, de acordo com a série escolar para participantes em fase escolar – Berçário a 3º ano do Ensino Médio – e com o grau de escolaridade para participantes adultos – Ensino Fundamental, Médio e Superior Completos e Incompletos e Pós-graduação), analisadas individualmente. Como variável dependente, consideramos o escore obtido nas duas questões de cada item da TCP.

6.2 AMOSTRA

A amostra selecionada é constituída por 412 participantes, divididos em três grupos de idade: 181 crianças, de 2,4 a 11,8 anos (M=6,6 anos, DP=2,57 anos); 126 adolescentes, de 12 a 17,9 anos (M=15,5 anos, DP=1,65 anos); e 105 adultos, de 18 a 68 anos (M=33,9 anos, DP=13,9

anos). Nenhum participante deste estudo participou do Estudo 1. Na Tabela 1, verificam-se os dados de escolaridade da amostra entrevistada.

Tabela 1 – Porcentagem de escolaridade de cada grupo da amostra

Faixa etária	Grau de escolaridade	Porcentagem da amostra organizada por faixa etária
Crianças	Educação infantil	45,3%
	Ensino Fundamental	54,7%
Adolescentes	Ensino Fundamental	34,13%
	Ensino Médio/Curso Normal (EM)	65,87%
Adultos	Ensino Fundamental Incompleto (EFI)	6,67%
	Ensino Fundamental Completo (EFC)	0,95%
	Ensino Médio Incompleto (EMI)	16,19%
	Ensino Médio Completo (EMC)	30,48%
	Ensino Superior Incompleto (ESI)	23,81%
	Ensino Superior Completo (ESC)	13,33%
	Pós-Graduação (PG)	8,57%

Fonte: Elaborada pela autora.

Os participantes foram recrutados em instituições selecionadas por conveniência, no município de Barão, localizado na Serra do Rio Grande do Sul, em uma região de colonização majoritariamente alemã e também italiana. Tais instituições foram, para crianças e adolescentes, uma escola municipal de educação infantil e duas escolas de ensino básico (uma municipal e outra estadual). Para adultos, além dos funcionários e de alguns alunos das escolas previamente apresentadas, selecionamos uma escola profissionalizante privada e um Centro de Tradições Gaúchas. Em alguns casos de participantes adultos, o convite à participação se realizou através do método bola de neve.

Como critério de inclusão, todos os participantes entrevistados possuíam português como língua materna e habitavam a região da Serra do Rio Grande do Sul. Tornamos a região um critério de inclusão devido ao fato de os traços culturais, como o acesso a uma segunda língua (dialeto), poderem se tornar uma variável interveniente nos resultados. Como critério de exclusão, consideramos a presença de comorbidades ou dificuldades de aprendizagem relatadas

pelo participante, pelos pais, ou pela instituição de ensino contatada. Não controlamos o sexo dos participantes pois diferenças entre os sexos não têm sido apontadas como relevantes nos estudos sobre compreensão de linguagem figurada.

6.3 INSTRUMENTO

Para a realização deste estudo, utilizamos como material de coleta de dados a Tarefa de Compreensão de Provérbios do COMFIGURA, apresentada na seção *4.1 Tarefa de Compreensão de Provérbios*, disponível no Anexo A.

6.4 PROCEDIMENTOS

Para a realização da coleta de dados, foram visitadas instituições de ensino básico e profissionalizante da serra do Rio Grande do Sul. Nas escolas de educação infantil e básicas, um bilhete foi enviado aos pais dos alunos menores de idade com um convite para a participação na pesquisa, uma breve explicação sobre a entrevista e os principais objetivos da atividade. Anexado a esse convite, encontrava-se o TCLE (Apêndice D), recolhido antes da entrevista.

Para os participantes adultos recrutados, o convite para a participação na pesquisa foi realizado oralmente, nas instituições contatadas. Após o assentimento dos participantes, o TCLE (Apêndice E) era preenchido e entregue no momento da entrevista. Já para os contatados através do método bola de neve, um convite era realizado oralmente e, em caso de aceite, a entrevista era marcada. No momento da entrevista, o TCLE era fornecido ao participante e, após sua leitura e consentimento, devolvido à pesquisadora.

As entrevistas aconteceram entre os meses de fevereiro e agosto de 2019, nas dependências das instituições de ensino ou de trabalho dos participantes, durante os períodos de aula ou de trabalho. As entrevistas duravam entre 8 e 10 minutos e eram realizadas individualmente. Para as crianças menores, alunas da escola de educação infantil, uma atividade lúdica era realizada antes e durante a aplicação do instrumento. As crianças recebiam uma folha com o seu nome escrito para colorir e adesivar. Optamos por realizar tal atividade para que as crianças se sentissem mais confortáveis durante a entrevista e melhor familiarizadas com a pesquisadora. Em alguns casos, era necessário também o acompanhamento de uma monitora da instituição para que a criança se sentisse segura. Para este grupo de crianças menores, a média de duração da entrevista era de 12 a 15 minutos.

6.5 RESULTADOS

Os resultados do estudo serão apresentados a seguir, em duas subseções. Na primeira, trataremos da análise quantitativa dos dados e das evidências de validade de conteúdo e baseadas na relação com outras variáveis da tarefa. Na segunda, será apresentada uma análise qualitativa sobre cada um dos itens da TCP, bem como evidências de validade baseadas nos processos de resposta e na relação com outras variáveis.

6.5.1 Análise quantitativa

Os resultados aqui apresentados foram obtidos através da linguagem R, versão 4.0.2, com o *software* RStudio. Primeiramente, uma análise de variância (ANOVA) de medidas repetidas foi operada, com o propósito de analisar as variações entre as três faixas etárias, os itens da tarefa, o tipo de pergunta (aberta e fechada) e suas interações. Como indicado na Tabela 2, todos os resultados encontrados foram significativos (ao nível de $p < 0,05$), indicando diferenças de compreensão de acordo com todas as condições analisadas. Através desse resultado, percebemos que a faixa etária, o tipo de pergunta e o próprio item são fatores que apresentam impactos na habilidade da compreensão de provérbios. Ou seja, além da idade, a forma pela qual o conhecimento é acessado e o próprio provérbio questionado afetam isoladamente essa habilidade. Como consequência, o mesmo ocorre nas interações entre essas condições.

Tabela 2 – Resultados da análise de variância (ANOVA)

Condição	Graus de liberdade	Estatística F	Valor p
Item	5	47.975	<,0001
Tipo de pergunta	1	1310.142	<,0001
Faixa etária	2	652.092	<,0001
Interação: item e tipo de pergunta	5	14.895	<,0001
Interação: item e faixa etária	10	10.997	<,0001
Interação: tipo de pergunta e faixa etária	2	186.789	<,0001
Interação: item, tipo de pergunta e faixa etária	10	8.330	<,0001

Fonte: Elaborada pela autora.

Complementarmente, diversas análises post-hoc foram operadas sobre os resultados da ANOVA, localizando as diferenças encontradas através do Teste Tukey. Em relação às faixas etárias, conforme o esperado, todas as comparações entre os grupos diferiram significativamente ($p < 0,05$). Crianças atingiram uma média baixa, de 31,2% de respostas esperadas (IC95% - 28,4% a 34%). Já adolescentes atingiram uma média bastante superior à das crianças, de 83,8% de respostas esperadas (IC95% - 80,4% a 87,2%). Adultos, por final, atingiram a média de 91,8% de respostas esperadas (IC95% - 88,1% a 95,5%), o que aponta para um efeito de teto nesse grupo no desempenho na tarefa realizada.

Um grande aumento na pontuação é constatado entre as fases de infância e adolescência, com a diferença de 52% na média de respostas esperadas. Entre a adolescência e a adultez, embora também ocorre diferença significativa, a distância das médias é muito menor, totalizando somente 8% de diferença. A partir disso, percebemos que a maior parte da aprendizagem sobre provérbios ocorre entre a infância e a adolescência. Possivelmente, essa fase do crescimento permite uma maturação cognitiva e cultural que promove uma melhor habilidade de processamento e de assimilação dos provérbios, interligando o conhecimento cultural à linguagem não literal.

Em relação aos itens, também esperávamos que houvesse diferença significativa. Analisando as proporções de respostas esperadas de cada item desconsiderando os grupos de idade e os tipos de pergunta, conforme Tabela 3, percebemos que há uma diferença de cerca de 20% entre os itens com maior e menor proporção de acertos (Itens 1 e 4, respectivamente). Embora todas as expressões sejam altamente familiares para a população, tal achado sugere possíveis itens de maior dificuldade para os participantes, o que converge com estudos prévios realizados por Ferrari e Siqueira (2020) com crianças e adultos. No que tange as médias moderadas de respostas esperadas, não contávamos com médias altas devido à análise desconsiderar as variáveis de idade e tipo de pergunta. Como vimos na análise anterior, crianças naturalmente possuem uma média baixa de respostas esperadas, reduzindo também a média geral de acertos na tarefa. Análises considerando as interações de todas as variáveis serão apresentadas e discutidas posteriormente.

Tabela 3 – Média de respostas corretas por provérbio

Provérbio	Média de respostas corretas	Intervalo de confiança de 95%
1. Em boca fechada, não entra mosca.	78,7%	75,3% a 82,2%
2. Filho de peixe, peixinho é.	71%	67,6% a 74,5%
3. Quem vê cara não vê coração.	73,7%	70,3% a 77,2%
4. Onde há fumaça, há fogo.	57%	53,5% a 60,4%
5. Quem não chora não mama.	67,1%	63,6% a 70,6%
6. Cachorro que late não morde.	66%	62,6% a 69,5%

Fonte: Elaborada pela autora.

Em sequência, dentre as 15 comparações possíveis de pares de itens realizadas no Teste Tukey, 12 foram significativas ($p < 0,05$), reforçando a ideia de que a maioria dos provérbios não é compreendida da mesma forma. Atribuímos essa diferença aos níveis distintos de complexidade que os provérbios podem ter e às habilidades metalinguísticas exigidas pela tarefa. Muitas vezes, o participante pode compreender muito bem o provérbio, mas não consegue expressar a sua compreensão no momento da testagem, o que prejudica seu desempenho na tarefa realizada. As três comparações não significativas foram entre os itens *Filho de peixe, peixinho é* e *Quem vê cara não vê coração*; *Filho de peixe, peixinho é* e *Quem não chora não mama*; e *Quem não chora não mama* e *Cachorro que late não morde*. Os valores dos contrastes encontrados no Teste Tukey podem ser consultados no Apêndice F. Com isso, isolando as outras condições (idade e tipo de pergunta), podemos dizer que esses três pares de itens apresentam um desempenho semelhante na amostra. Sem considerar a idade e o estímulo, a compreensão dessas duplas de itens é pareada.

Sobre o tipo de pergunta, a análise encontrou diferença estatisticamente significativa entre perguntas abertas e fechadas ($p < 0,05$), como também esperávamos. Perguntas abertas obtiveram a média de 55,1% de respostas esperadas (IC95% - 53,1% a 57,2%), enquanto as fechadas atingiram a média de 82,7% (IC95% - 80,7% a 84,8%). Tal diferença pode surgir por razões probabilísticas e pela metalinguagem requerida na pergunta aberta. Nas perguntas fechadas, o participante possui 50% de chances de atingir a resposta esperada. Além disso, essas perguntas também dão uma dica ao participante sobre a resposta esperada, o que não ocorre nas perguntas abertas, que dependem de conhecimento e metalinguagem. Assim como na análise anterior, ressaltamos que médias baixas e moderadas nas perguntas abertas eram esperadas porque a análise isola a variável *tipo de pergunta*. Em relação à idade, imaginávamos que

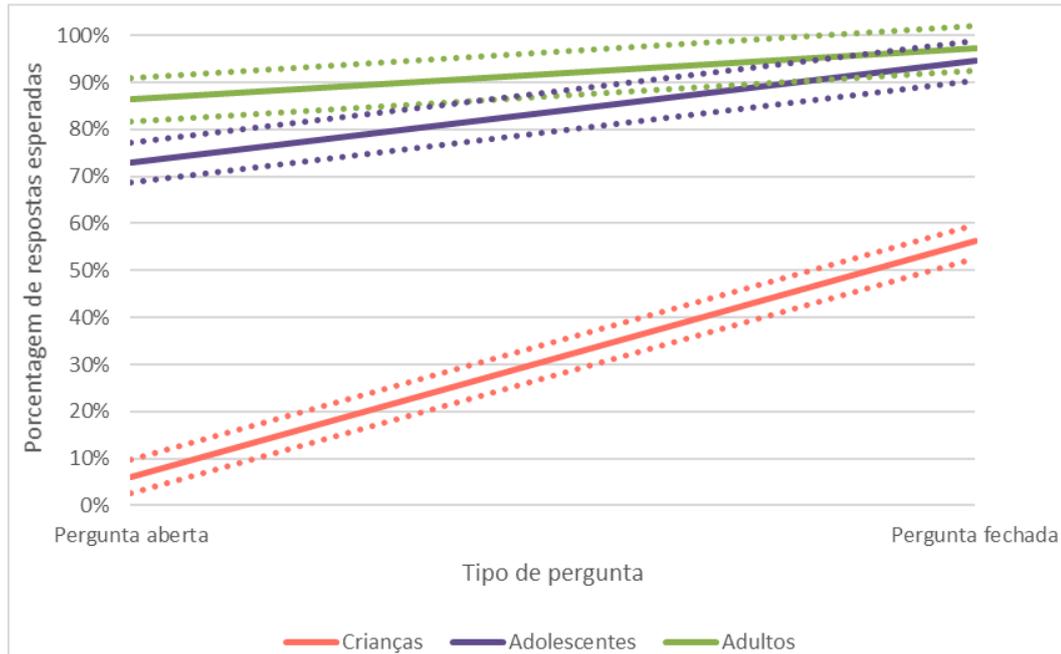
crianças poderiam apresentar maiores dificuldades para se expressar em perguntas abertas, consequentemente diminuindo a média geral da amostra. Posteriormente, tais interações serão apresentadas e discutidas.

Em termos de evidências de validade, todos os resultados encontrados apontam para evidências suficientes de validade de conteúdo e baseadas na relação com outras variáveis da TCP, especialmente a idade. Até o momento, todas as análises sugeriram resultados convergentes com o que é indicado pelos estudos prévios sobre compreensão de provérbios, considerando um aumento na compreensão de acordo com a idade, o tipo de estímulo utilizado na tarefa e a dificuldade do próprio provérbio como fatores de importante valor no desenvolvimento de um instrumento. Em seguida, abordaremos as análises que contemplam as interações entre todas as variáveis, o que nos permite um melhor aprofundamento sobre os efeitos encontrados.

A análise das interações entre esses três fatores será iniciada a partir da relação entre o tipo de pergunta e as faixas etárias da amostra. Por questões de desenvolvimento linguístico e pouco conhecimento cultural, imaginávamos que as crianças obteriam um desempenho pior do que adolescentes e adultos nas perguntas abertas. Nos três grupos, imaginávamos, também, que haveria um aumento no percentual de respostas fechadas esperadas.

De fato, nossa análise encontrou diferença significativa ($p < 0,05$) entre os três grupos para perguntas abertas, que exigem mais do participante. O mesmo ocorreu nas perguntas fechadas, com exceção da comparação entre adolescentes e adultos, que não foi significativa. Nesse caso, os resultados sugerem que adultos e adolescentes possuem o mesmo desempenho nas perguntas fechadas da tarefa, o que converge com a ideia de que a compreensão de provérbios é uma habilidade de aquisição gradual. Na Figura 4, ilustramos esses resultados através de três retas com a proporção de acertos, uma para cada faixa etária. As retas estão acompanhadas por linhas pontilhadas, que equivalem aos intervalos de 95% de confiança. Tais intervalos indicam a proporção de respostas esperadas que seria atingida pela população. Quando uma mesma faixa de espaço é ocupada por mais de um grupo, indica-se que não há diferença significativa entre esses grupos.

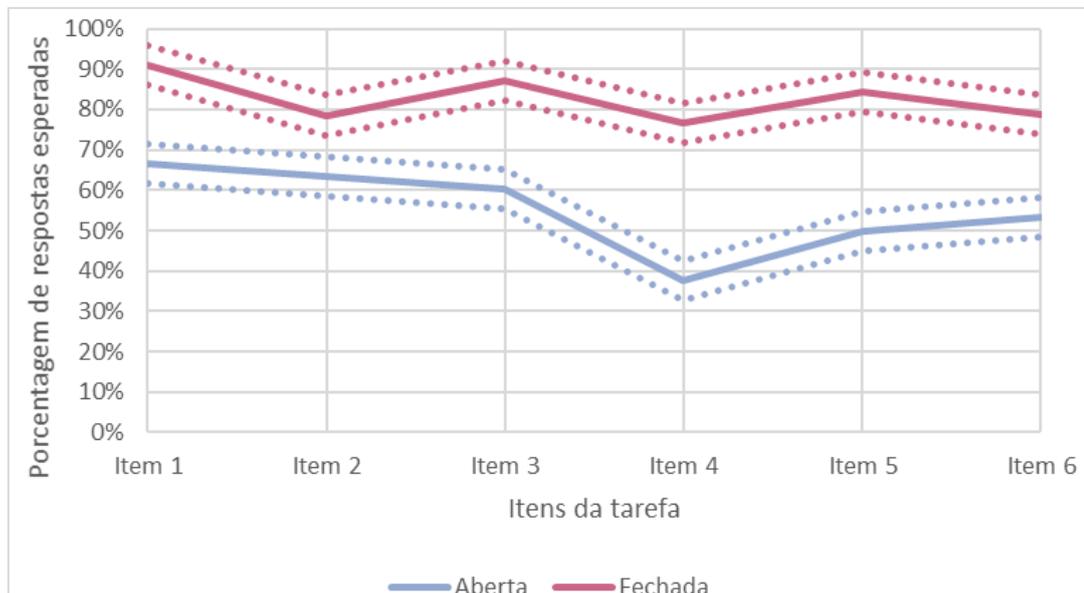
Figura 4 – Proporção de acertos por faixa etária e tipo de pergunta



Fonte: Elaborada pela autora.

Em seguida, outra análise foi realizada, sobre a interação entre os tipos de pergunta e os itens da tarefa. Pela natureza das perguntas, esperávamos que todos os itens apresentassem um desempenho melhor nas perguntas fechadas do que nas abertas. De fato, nossa análise chegou ao encontro de nossas expectativas, conforme ilustrado na Figura 5. Todas as comparações entre as duas perguntas dos itens apresentaram diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$), com uma porcentagem de respostas esperadas menor para as perguntas abertas.

Figura 5 – Proporção de acertos por tipo de pergunta e item da tarefa



Fonte: Elaborada pela autora.

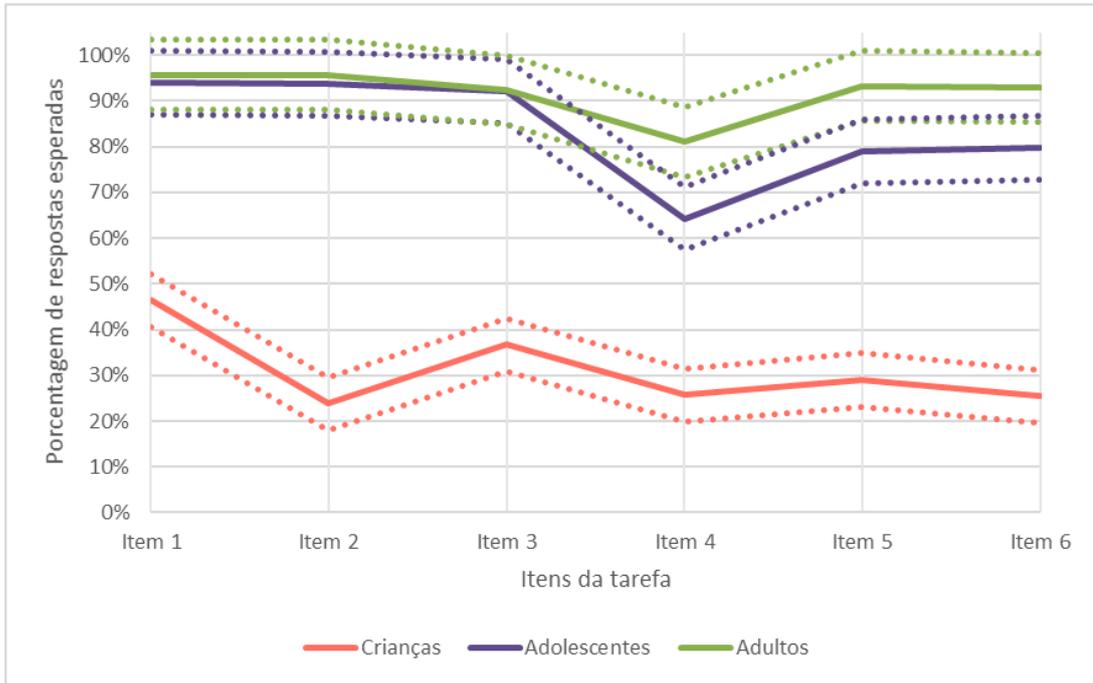
Nessa análise, é importante ressaltar que é possível verificarmos itens mais e menos compreendidos pela população entrevistada. Considerando somente as perguntas abertas, verificamos que os itens 4, 5 e 6 (provérbios *Onde há fumaça, há fogo*; *Quem não chora não mama*; e *Cachorro que late não morde*, respectivamente) são os que possuem a menor taxa de respostas esperadas (37,5%; 49,8; e 53,2%, respectivamente). Isso pode indicar itens de maior complexidade para a amostra entrevistada, independentemente da idade dos participantes, assim como demonstrado na Tabela 3, que desconsidera as variáveis de *idade* e *tipo de pergunta*.

A partir disso, optamos por realizar a próxima análise post-hoc a partir do desempenho das três faixas etárias nos itens da tarefa. Contemplando o escore total da tarefa (perguntas abertas e fechadas), imaginávamos que as crianças obteriam a menor taxa de respostas esperadas para todos os itens. Além disso, motivadas pelos resultados de Ferrari e Siqueira (2020), havia a hipótese de que o item 4, *Onde há fumaça, há fogo*, seria o item menos compreendido para os três grupos de idade.

Mais uma vez, nossa hipótese foi corroborada. De acordo com os resultados (detalhados na Figura 6), crianças apresentam um resultado muito inferior ao dos adolescentes e adultos em todos os itens, com diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$). Já entre adolescentes e adultos, somente três resultados apresentaram diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$): os itens 4, 5 e 6. Assim como na análise anterior, esses três itens apresentaram uma menor taxa de respostas esperadas, principalmente para os adolescentes. Por um lado, podemos aferir essa diferença a um menor conhecimento dos itens, como se espera devido à idade. Por outro viés, podemos pensar na possibilidade de que a moral carregada por cada um desses provérbios seja mais complexa, exigindo maior maturidade dos participantes para que sejam compreendidas.

Ainda, cabe ressaltar que o item 4 demonstrou ser o provérbio com menor porcentagem de respostas esperadas nos três grupos, assim como imaginávamos. Por experiências prévias de pesquisa, percebemos que há uma dificuldade maior por parte dos participantes em expressar o significado desse item. Na pergunta fechada, entretanto, os participantes costumam atingir um desempenho melhor. Aparentemente, dentre os seis itens da tarefa, o provérbio de maior exigência metalinguística é o item 4 para todas as faixas etárias.

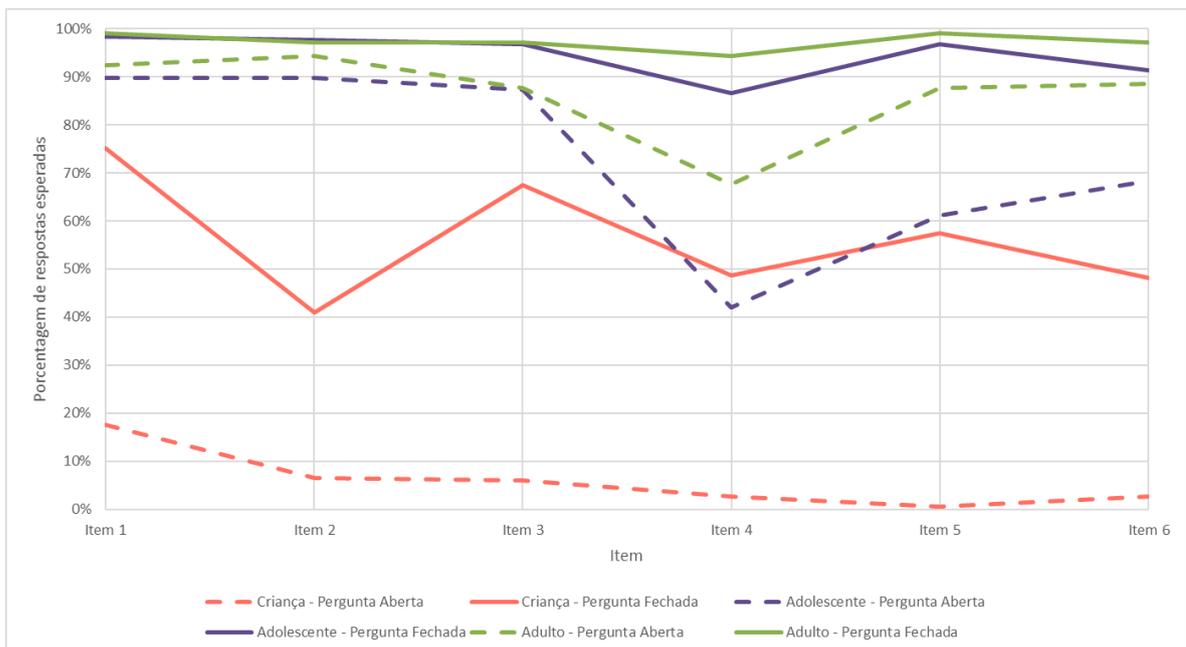
Figura 6 – Proporção de acertos por faixa etária e item da tarefa



Fonte: Elaborada pela autora.

Por final, analisamos a interação entre todos esses fatores: as faixas etárias, os itens e os tipos de pergunta. Os resultados estão ilustrados na Figura 7. Linhas pontilhadas representam o desempenho em perguntas abertas, enquanto linhas contínuas em perguntas fechadas. Os intervalos de confiança, apresentados em linhas pontilhadas nas análises anteriores, são detalhados no Apêndice G.

Figura 7 – Proporção de acertos por faixa etária, item da tarefa e tipo de pergunta



Fonte: Elaborada pela autora.

Para todas as faixas etárias e em todos os itens, conforme nossa expectativa, a taxa de respostas esperadas foi maior em perguntas fechadas do que em perguntas abertas. Entre o grupo de crianças, houve diferença significativa entre todas as perguntas abertas e fechadas ($p < 0,05$). Desse modo, percebemos que crianças ainda não possuem tanto conhecimento de provérbios a ponto de conseguirem explicar o seu significado em outras palavras, apresentando uma média baixa de respostas abertas esperadas nesse tipo de pergunta. Entretanto, na pergunta fechada, em que há uma pista sobre o significado do provérbio, crianças já conseguem realizar essa associação. Nessas perguntas, as médias de respostas esperadas aumentam consideravelmente.

Os adolescentes, por sua vez, apresentam um desempenho bastante superior ao das crianças, demonstrando uma compreensão muito próxima à dos adultos em alguns itens. Em comparação às crianças, todas as perguntas abertas apresentaram diferença significativa ($p < 0,05$). Duas intersecções ocorreram entre as perguntas abertas e fechadas desses grupos, nos itens 4 e 5, demonstrando desempenho semelhante, em tipos de perguntas diferentes. Já em comparação aos adultos, somente os três últimos itens obtiveram diferença significativa ($p < 0,05$). Assim como demonstrado na análise anterior, esse resultado possivelmente direciona os três últimos itens (*Onde há fumaça, há fogo; Quem não chora não mama; Cachorro que late não morde*) como itens mais difíceis da tarefa para os grupos mais novos, visto que tanto crianças, quanto adolescentes, obtiveram as menores médias de respostas esperadas nesses itens. Em perguntas fechadas, todos os itens do grupo de adolescentes apresentaram diferença significativa em comparação ao grupo de crianças ($p < 0,05$), enquanto nenhum item apresentou diferença significativa em comparação aos adultos.

Para adultos, constatamos um alto desempenho tanto nas perguntas abertas, quanto nas fechadas, conforme o esperado. Como já mencionado, nas perguntas abertas há a ocorrência de algumas intersecções com o grupo de adolescentes, indicando que ambos os grupos compreendem os itens semelhantemente. Nos chamou atenção, entretanto, o desempenho dos adultos na pergunta aberta do item 4, *Onde há fumaça, há fogo*. Aparentemente, é um item difícil para a amostra entrevistada, atingindo a média de 68% de respostas esperadas. Tal resultado nos surpreende, pois o item costuma ser julgado como altamente familiar pelos participantes. Entretanto, os participantes apresentam dificuldades para explicar esse provérbio. Esse é um caso no qual uma estrutura muito convencionalizada torna-se de difícil explicação para os participantes. Neste mesmo item, a porcentagem de respostas fechadas esperadas foi de 94%, o que demonstra uma alta compreensão quando há um estímulo sobre o significado. No

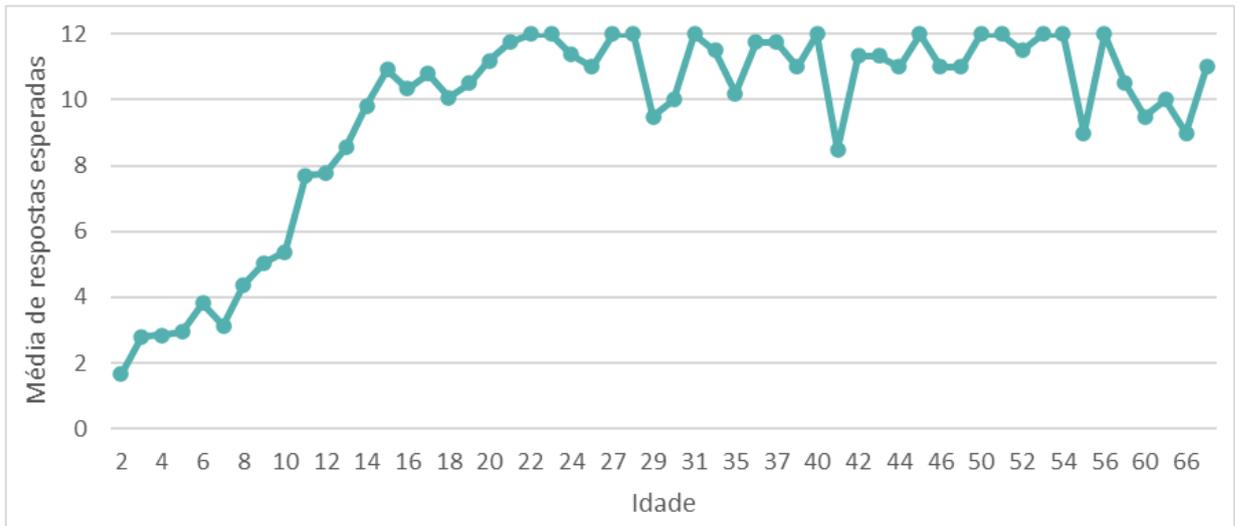
geral, as demais perguntas fechadas também apresentaram porcentagens altas de respostas esperadas, constatando um efeito de teto no grupo de adultos.

Resumindo todos esses resultados, diversos pontos comuns podem ser percebidos, potencializando as evidências de validade encontradas. Em todas as análises, a compreensão de provérbios se mostrou como uma habilidade de aquisição gradual, com um grande crescimento entre a infância e a adolescência. De acordo com o item e com o tipo de estímulo realizado, adolescentes já apresentam um desempenho semelhante aos adultos, sugerindo que nessa etapa do crescimento já não ocorre tanto aprendizado sobre provérbios quanto durante a infância. Como já mencionamos anteriormente, isso pode acontecer devido à maturação da criança, que quanto mais desenvolve suas habilidades linguísticas e seu conhecimento social, melhor passa a compreender as inferências pretendidas pelos provérbios.

O fato de termos um item que apresenta índices de menor compreensão, como o provérbio *Onde há fumaça, há fogo*, não invalida as evidências de validade encontradas. Para a Psicometria, é natural e desejável que os instrumentos psicológicos apresentem itens de maior e menor dificuldade (HAUCK FILHO; ZANON, 2015). Além disso, mesmo com um índice de compreensão menor, o mesmo padrão gradual de compreensão que se apresenta em todos os provérbios é percebido também nesse item.

Motivadas por nossos resultados, decidimos analisar mais especificamente a compreensão de provérbios através da idade, que se mostrou um fator de extrema importância até então, e da escolaridade, que interfere fortemente nas habilidades sociais e no desenvolvimento cognitivo de crianças, adolescentes e adultos (DEHAENE, 2020). Para isso, estratificamos a nossa amostra através da média do escore total dos participantes na TCP, de acordo com a idade (em anos) e com o ano de escolaridade, para alunos de educação infantil e básica. No caso de adultos, utilizamos o nível tradicional de escolaridade (Ensino fundamental/médio/superior incompleto/completo e Pós-graduação). Na Figura 8, encontram-se as médias de respostas esperadas de acordo com a idade.

Figura 8 – Média de respostas esperadas por idade

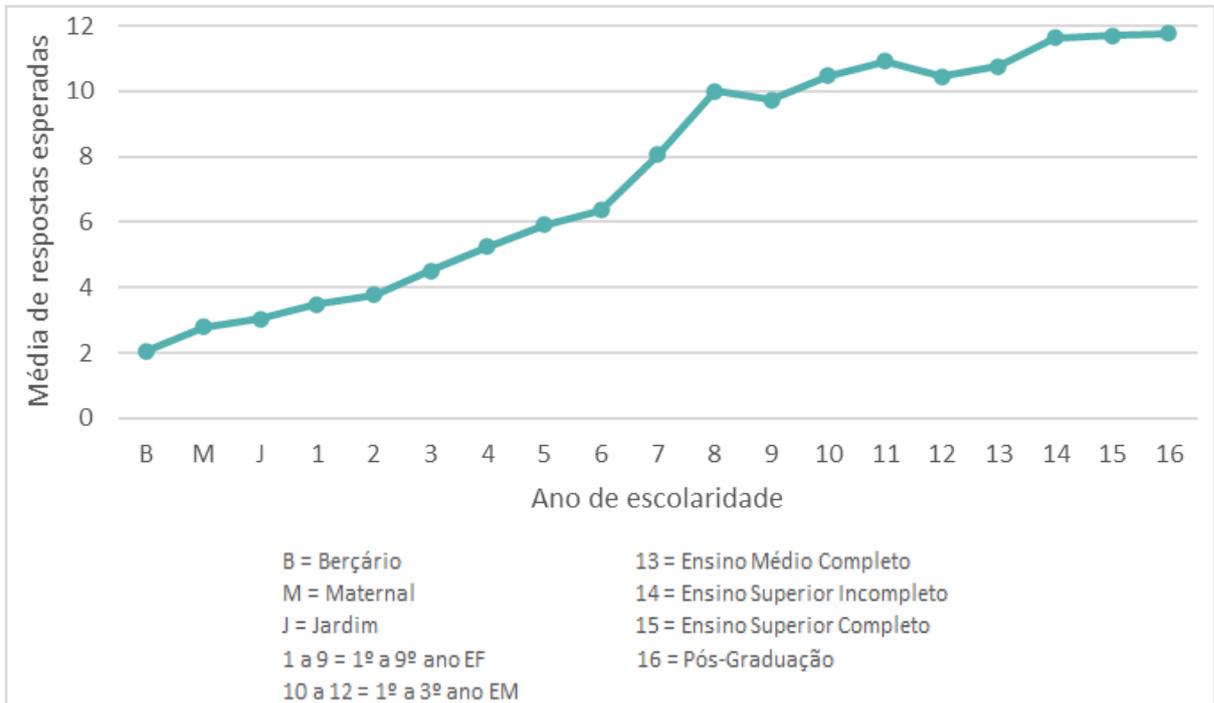


Fonte: Elaborada pela autora.

A idade, como demonstrado por análises anteriores, apresentou uma curva de compreensão linear, com um notável crescimento na infância e na adolescência (conforme Figura 8). De acordo com o gráfico, os maiores saltos de desenvolvimento da habilidade de compreensão de provérbios ocorrem entre os 10 e os 15 anos, fase que compreende o final da infância e o início da adolescência. A estabilização dessa média ocorre entre 22 e os 24 anos de idade, fase em que os adultos apresentam maior tendência a atingir efeito de teto na tarefa.

A escolaridade, por sua vez, também apresenta uma curva de compreensão ascendente (Figura 9), com o aumento da média de escores de acordo com o avanço do ano de escolaridade. Enquanto a idade apresentou um salto de desenvolvimento entre os 10 e os 15 anos, a escolaridade demonstra um aumento significativo na compreensão de provérbios entre o 6º e o 8º ano do Ensino Fundamental, com o acréscimo de 4 pontos na média de respostas esperadas. Ambas as informações se complementam, já que, geralmente, o aluno de 6º a o 8º ano possui aproximadamente 11 a 14 anos de idade. Mais uma vez, atestamos uma forte melhora dessa habilidade de acordo com a maturação. A estabilidade, nesses dados, se inicia a partir do nível de Ensino Superior Incompleto, ou seja, já na fase adulta.

Figura 9 – Média de respostas esperadas por ano/nível de escolaridade



Fonte: Elaborada pela autora.

Com o objetivo de analisar e quantificar os efeitos da idade e da escolaridade sobre a habilidade de compreensão de provérbios, duas análises de regressão foram realizadas. Na primeira, compreendendo a idade dos participantes, por verificarmos estabilidade a partir dos 24 anos, adultos a partir dessa idade foram agrupados. Nessa análise, encontramos que cada ano de idade a mais, até os 24 anos, corresponde a um acréscimo de 0,46 pontos¹² na média de respostas esperadas do participante ($F(1,410) = 1129, p < 0,05$). Na segunda, abordamos o ano e o grau de escolaridade. Não agrupamos os níveis de escolaridade mais altos pois ainda havia uma tendência de crescimento entre esses níveis. Nessa análise, encontramos que cada ano de escolaridade corresponde ao acréscimo de 0,61 pontos¹³ na média de respostas esperadas do participante ($F(1,410) = 1834, p < 0,05$).

Note que ambas as análises encontraram efeito significativo de idade e escolaridade nos escores, sendo o efeito da escolaridade mais forte do que o efeito da idade do participante sobre a sua habilidade de compreensão de provérbios. Sendo assim, além dessa habilidade melhorar com o crescimento da idade, também há um aumento importante e significativo de acordo com o ano escolar do participante. Não nos surpreende o fato de que compreender provérbios esteja

¹² Conforme a equação “número de respostas esperadas = 1,428 + 0,46508*Idade”. $R^2 = 0.7336$.

¹³ Conforme a equação “número de respostas esperadas = 3,20757 + 0,61584*Escolaridade”. $R^2 = 0.8173$. Para essa análise, codificamos o ano escolar/nível de escolaridade como a sequência de números -2 a 16, compreendendo desde o Berçário até a Pós-Graduação completa, como apresentado na Figura 9.

interligado a fatores de letramento. Quanto mais escolaridade, maior a exposição a momentos de aprendizagem, leitura, atenção e trocas de conhecimentos. Isso posto, há também toda a vivência social proporcionada pelo ambiente escolar, o que está intrinsecamente relacionado aos provérbios. Assim, somando o letramento e as trocas sociais fornecidas pelo aumento dos anos de escolaridade, é natural que a capacidade de abstração e interpretação de provérbios também seja melhorada.

Desta forma, obtivemos evidências de validade ainda mais robustas, indicando que não somente a faixa etária, a idade, o tipo de estímulo e o próprio item devem ser considerados na avaliação da compreensão de provérbios, mas também a escolaridade. Independentemente da idade, o fator de escolaridade, ou dos anos de instrução, pode gerar efeitos interessantes e significativos na compreensão de provérbios.

6.5.2 Análise qualitativa

Com o objetivo de complementar e exemplificar as análises quantitativas apresentadas, esta seção traz análises qualitativas sobre as respostas dos participantes às seis perguntas abertas realizadas na TCP. As análises serão apresentadas em seis subseções, sendo uma para cada provérbio.

Em geral, todos os itens apresentam uma evolução de respostas mais literais na infância para as menos literais de acordo com o crescimento. Quanto mais jovem o participante, menor era o número de respostas e maior era a mera repetição dos provérbios ou das palavras finais dos itens. Em muitos casos, inclusive, os participantes mais novos também perguntavam à entrevistadora o que algumas palavras significavam. Ambas as situações demonstram pouco conhecimento linguístico por parte dos participantes mais jovens, quando comparados aos outros grupos, o que era esperado para essa faixa etária. De acordo com o crescimento, diversas diferenças específicas foram constatadas nas respostas dos participantes, o que será analisado a seguir.

Além disso, a análise individual sobre os itens também apresenta exemplos de respostas esperadas, não esperadas e “casos limítrofes”. Esse tipo de resposta apresenta esse nome por ser considerado um limite entre o processamento literal e o figurado, sem demonstrar com segurança que o participante realmente compreendeu o provérbio. Nessas situações, as respostas dos participantes foram debatidas com o grupo de pesquisa, delineando não só os resultados desta pesquisa, mas também os critérios de avaliação da TCP. Os exemplos de

respostas serão apresentados em ordem crescente de escolaridade, visto que o efeito dessa variável se constituiu como mais forte do que a idade em nossa análise quantitativa.

6.5.2.1 Provérbio 1: Em boca fechada, não entra mosca

De acordo com nossas análises, o provérbio *Em boca fechada, não entra mosca* foi um dos mais compreendidos da amostra (78% de respostas esperadas). Como resposta esperada completa, consideramos necessário que o participante apresentasse dois elementos principais em sua abstração: a ideia de falar, abarcada pelo mapeamento metonímico O ESTADO PELO EFEITO DO ESTADO; e a expressão de uma consequência, presente no mapeamento metafórico RESULTADOS INDESEJADOS SÃO INSETOS.

No caso das crianças pequenas, ainda na educação infantil, foram raras as respostas que conseguiram nos explicar o que o provérbio significava. Crianças pequenas normalmente o interpretavam de forma literal, justificando o provérbio com recomendações ou fatos sobre a situação de uma mosca, um animal claramente indesejado, estar na boca.

part. 44, 3a5m, Berçário – Matar a mosca.

part. 86, 4a4m, Maternal – É pra não engolir.

part. 117, 6a11m, 2º ano EF – Tem que ficar com a boca fechada.

part. 126, 9a, 4º ano EF – Só na boca aberta entra mosca.

No início da fase de alfabetização, algumas crianças já apresentavam respostas esperadas sobre o provérbio, exemplificando-o através de situações em que ouviram isso de seus familiares e professores. Entretanto, embora esse grupo aparentasse abstrair o provérbio, percebemos que as crianças, muitas vezes, não conseguiam atingir os dois elementos considerados necessários (fala e consequência) em suas respostas. A partir disso, ponderando o fato de que crianças ainda não possuem tantas habilidades linguísticas e metalinguísticas para contemplar os dois elementos, decidimos aceitar respostas que demonstrassem a abstração do provérbio somente através da noção de não falar, assim como os participantes 382 e 397. Note que os participantes 124, 384 e 388 apontam para exemplos de contextos em que o provérbio seria adequado, o que também consideramos como respostas esperadas em todos os provérbios.

part. 124, 8a2m, 3º ano EF – É pra pessoa que ia falar uma mentira e não fala.

part. 382, 9a3m, 3º ano EF – Pra gente ficar quieto.

part. 384, 9a1m, 3º ano EF – É melhor não falar nada para não se dar mal.

part. 388, 9a8m, 4º ano EF – Quando a gente fala muito, a gente leva xingão na sala de aula.

part. 397, 9a6m, 4º ano EF – Não se deve contar um segredo.

Alguns casos limítrofes também foram encontrados nas respostas de crianças. Nesses, os participantes apresentam inferências sobre o elemento da fala, demonstrando um raciocínio além do literal proposto pelo provérbio. Entretanto, nem todos demonstram uma compreensão do significado do provérbio, apresentando afirmações sobre falas sem dizer que não se deve falar ou indicar noções de uma consequência possível. Nenhum dos exemplos a seguir foi considerado esperado pelas discussões da pesquisadora e do grupo de pesquisa.

part. 114, 6a5m, 1º ano EF – Porque eles falam da casa, da vida.

part. 366, 8a1m, 2º ano EF – É uma mentira. Alguém falou uma mentira.

part. 406, 11a, 5º ano EF – Quando alguém fala, quem tem a boca fechada não consegue falar.

Cabe ressaltar que, assim como os participantes 366 e 397, muitas crianças trouxeram respostas contendo exemplos sobre mentiras, segredos, fofocas e falar mal. Nesses casos, somente consideramos respostas esperadas as que traziam a ideia de que não se deve contar mentiras, segredos e fofocas ou falar mal das pessoas. Respostas que continham somente a existência de uma mentira, como a do participante 366, não foram consideradas representativas sobre o provérbio.

Como visto nos exemplos, percebemos que as respostas esperadas para este provérbio começaram a aparecer de acordo com o aumento da escolaridade, no início do Ensino Fundamental. Em geral, adolescentes após o 6º ano do Ensino Fundamental apresentam uma boa compreensão do provérbio, com um número expressivamente menor de respostas literais ou que fogem da compreensão prototípica. Menos respostas não esperadas e casos limítrofes foram encontrados nessa faixa etária, geralmente confundindo com outras expressões da língua portuguesa. A seguir, dois exemplos de respostas não esperadas serão apresentados. No primeiro, o participante possui uma compreensão aparentemente não literal, apontada pelo elemento da conversa. Porém, essa abstração não corresponde exatamente ao significado pretendido pelo provérbio, de que falar demais gera consequências. No segundo exemplo, o participante confunde o provérbio, apresentando uma ideia de causa e consequência diferente da pretendida pelo ditado.

part. 141, 13a, 6º ano EF – Que se uma pessoa está conversando, a outra mantém a boca fechada e só escuta.

part. 153, 12a2m, 7º ano EF – Se tu não pede alguma coisa, a pessoa não vai te dar.

A partir dessa faixa etária e de escolaridade, também notamos que começam a aparecer as explicações sobre o provérbio utilizando outros exemplos de figuras de linguagem, como os casos a seguir, considerados respostas esperadas.

part. 413, 12a11m, 6º ano – Não se deve falar abobrinha.

part. 189, 15a3m, 1º ano EM – Se não ficar quieto, leva uma patada do outro.

part. 192, 14a9m, 1º ano EM – Às vezes tu fala demais e se ferra.

Adolescentes mais velhos, estudantes do Ensino Médio, apresentam respostas muito parecidas às dos adultos, abrangentes de todo o sentido do provérbio através de construções frasais mais complexas. A seguir, algumas dessas respostas serão apresentadas.

part. 197, 15a5m, 1º ano EM – Se tu não falar o que não deve, não vai acontecer nada de mal para ti.

part. 205, 15a3m, 2º ano EM – Que às vezes, mesmo que se tenha muito a falar, é melhor ficar quieto.

part. 221, 16a4m, 2º ano EM – Enquanto tu não falar, tu não vai ser agredido verbalmente.

Adultos, como demonstrado nas análises quantitativas, atingem efeito de teto neste provérbio e nos demais. Assim como nos adolescentes mais velhos, houve poucos casos de respostas não esperadas. Essas, quando aconteceram, foram por participantes que não haviam ouvido o provérbio antes, mas que posteriormente acertavam a pergunta fechada. Nas respostas esperadas, novamente percebemos que alguns participantes apresentam outras expressões figuradas como forma de explicar o provérbio.

part. 292, 68a, EFI – Menos que se fala, menos problema.

part. 18, 30a, EMC – A palavra é de prata e o silêncio é de ouro. Antes tem que ficar calado do que falar.

part. 300, 38a, ESI – Às vezes o silêncio é melhor do que usar as palavras erradas no momento errado.

part. 333, 35a, ESC – Às vezes é melhor ouvir mais e falar menos. Não precisa dar opinião de tudo que tu pensa.

6.5.2.2 Provérbio 2: Filho de peixe, peixinho é

Assim como o provérbio anterior, *Filho de peixe, peixinho é* também é um dos itens mais compreendidos pela amostra entrevistada (71% de respostas esperadas). Neste provérbio,

consideramos respostas esperadas as que contemplavam o entendimento do provérbio através dos seguintes mapeamentos, somados ao conhecimento cultural: DESCENDÊNCIA É TAMANHO, no morfema -inho de *peixinho*, o filho; SIMILARIDADE É PARENTESCO, na ideia de que através das relações de parentesco acontecem as semelhanças; e HUMANOS SÃO ANIMAIS IRRACIONAIS, ao tratarmos de relações humanas através dos peixes.

Crianças pequenas, conforme nossa expectativa, possuem uma compreensão bastante literal do dito. Na fase da Educação Infantil e no início do Ensino Fundamental, as crianças costumam apresentar respostas com elementos sobre a natureza dos peixes, ou supondo algo sobre esses animais.

part. 34, 2a7m, Berçário – O peixinho é grande.

part. 53, 3a9m, Maternal – Peixinho é pra pescar.

part. 98, 4a10m, Jardim – Os peixes nem cresceram ainda.

part. 353, 6a7m, 1º ano – O peixinho é pequeno.

Algumas também demonstram compreender que o provérbio está falando de uma relação familiar, embora ainda não realizem a interpretação figurada do dito.

part. 87, 4a3m, Maternal – Todos nadando no lago: o papai, a mamãe e o peixinho.

part. 110, 5a6m, Jardim – Os pais sempre tem que ficar cuidando dos filhos.

part. 346, 6a9m, 1º ano – O peixão é o papai, e o peixinho é o filhinho.

part. 130, 9a7m, 4º ano – Que um animal, o filho dele vai ser o animal que o pai ou a mãe é.

O participante 346 apresenta claramente o conhecimento do mapeamento DESCENDÊNCIA É TAMANHO, atribuindo o sufixo -ão, equivalente a coisas grandes, ao pai, o progenitor. Além disso, destacamos que o último exemplo, já de uma criança da primeira etapa do Ensino Fundamental, pode ser considerado um caso limítrofe. Prototipicamente, o provérbio indica que somos parecidos com os nossos genitores. A criança, embora tenha falado algo que já está dito no provérbio (a relação de que o filho de um peixe continua sendo esse mesmo animal), aparenta abstrair o peixe para uma categoria mais genérica, o *animal*.

Houve também outras respostas consideradas casos limítrofes e não esperadas, detalhadas a seguir. O participante 125, por exemplo, apresenta uma resposta que não se encaixa nas respostas esperadas do provérbio. Entretanto, percebemos que há uma abstração, pois o provérbio não fala literalmente de precisarmos da ajuda dos nossos pais.

part. 125, 9a10m, 4º ano – Que é muito de pedir pro pai uma coisa que não sabe.

part. 373, 8a10m, 3º ano EF – Pergunta Aberta: Pra aproveitar a vida com os pais. Pergunta

Fechada: *Parecido. A gente sempre nasce com alguma coisa parecida com o pai ou a mãe.*

Destacamos as respostas do participante 373 como um caso limítrofe devido ao fato de que o participante aparenta se dar conta do significado do provérbio após termos realizado a pergunta fechada. Na pergunta aberta, sua resposta não foi considerada esperada, já que não traz a moral do provérbio. Entretanto, é interessante perceber a moral social apontada pela resposta, de respeito e consideração por nossos genitores. Claramente, houve abstração, mas não para o lado do provérbio. Na fechada, curiosamente, o participante complementa seu raciocínio de que o provérbio indica sermos parecidos com os nossos pais utilizando uma resposta que seria adequada para a pergunta aberta. Nesse caso, o participante obteve somente 1 ponto, oriundo da pergunta fechada.

Na nossa amostra, foi somente a partir do 3º ano do Ensino Fundamental que as crianças começaram a apresentar respostas esperadas neste provérbio, compreendendo que o item não trata de animais e apresentando conhecimentos sociais mesclados a isso, como nos exemplos a seguir.

part. 384, 9a1m, 3º ano – É igual ao pai.

part. 388, 9a8m, 4º ano – Que muitas vezes a gente puxa pela mãe ou pelo pai, e o jeito também.

part. 400, 10a4m, 5º ano – Que a gente tem que respeitar os pais e a gente sempre vai ter alguma coisa parecida com eles.

part. 404, 10a6m, 5º ano – Que é tipo o ser humano, nasce igual a mãe.

A partir da adolescência, houve um aumento no número de respostas esperadas que englobavam questões de aparência não somente física, mas também de personalidade e atitude. Nessa fase, também foram constatadas diversas respostas utilizando outras expressões semelhantes para explicar o provérbio, como *tal pai, tal filho* e *a fruta nunca cai longe do pé*. Poucas respostas não esperadas foram constatadas, bem como nenhum caso limítrofe.

part. 153, 12a2m, 7º ano – O filho segue o exemplo do pai.

part. 165, 13a8m, 9º ano – A gente herda costumes e características dos nossos pais.

part. 179, 15a6m, 1º ano EM – Se o pai ou a mãe é alguma coisa, dificilmente o filho vai ser outra.

part. 208, 17a2m, 2º ano EM – Os filhos se espelham muito nos pais.

part. 231, 17a8m, 3º ano EM – A cultura que a gente traz de casa faz com que fizemos o mesmo que os nossos pais.

Alguns participantes, com dificuldades na explicação do sentido do provérbio, apresentaram exemplos e contextos em que esse dito poderia ser aplicado, como demonstrado a seguir. Ambos foram considerados respostas esperadas, pois demonstraram a abstração e a aplicação do provérbio.

part. 204, 16a2m, 2º ano EM – Quem nasce de pai rico não precisa trabalhar muito, será rico.

part. 222, 16a5m, 2º ano EM – Se o pai é rico e esnobe, o filho faz o mesmo com os amigos.

No provérbio 2, percebemos novamente uma evolução nas respostas de acordo com a idade e com a escolaridade dos participantes. Adolescentes, conforme o crescimento, se aproximaram muito ao desempenho dos adultos. Esses, por sua vez, atingiram efeito de teto, com casos muito pontuais de respostas não esperadas. Novamente, muitas respostas foram explicadas através de outras expressões figuradas, como *tal pai, tal filho* e *o fruto não cai longe do pé*, tratando de aparência, personalidade e trejeitos. Além disso, a maioria das respostas demonstra compreender, junto a fatores culturais, os três mapeamentos previamente mencionados. Não houve casos limítrofes para os adultos neste provérbio.

part. 330, 51a, EMC – É sobre genética. O filho se parece com o pai.

part. 29, 24a, ESI – A gente tem os exemplos dos pais, então somos muito parecidos com eles.

part. 2, 56a, ESC – A semelhança de pais e filhos fisicamente e na forma de ser.

part. 287, 52a, PG – O fruto não cai longe da árvore. O filho puxa o pai ou a mãe tanto positivo quanto negativo.

6.5.2.3 Provérbio 3: Quem vê cara não vê coração

O provérbio *Quem vê cara não vê coração*, assim como os dois primeiros, encontrou-se classificado entre os mais bem compreendidos (73% de respostas esperadas). Para atingir uma boa compreensão nesse provérbio, pensamos ser necessária a assimilação de 4 mapeamentos: PARTE PELO TODO, para compreender que a cara e o coração representam o caráter e a aparência como um todo, O ESSENCIAL É INTERNO, para atingir a moral do provérbio de que devemos considerar os sentimentos e não a aparência das pessoas, JULGAR É VER, para compreender *ver a cara* como um julgamento e CONHECER É VER, para entender a ideia de que conhecemos alguém pelo seu caráter. Juntos, todos esses mapeamentos e o fator cultural constroem o significado do provérbio.

Assim como nos provérbios anteriores, crianças pequenas, de Educação Infantil, ainda não apresentam uma boa compreensão. Suas respostas, em geral, se baseiam no nível literal de

interpretação. Esse tipo de resposta também aconteceu com alunos de séries iniciais do Ensino Fundamental, demonstrando pouca compreensão do dito também nessa fase de escolaridade.

part. 43, 3a5m, Berçário – O meu pai tem coração, eu sou a doutora que consulta.

part. 79, 4a9m, Maternal – O coração tá dentro de nós, por isso a gente não vê.

part. 99, 5a8m, Jardim – As pessoas têm que ter coração, elas não vivem sem.

part. 338, 6a10m, 1º ano EF – Não dá pra ver o coração, porque tá fechado [gesticulando em direção ao peito].

No grupo de crianças do final da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental, percebemos que as crianças já relacionam o órgão coração como a localização dos nossos sentimentos no corpo, principalmente o amor. Desse modo, percebemos uma ativação dos mapeamentos PARTE PELO TODO e O ESSENCIAL É INTERNO já nessas faixas etárias e de escolaridade. A seguir, apresentaremos algumas respostas classificadas como limítrofes, pois já apresentam alguma abstração, relacionando metonimicamente o coração aos sentimentos de uma pessoa. Entretanto, por compreenderem somente uma parte do provérbio, não foram consideradas respostas esperadas.

part. 95, 5a, Jardim – É que sempre tem amor. As pessoas dão muito carinho e amor.

part. 136, 11a10m, 6º ano – Quem não vê rosto, vê amor.

part. 343, 7a3m, 1º ano EF – Que o amor vem do coração.

Outros casos limítrofes também foram encontrados, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Nesse provérbio, algumas crianças costumavam relacionar pessoas que “não veem o coração” como pessoas de má índole, demonstrando uma excelente compreensão dos mapeamentos selecionados. Entretanto, ainda não demonstravam a compreensão da moral do provérbio, talvez por pouco conhecimento cultural. Em alguns casos, durante a entrevista, a pesquisadora perguntava mais sobre as respostas das crianças, para descobrir se as mesmas conseguiriam atingir a resposta esperada. Algumas, de fato, conseguiam explicar atingindo a moral do provérbio. As que não conseguiam geralmente acertavam a pergunta fechada, demonstrando compreenderem o provérbio com o auxílio de uma pista, mas não conseguindo explicá-lo. A seguir, exemplificamos casos de respostas não esperadas, consideradas limítrofes por apresentarem a relação de quem não “enxerga os sentimentos” como mau-caráter, ou a dualidade entre o bem e o mal.

part. 121, 8a4m, 3º ano EF – Que é uma pessoa que não é legal, não tem consideração, não divide as coisas.

part. 373, 8a10m, 3º ano EF – Pessoas que não têm vergonha, sem coração. São pessoas más.
part. 131, 10a1m, 5º ano – Só vê coisas ruins ao invés de boas.

Nessa faixa etária, algumas respostas esperadas foram encontradas a partir do 3º ano do Ensino Fundamental. É importante notar, conforme exemplificado a seguir, que muitos participantes não conseguem explicar o provérbio sem utilizar a expressão *por dentro*, que é muito convencionalizada para falar da personalidade e de sentimentos. Nesses casos, já que *por dentro* pode ser uma característica literal do coração, que está por dentro do corpo, costumávamos perguntar ao participante o que ele entendia por *por dentro*. As explicações dos participantes sobre essa pergunta auxiliar se encontram dentro de colchetes.

part. 376, 8a8m, 3º ano EF – A cara não importa tanto quanto como a pessoa é.
part. 375, 9a2m, 3º ano EF – Quando a gente vê uma pessoa, ela pode ter a cara brava, mas dentro dela ela pode ser boa [por dentro: o caráter].

Adolescentes costumeiramente entendiam bem o provérbio e conseguiam explicá-lo através de outras palavras. Como demonstrado a seguir, muitos explicavam o provérbio através de termos como *por dentro* ou *beleza interior*. Nesses casos, repetia-se o processo de realizarmos mais perguntas sobre esses vocábulos.

part. 142, 12a7m, 7º ano – Que a pessoa não sabe o que a outra tem por dentro [por dentro: sente].
part. 148, 12a11m, 7º ano – Pra não julgar pela aparência.
part. 158, 12a11m, 8º ano – Quem olha pra aparência não vai ver o que a pessoa tem por dentro [por dentro: sentimentos, o modo, os atos, os pensamentos].
part. 161, 14a3m, 8º ano – Que não pode gostar de uma pessoa só pela beleza.

Nesse grupo, alguns adolescentes preferiram exemplificar o provérbio, ao invés de explicá-lo. Geralmente, os exemplos apareciam da seguinte forma, demonstrando um bom conhecimento do ditado:

part. 163, 14a5m, 8º ano – Tem várias pessoas que a gente pensa que é uma coisa, mas não é verdade.
part. 166, 16a4m, 9º ano – Tem que ser mais aproximado de uma pessoa pra conhecer ela mesmo.

Ainda, alguns participantes utilizaram ditados semelhantes em vocabulário para explicar esse provérbio, como *O que os olhos não veem, o coração não sente*. Respostas que utilizassem

esse provérbio não foram consideradas esperadas, pois o dito utilizado na explicação não corresponde ao sentido do provérbio questionado.

Adolescentes mais velhos, assim como os mais novos, também utilizaram outros provérbios para explicar. Na maior parte das vezes, esse grupo utilizava a expressão *Não julgue/compre/leia um livro pela capa*. Essa, por ter um significado correspondente ao provérbio questionado, era aceita como resposta esperada. Esse grupo também apresentou muitas respostas com a representação dos sentimentos como *por dentro* de uma pessoa, enquanto a representação da aparência seria o *por fora*. Quando isso acontecia, os mesmos procedimentos do *por dentro* eram realizados, pedindo mais detalhes aos alunos, como ilustrado em sequência.

part. 178, 15a7m, 1º ano EM – Que olha só para uma parte da pessoa e não enxerga o que ela é por dentro, só por fora [por dentro: sentimentos; por fora: aparência].

part. 182, 14a10m, 1º ano EM – Que se importa mais com a beleza exterior, e não pela interior [beleza interior: se a pessoa é boa ou não].

Majoritariamente, adolescentes apresentaram respostas esperadas, com um bom desenvolvimento sobre o provérbio e uma boa compreensão sobre os mapeamentos destacados.

part. 180, 15a7m, 1º ano EM – Quem liga pra aparência não liga pro que a pessoa sente.

part. 188, 16a1m, 1º ano EM – Não devemos julgar a pessoa sem antes conhecê-la.

part. 247, 17a1m, 3º ano EM – Não adianta julgar pela aparência.

No grupo de adultos, assim como nos demais provérbios, a porcentagem de respostas esperadas aumenta, chegando a um efeito de teto neste item. Alguns detalhes foram percebidos nas respostas. A maioria dos adultos continuou a falar de personalidade e aparência através de termos como *por dentro* e *por fora*, *beleza interna/externa* e *qualidade interna/externa*. Quando isso acontece, é essencial que seja questionado o que esses termos significam, para se ter certeza que o participante está se expressando além da literalidade. Além disso, alguns adultos trouxeram também um debate sobre a dualidade entre razões e emoções, metonimicamente, através do coração, como ilustrado a seguir. Essa dualidade não se interliga tanto ao sentido do provérbio, portanto, não foi considerada como resposta esperada.

part.15, 26a, EMC – Ver com a razão e não com o coração.

Muitas respostas esperadas foram encontradas abrangendo o entendimento de todos os mapeamentos identificados, somados à moral do provérbio. Nesta faixa etária, outra expressão

semelhante foi lembrada e utilizada recorrentemente nas explicações: *as aparências enganam*. Esta expressão, por ter o mesmo significado que o do provérbio, foi considerada uma resposta esperada. Outros exemplos de respostas esperadas serão disponibilizados abaixo:

part. 265, 18a, 3º ano EM – Que a imagem da pessoa não define o que ela sente.

part. 10, 22a, EMC – Para quem julga a pessoa pela aparência, e não pelos sentimentos dela.

part. 14, 46a, EMC – Que às vezes as pessoas julgam sem conhecer.

part. 299, 20a, ESI – A aparência engana. Às vezes a pessoa é bonita, mas tem um coração rude, triste, com outros malefícios em atitudes e caráter.

6.5.2.4 Provérbio 4: Onde há fumaça, há fogo

Motivadas por coletas de dados e análises prévias, imaginamos que o provérbio *Onde há fumaça, há fogo* seria o item menos compreendido pela amostra. De fato, essa hipótese se confirmou, com apenas 57% de respostas esperadas. Para considerarmos uma resposta esperada, ela deveria conter os mapeamentos SABER É VER e EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE no fato de ver a fumaça representar um indício de alguma coisa, e EFEITO PELA CAUSA na representação dos indícios como efeitos que se desdobram de uma causa, um fato de origem.

Nesse provérbio, percebemos uma grande complexidade na explicação exigida pela pergunta aberta, em todas as faixas etárias. No caso das 181 crianças entrevistadas, somente 5 obtiveram respostas esperadas na pergunta aberta. Percebemos, mais uma vez, respostas muito literais, apresentando explicações sobre a localização e as causas do fogo e da fumaça, como exemplificado adiante.

part. 49, 2a11m, Berçário – Lá em cima [tem fogo].

part. 84, 4a7m, Maternal – Tem que apagar o fogo.

part. 97, 5a10m, Jardim – É pra botar fogo na carne.

part. 361, 8a, 2º ano EF – Quando acende o fogo, a fumaça sai pela chaminé.

Nas respostas das crianças, curiosamente, encontramos muitas relações do elemento *pegar fogo* com *brigas* e com a *brabeza*. Nesses casos, acreditamos que esteja sendo realizada uma relação entre o fogo do provérbio e o mapeamento metafórico INTENSIDADE DE EMOÇÃO É CALOR, que não se relaciona ao significado prototípico do provérbio, de que há alguma suspeita ou sinal sobre algo. Através desse mapeamento, as crianças respondem ao

provérbio dizendo que ele significa que há uma briga, ou que alguém está bravo. As respostas destacadas a seguir ilustram algumas dessas inferências, que não foram consideradas esperadas.

part. 367, 8a3m, 2º ano EF – Eles estão lá, só que estão brigando. Então está pegando fogo.

part. 388, 9a8m, 4º ano – A pessoa está brava.

part. 394, 9a8m, 4º ano – Se tem uma pessoa brava, ela pode ser muito brava ou mais calma. A minha irmã é brava, é o fogo. A minha mãe, que é calma, é a fumaça.

Ainda, algumas respostas que apresentaram essa relação metafórica foram consideradas esperadas. Estas associaram a brabeza ou a confusão como sinais, ou indícios, relacionando, então, esses elementos à ideia central do provérbio.

part. 373, 8a10m, 3º ano EF – Quando a pessoa está muito brava, ela pode fazer coisas ruins, como matar, roubar, bater, brigar.

part. 399, 11a2m, 5º ano – Que, por exemplo, tem um lugar com alguma confusão, e deste lugar vem coisas estranhas, barulhos.

As respostas esperadas, nessa faixa etária, exemplificavam o provérbio através da ideia de que há um problema, uma desconfiança sobre algo que não estaria normal.

part. 134, 11a5m, 6º ano – Se tem alguma coisa estranha, é coisa errada.

part. 135, 11a8m, 6º ano – Se tem alguma coisa errada, é que tem mais coisa lá. Não pode ser só aquilo.

No grupo de adolescentes do Ensino Fundamental, percebemos um número grande de respostas literais, o que se destaca dos itens anteriores. Muitos também respondem que o provérbio serve para simbolizar uma briga, uma pessoa que briga muito ou o início de uma briga. Claramente, há uma abstração. Porém, essa abstração não corresponde ao significado do provérbio, e sim a atualizações linguísticas da metáfora INTENSIDADE DE EMOÇÃO É CALOR. Outro fator que nos chamou atenção nesse grupo foi a quantidade de respostas esperadas através de exemplos, corroborando nossa hipótese de que este provérbio possui uma complexidade maior para suas explicações. Em sequência, serão apresentadas respostas esperadas que apresentam contextos de uso do provérbio. Note que muitas destas explicações mantêm a mesma estrutura que o provérbio em questão.

part. 142, 12a7m, 7º ano – Onde tem fofoca, sempre vai ter uma fofqueira.

part. 151, 12a6m, 7º ano – Onde tem conversa ruim vai ter mais coisas.

part. 156, 13a8m, 8º ano – Onde há ladrão, há roubo.

part. 167, 16a1m, 9º ano – Onde há uma gritaria, deve ter algum problema.

Outras respostas esperadas também serão destacadas a seguir. Nestas, os participantes explicam o provérbio em outras palavras, sem apresentar dificuldade para isso. Destacamos a resposta do participante 164, que utiliza outro dito popular da língua portuguesa, relacionado ao sentido do provérbio questionado.

part. 418, 14a1m, 8º ano – Se tu vê alguma coisa, isso quer dizer que há algo de errado ali.

part. 164, 14a7m, 9º ano – Toda a mentira tem um fundo de verdade.

part. 173, 14a1m, 9º ano – Uma coisa não vem do nada.

part. 420, 15a2m, 9º ano – Quando tu vê algo dando errado e vai ver o que é, pode ser algo bem pior do que tu pensa.

Nos adolescentes mais velhos, de Ensino Médio, o mesmo padrão foi encontrado. Uma porcentagem significativa de participantes relacionou o provérbio à ideia de provocar brigas, discussões e problemas, sem expressar o verdadeiro significado do provérbio através de uma evidência, ou um sinal da briga. Há uma abstração, mas não sobre o sentido do provérbio.

part. 175, 16a4m, 1º ano EM – Como se tu estivesse pedindo uma discussão.

part. 214, 16a6m, 2º ano EM – Quando tu reclama, ou tem a mesma opinião que os outros e ficam discutindo entre si.

part. 226, 17a5m, 2º ano EM – Um problema, uma encrenca.

part. 230, 17a4m, 3º ano EM – Em discussões. quando há um problema, as pessoas discutem e brigam sem entender o motivo da situação.

Como respostas esperadas, algumas utilizam os elementos de brigas e discussões junto às suas evidências, relacionando-os ao provérbio. Além disso, há também explicações centrais, sobre suspeitas e sinais, assimilando todos os mapeamentos elencados.

part. 184, 15a5m, 1º ano EM – Onde tu vê sinais de problema, pode ter certeza que ali tem problema.

part. 191, 15a6m, 1º ano EM – Se há suspeita, há alguma coisa.

part. 215, 16a2m, 2º ano EM – Muitas vezes, quando tem algum barulho, é sentido de briga. É um sinal.

part. 232, 16a11m, 3º ano EM – Quando tem alguma intriga, tem alguma coisa por trás.

No grupo de adultos, a maioria das respostas não esperadas também aconteceu devido a essa relação da expressão com a metáfora INTENSIDADE DE EMOÇÃO É CALOR. Alguns

participantes, inclusive, apresentaram a atualização linguística de que *não se deve colocar lenha na fogueira* para explicar o ditado. Provavelmente, há uma confusão no momento da explicação, entre o fogo do provérbio, uma causa de uma situação, e o “calor da emoção”, visto que falar de emoções intensas através do calor e do fogo é muito convencional.

part. 261, 18a4m, 3º ano EM – Se a pessoa é meio agitada, tu sabe que vai ter fogo.

part. 264, 18a, 3º ano EM – Onde tem intriga ou briga, as coisas sempre podem esquentar mais.

part. 267, 18a, 3º ano EM – Se tu puxa uma briga, tu toca fogo e aí sai fumaça.

part. 309, 43a, EMC – Se tem fogo, não adianta botar mais lenha. É melhor não falar mais para não aumentar a intriga.

part. 314, 36a, ESI – Quando as pessoas brigam, se tu incentiva, as coisas vão esquentar ainda mais.

Por final, muitos souberam explicar o provérbio através de formulações sobre o seu significado, ou exemplos de contextos em que o dito poderia ser aplicado. Nestes casos, percebemos a compreensão dos três mapeamentos identificados no provérbio: SABER É VER e EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE no fato de que sabemos de algo quando *vemos a fumaça* e EFEITO PELA CAUSA ao verificarmos que há uma situação devido ao seu efeito (metonimicamente, a fumaça).

part. 301, 37a, EMC – Quando surge um comentário, esse comentário não surge do nada. Algo aconteceu.

part. 317, 31a, EMC – Se estão brigando é porque tem algum motivo.

part. 330, 51a, EMC – A fumaça é um sinal. Pelos sinais, tu vê o que tem por trás, o que está escondido, mais oculto.

part. 327, 22a, ESI – Se tu desconfia de algo suspeito, pode ter algo maior.

6.5.2.5 Provérbio 5: Quem não chora não mama

O provérbio *Quem não chora não mama* foi um dos três itens com a menor taxa de compreensão da amostra (67% de respostas esperadas). Para que o provérbio fosse julgado como conhecido, era necessário que o participante demonstrasse inferir a moral, somada aos mapeamentos DESEJAR É TER FOME, no entendimento do *mamar* em termos de *atingir/desejar o que se quer* e MEIOS DA AÇÃO PELA AÇÃO, na compreensão de *chorar* como *a parte de um pedido*, o meio para que a ação se complete.

Poucas crianças pequenas relataram não saber o que o provérbio quer dizer. Por mamar e chorar serem experiências e vocábulos comuns no dia a dia de uma criança, a maioria respondeu através de seus conhecimentos ou de sua rotina com essas ações. As crianças costumavam responder sobre os colegas que choram, a frequência que choram ou mamam, o motivo pelo qual as pessoas poderiam chorar, etc. A seguir, algumas dessas respostas foram destacadas:

part. 36, 2a8m, Berçário – A Luiza [colega] chora.

part. 65, 3a4m, Maternal – Caíram as pessoas.

part. 89, 5a, Jardim – Quem é grande não chora.

part. 353, 6a7m, 1º ano EF – Quando a gente chora, a gente não mama. A gente não é bebê.

Muitas crianças mais velhas, alunas do Ensino Fundamental, também interpretaram o provérbio literalmente, como demonstrado acima. Estes, especialmente, explicavam situações típicas de um bebê, respondendo que são os bebês que tomam mamadeira quando tem fome, que provavelmente o bebê pararia de chorar ao mamar, que a mãe precisava acalmar o bebê, que não é possível chorar e mamar ao mesmo tempo, etc.

Neste item, nenhuma resposta foi considerada esperada, embora algumas tenham indicado um início de abstração do sentido do provérbio. A seguir, três dessas respostas são demonstradas. Claramente, há uma compreensão de que não se está falando sobre mamar. Os três participantes abstraíram essa parte do provérbio, demonstrando terem interpretado o mapeamento DESEJAR É TER FOME. Os participantes 386 e 397 também demonstram terem compreendido a metonímia MEIOS DA AÇÃO PELA AÇÃO, explicando o elemento do choro como uma parte de um pedido. Provavelmente, no caso dos dois últimos participantes, ainda não há conhecimento de mundo suficiente para que o provérbio seja totalmente compreendido.

part. 373, 8a10m, 3º ano EF – É uma pessoa com muita coragem, porque ela nunca chorou.

part. 386, 8a10m, 3º ano EF – Quando a gente chora, a mãe fala pra parar de chorar e aí a gente ganha pra ficar feliz.

part. 397, 9a6m, 4º ano EF – Quem chora não ganha as coisas.

Respostas literais foram encontradas até o início da adolescência. Nessa fase, percebemos que muitos adolescentes ainda não conheciam o provérbio, mas conseguiram abstrair e interpretar de forma que não fosse tão literal. Conforme exemplificado abaixo, alguns participantes abstraíram o provérbio para diversas outras situações. Algumas, como na resposta do participante 167, são contrárias ao que o provérbio realmente significa. Mais uma vez,

percebemos que há uma habilidade de abstração e assimilação dos mapeamentos, mas é provável que falte conhecimento social e moral para que o provérbio seja compreendido em sua totalidade.

part. 148, 12a11m, 7º ano – Uma pessoa que faz drama de tudo.

part. 415, 12a4m, 7º ano – As pessoas devem falar se uma pessoa está se comportando mal.

part. 416, 12a10m, 7º ano – Se tu não sabe fazer alguma coisa, tu não pode exigir dos outros.

A partir do 7º ano, percebemos que os adolescentes começaram a apresentar respostas esperadas na pergunta aberta, explicando o provérbio em outras palavras e demonstrando um conhecimento mais global do dito. Neste item, também foi comum o uso de outras expressões figuradas relacionadas para explicar o provérbio, como *correr atrás das coisas* e *ganhar de mão beijada*.

part. 146, 15a4m, 7º ano – Se a pessoa não insistir, ela não vai ganhar alguma coisa.

part. 157, 17a, 8º ano – Se tu não tiver iniciativa, tu não consegue as coisas.

part. 173, 14a1m, 9º ano – Se tu esperar tudo de mão beijada, tu não vai receber o que quer.

No grupo de adolescentes mais velhos, destacou-se o fato de haver muitos participantes que relataram nunca terem ouvido o provérbio *Quem não chora não mama*. Estes geralmente não conseguiam responder à pergunta aberta, mas acertavam a pergunta fechada e comentavam que, após a pergunta fechada, compreendiam o provérbio. Mesmo assim, muitas respostas esperadas foram constatadas.

Adultos obtiveram efeito de teto nas perguntas abertas deste item. Em sua maioria, as respostas contemplaram uma reflexão social somada aos mapeamentos identificados, com um bom processamento sobre o item. Curiosamente, a maioria das respostas dos participantes adolescentes e adultos era bastante metafórica, utilizando outras expressões figuradas para explicar o provérbio, como *Quem não arrisca não petisca*. Também era comum que os participantes de ambos os grupos exemplificassem o uso do provérbio através de situações comerciais, em que é necessário *pechinchar*, pedir desconto ao lojista para obter esse benefício.

part. 181, 15a7m, 1º ano EM – Quem não persistir não alcança. Se a gente não lutar, a gente não consegue o que quer.

part. 195, 15a5m, 1º ano EM – Quem fica fechado não vai atrás do que quer e não consegue.

part. 227, 16a10m, 2º ano EM – É igual pedir desconto, tem que ficar tentando

part. 243, 17a6m, 3º ano EM – Quem não arrisca não petisca. Quem não tenta não consegue.

part. 30, 53a, ESC – Todos têm o direito e devem pechinchar.

part. 315, 35a, ESC – Quem não corre atrás do que quer não consegue o seu objetivo.

Algumas confusões com outros ditados que contém o elemento do choro foram percebidas, por exemplo, em respostas que diziam que *não devemos chorar sobre coisas perdidas*. Provavelmente, o participante confundiu seu entendimento com o do provérbio *Não se deve chorar sobre o leite derramado*. Nesse caso, a resposta não era considerada esperada. Porém, na maioria das vezes, os participantes acertavam a pergunta fechada, demonstrando conhecimento do provérbio após ouvirem uma pista sobre o seu significado.

6.5.2.6 Provérbio 6: Cachorro que late não morde

O provérbio *Cachorro que late não morde* foi um dos três menos compreendidos pela amostra entrevistada, com 66% de respostas esperadas. Para uma boa compreensão, esperávamos que os participantes demonstrassem o entendimento dos mapeamentos metafóricos e metonímicos, junto ao conhecimento cultural requerido pelo provérbio. Para relembrar, dois mapeamentos foram identificados na constituição do provérbio: HUMANOS SÃO ANIMAIS IRRACIONAIS, ao tratarmos de humanos em termos de cachorros, e MEIOS DA AÇÃO PELA AÇÃO, quando falamos do ataque como um todo em termos de morder.

Crianças, em geral, não demonstraram uma boa compreensão desse ditado. Na fase da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, a maioria das respostas se tratava de interpretações bastante literais. Crianças pequenas respondiam com suas vivências e experiências sobre cachorros, enquanto as maiores supunham fatos sobre o porquê de o cachorro latir e não morder.

part. 32, 2a10m, Berçário – O cachorro morde a minha mão.

part. 50, 4a, Maternal – Meu cachorro late e morde quando incomodam.

part. 108, 5a1m, Jardim – Ele late quando está com raiva. A gente põe a mão na boca dele e ele morde.

part. 349, 6a10m, 1º ano EF – Se o cachorro late, ele não consegue morder ao mesmo tempo.

part. 340, 6a5m, 1º ano EF – Quer dizer que ele é manso.

Alguns participantes, nas fases iniciais do Ensino Fundamental, já demonstravam habilidades de abstração, respondendo à pergunta aberta de forma não literal, como demonstrado a seguir. No primeiro exemplo, considerado um caso limítrofe, o participante parece compreender o provérbio em partes, explicando que se aplica a pessoas mais calmas. Porém, sua explicação não condiz com o significado prototípico do provérbio, o que fez com que considerássemos uma resposta não esperada. No segundo exemplo, o participante também

consegue abstrair o provérbio, mas sua interpretação não se aproxima do significado esperado. Note que ambos os exemplos aparentam interpretar bem o mapeamento metafórico HUMANOS SÃO ANIMAIS IRRACIONAIS, visto que ambos explicam em termos de pessoas. O primeiro consegue abstrair também o mapeamento MEIOS DA AÇÃO PELA AÇÃO, já que aplica o provérbio a pessoas que não partiriam para o ataque. Nesse caso, possivelmente, ainda falta um melhor desenvolvimento do conhecimento social para que o provérbio seja bem compreendido e explicado.

part. 373, 8a10m, 3º ano EF – Pessoas que não brigam, não são valentonas. não roubam lanche, são queridas, defendem os amigos verdadeiros e ajudam os pobres.

part. 397, 9a6m, 4º ano – Que não é pra conversar na sala, pra não assinar a pastinha.

Nas respostas esperadas do grupo de crianças, geralmente houve a associação do provérbio a pessoas bravas, que não fazem aquilo que ameaçam fazer. Encontramos respostas esperadas somente a partir do 4º ano do Ensino Fundamental.

part. 394, 9a8m, 4º ano – Pessoas brabas que te xingam muito não vão te ferir fisicamente.

part. 399, 11a2m, 5º ano – Tem pessoas que são bravas e ficam falando coisas, mas fazem isso só por pose de uma pessoa forte, é uma máscara. Na verdade, são pessoas fracas.

Adolescentes mais novos repetiram respostas semelhantes às crianças. Muitos ainda falavam de características de cachorros mais mansos ou mais bravos, sem abstrair o provérbio ao nível não literal. Nessa mesma faixa etária, houve também participantes que abstraíram o provérbio, mas não para o significado prototípico. A seguir, destacamos algumas respostas não esperadas em que houve abstração dos mapeamentos metafóricos identificados, mas provavelmente não houve conhecimento social suficiente para que a moral do provérbio fosse atingida.

part. 149, 13a9m, 7º ano – Não se deve ter medo.

part. 151, 12a6m, 7º ano – Quem fala certo não machuca.

part. 412, 12a8m, 6º ano – Que a pessoa é tranquila.

Respostas esperadas também foram encontradas, em um número consideravelmente maior a partir do 7º ano.

part. 146, 15a4m, 7º ano – Se a pessoa fala muito, ela tem poucas intenções. Fala muito e faz pouco.

part. 155, 13a6m, 8º ano – Quem faz ameaças... não quer dizer que vai realmente fazer.

part. 420, 15a2m, 9º ano – Às vezes a pessoa fica provocando, mas não tem coragem para fazer o que fala. Fala mas não faz.

Adolescentes mais velhos obtiveram respostas muito próximas às dos adultos, demonstrando uma boa compreensão do item. Em suas respostas, geralmente percebemos a abstração dos dois mapeamentos, somados ao conhecimento cultural, como exemplificado abaixo.

part. 178, 15a7m, 1º ano EM – Tu só diz que tu vai fazer, mas tu não faz.

part. 197, 15a4m, 1º ano EM – Tem pessoas que ameaçam, mas acabam não fazendo.

part. 208, 17a2m, 2º ano EM – Muito falar não é a mesma coisa que fazer.

Poucos participantes não conheciam o item, gerando poucas respostas não esperadas. Respostas literais também foram pouco encontradas. Alguns adolescentes, porém, tratavam do significado do provérbio através da ideia de que *não se deve insistir*, o que não condiz com o sentido esperado. Acreditamos que esse tipo de resposta tenha acontecido por efeito de teste e cansaço, já que o item anterior tratava de insistir e este era o último item.

Os adultos, em sua maioria, apresentaram respostas esperadas do provérbio. Um número muito baixo de respostas não esperadas ou literais foi constatado. Mais uma vez, o desempenho dos adultos atingiu efeito de teto nas respostas abertas, com um excelente desempenho. Também foi recorrente o uso de outras expressões figuradas para a explicação do provérbio. Neste item, muitos participantes lembraram a expressão idiomática *cantar de galo*, referente a pessoas que costumam se gabar. No grupo de adultos, não houve casos limítrofes para este item.

part. 7, 19a, 1º ano EM – É igual cantar de galo. Falam demais e não partem pra ação.

part. 284, 29a, PG – Quem fala muito faz pouco.

part. 295, 56a, EFI – Quem conta muita vantagem, fala muito, na hora H não assume o que falou. Não faz o que falou.

part. 310, 43a, EMC – A pessoa que faz muita ameaça não faz nada.

part. 326, 52a, ESC – Geralmente quem fala muito não tem atitude.

6.5.3 Discussão dos resultados

Neste capítulo, duas análises complementares foram realizadas. Na primeira, analisamos quantitativamente o desempenho dos participantes na TCP de acordo com a sua idade, escolaridade, item da tarefa e tipo de pergunta. Posteriormente, na segunda, analisamos

o desempenho dos participantes qualitativamente, complementando, explicando e ilustrando os achados quantitativos.

Na primeira análise, foram encontrados resultados que corroboram aspectos relevantes das teorias da Linguística Cognitiva utilizadas neste trabalho. Percebemos que a compreensão de provérbios é uma habilidade gradual, que depende não só da idade, mas também do tipo de estímulo realizado, da escolaridade do participante e do provérbio em questão. Também percebemos que a escolaridade possui um impacto maior do que a idade sobre o desempenho dos participantes, o que parece coerente ao pensarmos em todo o desenvolvimento cognitivo que ocorre com o aumento da escolaridade (DEHAENE, 2020).

Através dessa análise, mais evidências de validade de conteúdo e baseadas na relação com outras variáveis foram destacadas, verificando diferenças de desempenho na tarefa de acordo com as faixas etárias, os anos de idade e os anos e graus de escolaridade. Além disso, pudemos salientar itens de maior dificuldade para os participantes, o que nos permite entender ainda melhor a relação estabelecida na tarefa entre os itens e o seu conteúdo - os próprios provérbios.

A segunda análise realizada serviu como um complemento das análises quantitativas, através do conteúdo detalhado das respostas dos participantes. Verificamos que crianças pequenas e pouco escolarizadas tendem a apresentar respostas muito literais dos itens, respondendo às perguntas de acordo com suas experiências e conhecimentos literais. Na maioria dos provérbios, é somente a partir do 3º ano do Ensino Fundamental que algumas crianças passam a processar os itens figurativamente, além do literal. Porém, o *boom* de respostas esperadas, ou seja, um melhor processamento do item pela maior parte da amostra, acontece a partir do 6º ou do 7º ano do Ensino Fundamental, na fase final da infância e inicial da adolescência. Alguns itens, julgados como mais difíceis, somente têm respostas esperadas a partir dessa fase de transição da infância para a adolescência.

É nessa fase, provavelmente, que as crianças começam a entender melhor o conhecimento social, aplicando-o como as morais dos provérbios testados. Nessa fase, também se percebe uma melhor assimilação dos mapeamentos subjacentes nas respostas dos participantes. Para a Teoria da Metáfora Conceitual, acredita-se que as figuras de linguagem são interdependentes. Assim, se é somente a partir do final da infância e do início da adolescência que a criança consegue integrar os mapeamentos e o seu conhecimento social, é natural que seja a partir desse momento que a compreensão de provérbios seja aprimorada.

Adolescentes mais velhos, costumeiramente alunos de ensino médio, já apresentam uma compreensão muito próxima à dos adultos. O que melhora mesmo nos adultos, na maioria das

vezes, é a expressão linguística e o detalhamento sobre as respostas, visto que adultos têm mais experiência linguística e social. Na maioria dos itens, constatou-se efeito de teto para os adultos, o que também era esperado. Ainda, a análise qualitativa ilustrou também que adultos com níveis menores de escolaridade tendem a apresentar uma quantidade maior de respostas literais ou com uma interpretação menos detalhada e central do provérbio, o que converge com nossos achados quantitativos sobre os efeitos da escolaridade (Figura 9).

No geral, a segunda análise nos permitiu detalhar a compreensão dos provérbios, verificando semelhanças e diferenças nas faixas etárias e de escolaridade abarcadas pela amostra. Evidências de validade baseadas nos processos de resposta dos participantes puderam ser elencadas em todos os itens, verificando as etapas da compreensão, do mais literal para o mais figurado. Neste processo, através das respostas dos participantes, foi possível compreender e estimar as fases de compreensão do fenômeno, dividindo-as através dos mapeamentos subjacentes aos provérbios e do conhecimento social necessário para que a moral de um dito seja estabelecida¹⁴.

Provérbios, com isso, se mostraram como um fenômeno de aquisição gradual, dependente de conhecimentos morais e sociais. Assim como o provérbio *De grão em grão, a galinha enche o papo*, percebemos que o fenômeno é compreendido aos poucos, de acordo com as experiências vivenciadas pelas crianças. A TCP, por sua vez, se mostrou um instrumento sensível a esses fatores e confiável em seus resultados, com evidências de validade suficientes para que seja utilizada na prática da avaliação.

¹⁴ Cabe ressaltar que na prática, no processamento do provérbio, não ocorre desmembramento ou sequer consciência sobre os mapeamentos subjacentes e o conhecimento empírico. Supomos que ambos atuam concomitantemente para que o provérbio seja bem compreendido. Todavia, neste trabalho, optamos por analisar essas duas dimensões separadamente para compreendermos melhor os processos de resposta utilizados pelos participantes em suas explicações.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos a compreensão de provérbios e as suas dimensões, em busca de evidências de validade de uma tarefa de compreensão desse fenômeno. Dois estudos foram realizados para tais objetivos. No primeiro, investigamos a familiaridade, a compreensão e a convencionalidade dos provérbios que compõem o instrumento e dos seus mapeamentos subjacentes. Nesse estudo, também verificamos se a região dos participantes teria algum efeito sobre as condições analisadas. Como hipóteses, esperávamos que os aspectos fossem avaliados perto do ponto mais alto da escala Likert, com respostas altas de familiaridade, compreensão e convencionalidade. Conseqüentemente, não acreditávamos que haveria efeito de acordo com a região dos participantes. Ainda, sobre os seus mapeamentos subjacentes, esperávamos que a facilidade de identificação variasse de acordo com o tipo de mapeamento.

Através das respostas de 112 participantes em dois instrumentos (um de familiaridade e outro de identificação de mapeamentos), verificamos que, em geral, os provérbios selecionados são julgados como altamente familiares, convencionais e bem compreendidos. A maior parte dessas dimensões não apresentou diferenças de acordo com a região, corroborando nossas hipóteses. Os mapeamentos, por sua vez, também foram classificados como convencionais pelos participantes, ao identificarem e associarem os mapeamentos ao significado pretendido pelos provérbios. Conforme imaginamos, mapeamentos mais baseados em experiências corpóreas apresentaram um percentual maior de identificação e associação do que os mapeamentos complexos.

No segundo estudo, investigamos o desempenho dos participantes na TCP, de acordo com a idade, a escolaridade, o tipo de pergunta realizado e o próprio item. Nossas hipóteses, formuladas de acordo com o que é indicado por estudos prévios e por aplicações anteriores, eram de que os provérbios seriam bem compreendidos gradualmente, de acordo com o aumento da idade e da escolaridade. Supomos que o tipo de pergunta e o próprio item também teriam efeitos sobre os resultados, já que as perguntas e os diferentes provérbios possuem níveis maiores e menores de complexidade.

Para a realização desse segundo estudo, outros 412 participantes foram entrevistados, agrupados de acordo com a faixa etária (crianças, adolescentes e adultos) e com o ano de escolaridade. Conforme esperávamos, a compreensão de provérbios aumentou consideravelmente de acordo com o aumento da idade e da escolaridade. Os tipos de pergunta e os próprios itens também apresentaram efeitos sobre o desempenho, indicando itens mais complexos da tarefa. Além disso, através de análises qualitativas sobre os processos de resposta

dos participantes, pudemos explicar melhor alguns aspectos que já haviam sido apontados na análise quantitativa, tal como um *continuum* na evolução do entendimento da literalidade rumo ao abstrato na compreensão dos provérbios.

Através dos dois estudos, pudemos sugerir quatro tipos de evidências de validade da TCP: (i) baseadas em conteúdo, visto que estudamos a forma como o conteúdo se comporta em diferentes grupos; (ii) baseadas em estrutura interna, já que analisamos as dimensões que compõem os itens; (iii) baseadas em processos de resposta, ao analisar qualitativamente as respostas dos participantes e elencar possíveis marcadores da compreensão dos itens; (iv) e baseadas na relação com outras variáveis, através do estudo do construto *compreensão de provérbios* em relação à região, idade e escolaridade.

Por meio das evidências de validade de conteúdo e baseadas na relação com outras variáveis, percebemos que o teste está adequado para grupos amostrais distintos, e que tais grupos tendem a atingir desempenhos diferentes na tarefa se forem agrupados através da idade ou da escolaridade. Ao longo dos nossos resultados, percebemos, inclusive, que a escolaridade possui efeitos maiores do que a idade, o que é um dado relevante e, até onde sabemos, pouco explorado pela literatura na Linguística e na Educação. Como visto, os provérbios exigem conhecimento empírico e capacidade de abstração para a sua compreensão. Na nossa tarefa, habilidades metalinguísticas também são requeridas, já que o participante deve explicar o que entende sobre o provérbio. A escolaridade, por propiciar um maior desenvolvimento cognitivo e a troca de experiências sociais, acaba por auxiliar e aperfeiçoar habilidades que dependem desses fatores, tal qual a compreensão de provérbios. A região dos participantes, diferentemente da idade e da familiaridade, não foi uma variável de influência nos nossos resultados, o que é positivo para uma tarefa que tem a pretensão de ser utilizada em contexto nacional, e não somente regional.

Evidências de validade baseadas em estrutura interna também foram consideradas nas análises aqui realizadas. Através dessas, verificamos que não somente os provérbios são bem compreendidos, mas também bastante familiares e convencionais para os participantes. O estudo da convencionalidade dos seus mapeamentos subjacentes também foi de extrema importância, principalmente pelos aprimoramentos dos nossos critérios de correção. Como visto, a literatura indica que os mapeamentos subjacentes auxiliam, de forma inconsciente, a compor o significado prototípico dos provérbios. Desse modo, verificando que os mapeamentos podem ser identificados e associados ao seu significado no provérbio pela amostra entrevistada, quando incitados a isso, acreditamos que é possível considerar e apresentar as ideias contidas nos mapeamentos como parte dos critérios de correção da tarefa. Evidentemente, não esperamos

que os participantes tenham consciência desses mapeamentos no momento de processar ou utilizar um provérbio. Entretanto, foi possível percebê-los refletidos em muitas respostas às perguntas abertas.

Por final, grande parte dos achados qualitativos das análises realizadas ilustram as evidências de validade baseadas nos processos de resposta. Através da análise dos processos de resposta, pudemos identificar padrões de respostas que indicam a curva de compreensão encontrada, tanto de acordo com a idade quanto com a escolaridade. Um *continuum* de respostas foi apresentado, englobando respostas mais ou menos literais, agrupadas de acordo com o ano e o nível de escolaridade dos participantes, já que essa variável apresentou um efeito mais forte sobre os resultados, em comparação com a idade. Particularidades desse *continuum* também foram debatidas, permitindo um melhor detalhamento sobre a compreensão dos participantes.

Se, por um lado, os processos metalinguísticos constituem um desafio para o participante nesse tipo de tarefa, por outro lado, o próprio exercício de pensar sobre um fenômeno de linguagem figurada pode ser apontado como um benefício aos participantes que contribuíram com esse estudo. Percebemos que alguns participantes somente atingiam o sentido figurado dos provérbios após a pergunta fechada, através de *insights* que ocorriam durante a entrevista. Dessa forma, percebemos que a realização da tarefa também é um exercício de abstração, que concede aos participantes uma oportunidade de refletir e aprender mais sobre os provérbios e talvez sobre outros fenômenos da linguagem figurada.

No geral, as evidências encontradas demonstram uma tarefa bastante precisa e sensível na avaliação da compreensão de provérbios por diferentes faixas etárias e de escolaridade. Através dos seus resultados, identificamos uma possível curva de compreensão do fenômeno, bem como marcadores quantitativos e qualitativos das etapas de compreensão. Mesmo assim, algumas limitações do trabalho podem ser apontadas. Em nossa análise de regiões, consideramos somente duas regiões do estado do Rio Grande do Sul, o que é pouco se considerarmos a diversidade cultural existente no nosso estado e no nosso país.

Em estudos futuros, seria interessante avaliar a compreensão de provérbios por grupos clínicos, o que seria importante ao considerar o objetivo do desenvolvimento da tarefa, que contempla o auxílio no diagnóstico de algumas patologias. Além disso, caberia considerar outros efeitos de letramento na compreensão de provérbios a partir de uma comparação entre instituições de ensino básico públicas e privadas. Infelizmente, no Brasil, há um desnível educacional entre parte das instituições públicas e privadas devido ao desgaste e à desvalorização da educação pública em contexto nacional. Como encontramos efeito de escolaridade em nossos resultados, é possível que instituições de diferentes naturezas, com

diferentes incentivos, também apontem para resultados interessantes na compreensão da linguagem figurada. Ainda, investigações sobre as circunstâncias de aprendizagem de provérbios poderiam ser conduzidas para uma melhor compreensão sobre como crianças e adolescentes têm seus primeiros contatos com esses ditos, seja no ambiente escolar ou em outros contextos familiares e socioculturais.

Finalmente, acreditamos que este trabalho pôde atingir os objetivos propostos, contribuindo com os estudos da linguagem figurada e do desenvolvimento de instrumentos psicolinguísticos. Posteriormente, profissionais da educação e da prática clínica também poderão se beneficiar dos achados deste trabalho, visto que diversos marcadores de abstração e compreensão de provérbios por populações de desenvolvimento típico foram apontados. A tarefa, no geral, apresenta evidências de validade para a avaliação da compreensão de provérbios, examinando-os como um fenômeno de aquisição gradual, dependente de conhecimento empírico e habilidades de abstração para a sua compreensão no discurso.

REFERÊNCIAS

- ALIAKBARI, Mohammad; KHOSRAVIAN, Fereshteh. A corpus analysis of color-term conceptual metaphors in Persian proverbs. *Akdeniz Language Studies Conference*, v. 70, p. 11-17, 2013.
- AMERICAN EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION; AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION; NATIONAL COUNCIL ON MEASUREMENT IN EDUCATION. *Standards for educational and psychological testing*. Washington: American Educational Research Association, 2014.
- ANDRADE, Lara P. de. *Desenvolvimento e estudos psicométricos do teste de compreensão oral para 4º a 9º ano do ensino fundamental*. 2020. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.
- ARISTÓTELES. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1981.
- AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- AVELAR, Maíra. O papel dos gestos de apontar na construção da dêixis multimodal: dos usos concretos aos usos abstratos. *Revista Linguística*, v. 12, n. 1, p. 161-176, 2016.
- BARTH, Alfred; KÜFFERLE, B. Die Entwicklung eines Sprichwort-tests zur Erfassung konkretistischer Denkstrungen bei schizophrenen Patienten. *Nervenarzt*, v. 72, p. 853–858, 2001.
- BERMAN, Ruth A.; RAVID, Dorit. Interpretation and recall of proverbs in three school-age populations. *First Language*, v. 30, n. 2, p. 155-173, 2010.
- BLACK, Max. Metaphor. *Proceedings of the Aristotelian Society*, v. 55, p. 273-294, 1954.
- BROWN, Janet E.; WRIGHT-HARP, Wilhelmina Y.. Cultural and generational factors influencing proverb recognition. *Contemporary issues in Communication Science and Disorders*, v. 38, p. 23-35, 2011.
- BRÜNE, Martin; BODENSTEIN, Luise. Proverb comprehension reconsidered — ‘theory of mind’ and the pragmatic use of language in schizophrenia. *Schizophrenia research*, v. 75, n. 2, p. 233-239, 2005.
- BULJAN, Gabrijela; GRADEČAK-ERDELJIĆ, Tanja. Where cognitive linguistics meets paremiology: a cognitive-contrastive view of selected English and Croatian proverbs. *Explorations in English Language and Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 63-83, 2013.
- CAZELATO, Sandra E. de O.. *A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CAZELATO, Sandra E. de O.. *A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não afásicos*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CIENKI, Alan. Analysing metaphor in gesture: A set of metaphor identification guidelines for gesture (MIG-G). In: SEMINO, Elena; DEMJÉN, Zsófia (Eds.) *The Routledge Handbook of Metaphor and Language*. London & New York: Routledge, 2016. p. 149-165.

COUTO, Genaina C. A.; SANTOS, Mauricéa T. F.; ALCHIERI, João Carlos; ARAÚJO JÚNIOR, Carlos Antonio G. de. Teste de Rastreo da Doença de Alzheimer com Provérbios: desempenho de idosos saudáveis e com doença de alzheimer na fase inicial. *Geriatrics, Gerontology and Aging*, v. 5, n. 1, p. 2-7, 2011.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. *Figurative language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

DAWSON, Ellen M. K.. *A Discussion of Metonymy in Reference to the Names of Roman Deities: Together with a Study of the Cases of this Metonymy in Propertius*. University of California, 1915.

DELIS, Dean C., KAPLAN, Edith; KRAMER, Joel H. *The Delis-Kaplan Executive Function System: Technical Manual*. San Antonio: The Psychological Corporation. 2001.

DEHAENE, Stanislas. *How We Learn: Why Brains Learn Better Than Any Machine... for Now*. Penguin, 2020.

DIENSTBACH, Dalby. *Metaforicidade nos Gêneros Discursivos: a natureza das metáforas e a sua relação com os tipos de discurso*. 2017. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

DUTHIE, Jill K.; NIPPOLD, Marilyn A.; BILLOW, Jesse L.; MANSFIELD, Tracy C.. Mental imagery of concrete proverbs: A developmental study of children, adolescents, and adults. *Applied Psycholinguistics*, v. 29, n. 1, p. 151-173, 2008.

EDELMAN, Nathan. The Mixed Metaphor in Descartes. *Romanic Review*, v. 41, n. 3, p. 167-178, 1950.

EVANS, Vyvyan. *Glossary of cognitive linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

FALKUM, Ingrid L.; RECASENS, Marta; CLARK, Eve V. “The moustache sits down first”: on the acquisition of metonymy. *Journal of Child Language*, v. 44, n. 1, p. 87-119, 2017.

FARIAS, Emilia M. P.; LIMA, Paula Lenz Costa. Metaphor and foreign language teaching. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 26, n. esp., p. 453-477, 2010.

FAYCEL, Dahklaoui. Food Metaphors in Tunisian Arabic Proverbs. *Rice Working Papers in Linguistics*, v. 3, n. 1, p.1–23, 2012.

FERNANDES, Diogo Pitadas. *Compreensão e interpretação de provérbios: o papel de familiaridade, idade e escolaridade*. 2018. Dissertação (Mestrado em Neuropsicologia) – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

FERRARI, Caroline Girardi. *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura: uma comparação da compreensão de provérbios por crianças e adultos*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FERRARI, Caroline Girardi; SIQUEIRA, Maity. *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura: uma comparação entre a compreensão de provérbios por crianças e adultos*. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 36, n. 2, p. 1-29, 2020.

FONSECA, Heloisa da Cunha. *Motivação metafórica em unidades fraseológicas zoônimas*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 59, n. 2, p. 317-332, 2017.

FORCEVILLE, Charles. *Visual and multimodal metaphor in film: charting the field*. In: FAHLENBRACH, Kathrin (Ed.). *Embodied metaphors in film, television, and video games: Cognitive approaches*. London & New York: Routledge, 2015. p. 17-32.

FREITAS, Nathália Luiz de. *Regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas na interpretação de expressões metafóricas por indivíduos com Afasia e Doença de Alzheimer*. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *Introducing Cognitive Linguistics*. In: CUYCKENS, Hubert; GEERAERTS, Dirk (Eds.). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.

GIBBS Jr., Raymond W. *Proverbial themes we live by*. *Poetics*, v. 29, n. 3, p. 167-188, 2001.

GIBBS Jr., Raymond W.; BEITEL, Dinara. *What proverb understanding reveals about how people think*. *Psychological Bulletin*, v. 118, n. 1, p. 133-154, 1995.

GIBBS Jr., Raymond W.; COLSTON, Herbert L. *Interpreting figurative meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

GIL, Maitê. *Metáfora no ensino de língua materna: em busca de um novo caminho*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GIL, Maitê. *Uma viagem, diferentes bagagens: prática de reflexão linguística, formação de professores e Linguística Cognitiva*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GORHAM, Donald R.. *Use of the proverbs test for differentiating schizophrenics from normals*. *Journal of Consulting Psychology*, v. 20, n. 6, p. 435-440, 1956.

GRADY, Joseph E.. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1997. Tese (Doutorado em Filosofia na Linguística) – Universidade da Califórnia, Berkeley.

GRICE, Herbert P.. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry L. (Eds.). *Syntax and semantics, v. 3: Speech acts*. New York: Seminar Press, 1975. p. 41-58.

HAAS, Marc H.; CHANCE, Steven A.; CRAM, David F.; CROW, Tim J.; LUC, Aslan; HAGE, Sarah. Evidence of pragmatic impairments in speech and proverb interpretation in schizophrenia. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 44, n. 4, p. 469-483, 2015.

HAUCK FILHO, Nelson; ZANON, Cristian. Questões básicas sobre mensuração. In: HUTZ, Claudio S.; BANDEIRA, Denise R.; TRENTINI, Clarissa M. (Orgs.). *Psicometria*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2015. p. 23-44.

HONECK, Richard P.. Historical Notes on Figurative Language. In: HONECK, Richard P.; HOFFMAN, Robert R. (Eds.). *Cognition and figurative language*. London & New York: Routledge, 1980. p. 25-46.

HUTZ, Claudio Simon. O que é avaliação psicológica – métodos, técnicas e testes. In: HUTZ, Claudio S.; BANDEIRA, Denise R.; TRENTINI, Clarissa M. (Orgs.). *Psicometria*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2015. p. 11-22.

IDEGBEKWE, Destiny. Anthropomorphisms and the Nigerian Pidgin proverbs. *EBSU Journal of Social Sciences and Humanities*, v. 5, n. 2, p. 71-84, 2017.

IFTITAH, Elfa Nur. *Woman Identity in Metaphorical Proverbs*. 2018. Tese (Sarjana Sastra) – English Letters Department. Faculty of Humanities. Universitas Islam Negeri Maulana Malik, Ibrahimmalang.

JOHNSON, Mark (Ed.). *Philosophical perspectives on metaphor*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1981.

KEITH, Arthur L.. *Simile and metaphor in Greek poetry from Homer to Aeschylus*. George Banta Publishing Company, 1914.

KIANG, Michael, LIGHT, Gregory A.; PRUGH, Jocelyn; COULSON, Seana; BRAFF, David L.; KUTAS, Marta. Cognitive, neurophysiological, and functional correlates of proverb interpretation abnormalities in schizophrenia. *Journal of the International Neuropsychological Society*, v. 13, n. 4, p. 653-663, 2007.

KOBIA, John. A Conceptual Metaphorical Analysis of Swahili Proverbs with Reference to Chicken Metaphor. *International Journal of Education and Research*, v. 4, n. 2, p. 217-228, 2016.

KÖDER, Franziska; FALKUM, Ingrid Lossius. Children's metonymy comprehension: Evidence from eye-tracking and picture selection. *Journal of Pragmatics*, v. 156, p. 191-205, 2020.

LAKOFF, George.; TURNER, Mark. *More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press. 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books. 1999.

LANOVIĆ, Nina; VARGA, Dražen. Conceito de mar na fraseologia portuguesa: a Metáfora de viagem marítima. *Studia Romanica et Anglica Zagrabiensia: Revue publiée par les Sections romane, italienne et anglaise de la Faculté des Lettres de l'Université de Zagreb*, v. 60, p. 3-37, 2015.

LEMGHARI, El Mustapha. Conceptual Metaphors as Motivation for Proverbs Lexical Polysemy. *International Journal of Language and Linguistics*, v. 5, n. 3, p. 57-70, 2017.

LINDHOLM, Camilla; WRAY, Alison. Proverbs and formulaic sequences in the language of elderly people with dementia. *Dementia*, v. 10, n. 4, p. 603-623, 2011.

LITTLEMORE, Jeannette. Metaphor use in educational contexts. In: SEMINO, Elena; DEMJÉN, Zsófia (Eds.) *The Routledge Handbook of Metaphor and Language*. London & New York: Routledge, 2016. p. 283-295.

LIU, Jianwen. A comparative study of English and Chinese animal proverbs from the perspective of metaphors. *Theory and Practice in Language Studies*, v. 3, n. 10, p. 1844-1849, 2013.

LU, Chiarung. Eating Is Not an Easy Task. Understanding Cultural Values via Proverbs. *Japanese Studies Journal*, v. 29, n. 1, p. 63-79, 2012.

MARQUES, Daniela Fernandes. *É possível ser todo ouvidos após engolir um sapo? Contribuições para o estudo da compreensão da linguagem figurada por deficientes auditivos oralizados*. 2018. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MASHAL, Nira; KASIRER, Anat. The relationship between visual metaphor comprehension and recognition of similarities in children with learning disabilities. *Research in developmental disabilities*, v. 33, n. 6, p. 1741-1748, 2012.

MCCASLAND, Selby V.. Some New Testament Metonyms for God. *Journal of Biblical Literature*, v. 68, n. 2, p. 99-113, 1949.

MCCRIMMON, Adam W.; SCHWEAN, Vicki L.; SAKLOFSKE, Donald H.; MONTGOMERY, Janine M.; BRADY, Danielle. Executive functions in Asperger's syndrome: An empirical investigation of verbal and nonverbal skills. *Research in Autism Spectrum Disorders*, v. 6, n. 1, p. 224-233, 2012.

MELE, Mohammed L.. Kanuri proverbs: metaphoric conceptualization of a cultural discourse. *Journal of African Cultural Studies*, v. 25, n. 3, p. 333-348, 2013.

MILLER, George A.. The cognitive revolution: a historical perspective. *Trends in Cognitive Sciences*, v. 7, n. 3, p. 141-144, 2003.

MIZENER, Arthur. Structure of Figurative Language in Shakespeare's Sonnets. *The Southern Review*, v. 5, p. 730-747, 1939.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2002.

MORAN, Catherine A.; NIPPOLD, Marilyn A.; GILLON, Gail T. Working memory and proverb comprehension in adolescents with traumatic brain injury: A preliminary investigation. *Brain Injury*, v. 20, n. 4, p. 417-423, 2006.

MORENO, Ana Ibáñez. An analysis of the cognitive dimension of proverbs in English and Spanish: The conceptual power of language reflecting popular believes. *SKASE Journal of Theoretical Linguistics*, v. 2, n. 1, p. 42-54, 2005.

MUHAMMAD, Nurul N.; RASHID, Sabariah M.. Cat Metaphors in Malay and English Proverbs. *International Conference on Knowledge-Innovation-Excellence: Synergy in Language Research and Practice*, v. 118, p. 335-342, 2014.

MURPHY, Patrick; SHALLICE, Tim; ROBINSON, Gail; MACPHERSON, Sarah E.; TURNER, Martha; WOOLLETT, Katherine; BOZZALI, Marco; CIPOLOTTI, Lisa. Impairments in proverb interpretation following focal frontal lobe lesions. *Neuropsychologia*, v. 51, n. 11, p. 2075-2086, 2013.

NIPPOLD, Marilyn A.; ALLEN, Melissa M.; KIRSCH, Dixon I.. How adolescents comprehend unfamiliar proverbs: the role of top-down and bottom-up processes. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, v. 43, n. 3, p. 621-630, 2000.

NIPPOLD, Marilyn A.; HAQ, Faridah Serajul. Proverb comprehension in youth: The role of concreteness and familiarity. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, v. 39, n. 1, p. 166-176, 1996.

NIPPOLD, Marilyn A.; HEGEL, Susan L.; UHDEN Linda D.; BUSTAMANTE, Silvia. Development of proverb comprehension in adolescents: Implications for instruction. *Journal of Children's Communication Development*, v. 19, n. 2, p. 49-55, 1998.

NIPPOLD, Marilyn A.; UHDEN, Linda D.; SCHWARZ, Ilsa E.. Proverb explanation through the lifespan: A developmental study of adolescents and adults. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, v. 40, n. 2, p. 245-253, 1997.

PACICO, Juliana Cerentini; HUTZ, Claudio Simon. Validade. In: HUTZ, Claudio S.; BANDEIRA, Denise R.; TRENTINI, Clarissa M. (Orgs.). *Psicometria*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2015. p. 71-84.

PASQUALI, Luiz. *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Artmed Editora. 2010.

PASQUALI, Luiz. Validade dos testes psicológicos: será possível reencontrar o caminho?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 23, n. esp., p. 99-107, 2007.

PORTAL DAS MISSÕES. *Ximango, o olhar dos pampas*, 2021. Disponível em: <<https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1290/ximango-o-olhar-dos-pampas.html>>.

RADDEN, Günter; KÖVECSES, Zoltán. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Günter (Eds.). *Metonymy in language and thought*. John Benjamins Publishing, 1999. p. 17-60.

RAMOS, Nadja T. P. C.. Provérbios e metáfora conceptual: uma proposta de construção e ampliação de sentidos no ensino fundamental. 2017. Dissertação (Pós-Graduação Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

RAPP, Alexander M.; WILD, Barbara. Nonliteral language in Alzheimer dementia: a review. *Journal of the International Neuropsychological Society*, v. 17, n. 2, p. 207-218, 2011.

REHMEL, Jamie L.; BROWN, Warren S.; PAUL, Lynn K.. Proverb comprehension in individuals with agenesis of the corpus callosum. *Brain and language*, v. 160, p. 21-29, 2016.

RICHARDS, Ivor A.. *The philosophy of rhetoric*. New York: Oxford University Press, 1936.

RUNDBLAD, Gabriella; ANNAZ, Dagmara. The atypical development of metaphor and metonymy comprehension in children with autism. *Autism*, v. 14, n. 1, p. 29-46, 2010.

SAMEER, Imad Hayif. A cognitive study of certain Animals in English and Arabic Proverbs: A Comparative Study. *International Journal of Language and Linguistics*, v. 3, n. 5, p. 133-143, 2016.

SANTOS, Mauricéa T. F.; GUERRA, Gutemberg; MENEZES, Terce L. de; CARVALHO, Tatiana L.; ALCHIERI, João Carlos; SOUGEY, Everton B.. Preliminary data on a mnemonic instrument with proverbs for tracking Alzheimer's disease. *Dementia & Neuropsychologia*, v. 2, n. 4, p. 333-338, 2008.

SANTOS, Mauricéa T. F.; SOUGEY, Everton B.; ALCHIERI, João Carlos. Validity and reliability of the screening test for Alzheimer's disease with proverbs (STADP) for the elderly. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 67, n. 3b, p. 836-842, 2009.

SÉ, Elisandra V. G.. *Interpretação de provérbios por sujeitos com Doença de Alzheimer em fase inicial*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas.

SEARLE, John R.. *Speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SILVA, Cleuza B. B.; LOMÔNACO, José F. B.. Elaboração e validação de um instrumento para avaliar tipos de pensamento através da interpretação de provérbios. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 11, n. 1, p. 73-80, 1995.

SIQUEIRA, Maity. As metáforas primárias na aquisição da linguagem: Um estudo interlinguístico. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SIQUEIRA, Maity; GIL, Maitê; MELO, Tamara. Contribuições para a elaboração de testes psicolinguísticos: construção de uma lista de sentenças. *Gragoatá*, v. 15, n. 29, p. 127-145, 2010.

SIQUEIRA, Maity; MARQUES, Daniela F.. Desenvolvimento e validação do instrumento de compreensão de expressões idiomáticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 2, p. 571-591, 2018.

SIQUEIRA, Maity; MARQUES, Daniela F.; GIBBS Jr., Raymond. Metaphor-related figurative language comprehension in clinical populations: a critical review. *Scripta*, v. 20, n. 40, p. 36-60, 2016.

SIQUEIRA, Maity; MELO, Tamara; DUARTE JR., Sergio D.; BAIOTTO, Laura; FERRARI, Caroline G.; LOPES, Nichele. Many hands on this study: development and preliminary testing of a metonymy comprehension task. 2020. No prelo.

SIQUEIRA, Maity; PEREIRA, Laura B.; FERRARI, Caroline G.; LOPES, Nichele. Mapeamentos metafóricos e metonímicos em provérbios do português brasileiro. *ReVEL*, v. 15, n. 29, p. 159-175, 2017.

SMITH, J. A. Metonymy in Horace, Odes, Book I. xi. *The Classical Review*, v. 33, n. 1/2, p. 27-28, 1919.

SPONHEIM, Scott R.; SURERUS-JOHNSON Christa; LESKELA Jennie; DIEPERINK, Michael E.. Proverb interpretation in schizophrenia: the significance of symptomatology and cognitive processes. *Schizophrenia Research*, v. 65, n. 2, p. 117-123, 2003.

THOMA, Patrizia; HENNECKE, Marie; MANDOK, Tobias; WÄHNER, Alfred; BRÜNE, Martin; JUCKEL, Georg; DAUM, Irene. Proverb comprehension impairments in schizophrenia are related to executive dysfunction. *Psychiatry research*, v. 170, n. 2, p. 132-139, 2009.

UEKERMANN, Jennifer; THOMA, Patrizia; DAUM, Irene. Proverb interpretation changes in aging. *Brain and Cognition*, v. 67, n. 1, p. 51-57, 2008.

ULATOWSKA, Hanna K.; SADOWSKA, Maria; KADZIELAWA, Danuta; KORDYS, Jan; RYMARCZYK, Krystina. Linguistic and cognitive aspects of proverb processing in aphasia. *Aphasiology*, v. 14, n. 3, p. 227-250, 2000.

URBINA, Susana. *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed Editora. 2007.

VAN HERWEGEN, Jo; DIMITRIOU, Dagmara; RUNDBLAD, Gabriella. Development of novel metaphor and metonymy comprehension in typically developing children and Williams syndrome. *Research in Developmental Disabilities*, v. 34, n. 4, p. 1300-1311, 2013.

VAN HERWEGEN, Jo; RUNDBLAD, Gabriella. A cross-sectional and longitudinal study of novel metaphor and metonymy comprehension in children, adolescents, and adults with Autism Spectrum Disorder. *Frontiers in Psychology*, v. 9, p. 1-10, 2018.

YOON, Hyojin; SCHWARZ, Ilsa; NIPPOLD, Marilyn A.. Comparing proverb comprehension in Korean and American youth. *Speech, Language and Hearing*, v. 19, n. 3, p. 161-170, 2016.

ZAVAGLIA, C.; FROMM, G. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Claudia Zavaglia. *ReVEL*, vol. 15, n. 29, 2017.

ANEXO A – TAREFA DE COMPREENSÃO DE PROVÉRBIOS DO COMFIGURA

Instruções

O aplicador deve ler as seguintes instruções ao participante. No item de exemplo, devem ser lidos o item e as perguntas. A resposta esperada serve como um critério de correção.

Você vai responder a algumas perguntas sobre frases da língua que nós falamos.

Ouçã atentamente a cada uma das frases e responda as perguntas que serão feitas sobre elas. É importante lembrar que não há só uma resposta esperada e que não há relação entre as frases. Também não há tempo limitado para responder as perguntas. Responda em forma de frases, evitando palavras soltas.

Vamos começar com um exemplo.

ITEM	PERGUNTAS	RESPOSTA ESPERADA
A mentira tem perna curta	a) O que isso quer dizer? a') O ditado quer dizer que uma mentira demora ou não demora para ser descoberta?	a) As mentiras são logo descobertas. a') Não demora.

Tem alguma dúvida? Podemos começar?

Se você precisar, posso repetir as frases e as perguntas.

Observações ao aplicador:

- *O aplicador deve ler ao participante os itens e as perguntas. Na coluna de respostas esperadas, constam os critérios de correção da tarefa.*
- *Sempre que o participante fornecer a resposta esperada na pergunta aberta (item a), desconsiderar a pergunta fechada (item a').*
- *Respostas esperadas semelhantes às listadas abaixo também podem ser consideradas corretas.*

TAREFA DE COMPREENSÃO DE PROVÉRBIOS

ITEM	PERGUNTAS	RESPOSTAS ESPERADAS
P 1 Em boca fechada não entra mosca.	a) O que isso quer dizer? a') O ditado quer dizer que é melhor falar ou ficar quieto?	a) Manter-se em silêncio; não falar demais; não se intrometer; cuidar o que se fala; quem fala demais sofre as consequências. a') Ficar quieto.
P 2 Filho de peixe peixinho é.	a) O que isso quer dizer? a') O ditado quer dizer que as pessoas são geralmente parecidas ou diferentes dos seus pais?	a) Filhos são parecidos com os pais; parentesco leva a semelhança. a') São como seus pais.

ITEM	PERGUNTAS	RESPOSTAS ESPERADAS
<p>P 3 Quem vê cara não vê coração.</p>	<p>a) O quer isso quer dizer? a') O ditado quer dizer que é mais importante considerar a aparência ou as intenções?</p>	<p>a) Devemos dar mais importância ao caráter ou sentimento; não julgar rapidamente/pela aparência/sem conhecer; julgar o livro pela capa. a') As intenções.</p>
<p>P 4 Onde há fumaça há fogo.</p>	<p>a) O quer isso quer dizer? a') O ditado quer dizer que as suspeitas geralmente são verdadeiras ou falsas?</p>	<p>a) Indícios confirmam algo; suspeita bem fundada; o problema tem uma causa/algo por trás. a') Verdadeiras.</p>
<p>P 5 Quem não chora não mama.</p>	<p>a) O quer isso quer dizer? a') O ditado quer dizer que é melhor insistir ou não insistir para conseguir os objetivos?</p>	<p>a) Se queremos algo, devemos insistir ou pedir; reclamar para ser atendido; buscar os objetivos; quem não arrisca não petisca. a') Insistir.</p>
<p>P 6 Cachorro que late não morde.</p>	<p>a) O quer isso quer dizer? a') O ditado quer dizer que quem muito ameaça faz ou não faz o que promete?</p>	<p>a) Quem fala demais ou ameaça não faz ou não age; as aparências nem sempre traduzem a realidade; quem muito promete não cumpre; alerta falso. a') Não faz.</p>

ANEXO B – TAREFA DE FAMILIARIDADE E DE COMPREENSÃO DE PROVÉRBIOS

Tarefa de Familiaridade e de Compreensão de Provérbios

Agora, peço que você responda as perguntas a seguir, sobre o quanto você conhece determinadas frases. Não há relação entre as perguntas, e também não há tempo limitado para respondê-las. Em caso de dúvidas, você pode me contatar pelo e-mail caroline.ferrari@ufirgs.br

Observação: Nas perguntas, o termo 'o quão familiar' quer dizer 'o quanto você conhece' as expressões.

1) De 1 a 5, o quão familiar você é com a expressão 'Em boca fechada, não entra mosca'? *

1 - Nada familiar; 2 - Pouco familiar; 3 - Medianamente familiar; 4 - Bastante familiar; 5 - Totalmente familiar.

1 2 3 4 5

Nada familiar Totalmente familiar

2) O que a expressão 'Em boca fechada, não entra mosca' quer dizer? *

Sua resposta

3) De 1 a 5, o quão familiar você é com a expressão 'Filho de peixe, peixinho é'? *

1 - Nada familiar; 2 - Pouco familiar; 3 - Medianamente familiar; 4 - Bastante familiar; 5 - Totalmente familiar.

1 2 3 4 5

Nada familiar Totalmente familiar

4) O que a expressão 'Filho de peixe, peixinho é' quer dizer? *

Sua resposta

5) De 1 a 5, o quão familiar você é com a expressão 'Quem vê cara não vê coração'? *

1 - Nada familiar; 2 - Pouco familiar; 3 - Medianamente familiar; 4 - Bastante familiar; 5 - Totalmente familiar.

1 2 3 4 5

Nada familiar Totalmente familiar

6) O que a expressão 'Quem vê cara não vê coração' quer dizer? *

Sua resposta

7) De 1 a 5, o quão familiar você é com a expressão 'Onde há fumaça, há fogo'? *

1 - Nada familiar; 2 - Pouco familiar; 3 - Medianamente familiar; 4 - Bastante familiar; 5 - Totalmente familiar.

1 2 3 4 5

Nada familiar Totalmente familiar

8) O que a expressão 'Onde há fumaça, há fogo' quer dizer? *

Sua resposta

9) De 1 a 5, o quão familiar você é com a expressão 'Quem não chora não mama'? *

1 - Nada familiar; 2 - Pouco familiar; 3 - Medianamente familiar; 4 - Bastante familiar; 5 - Totalmente familiar.

1 2 3 4 5

Nada familiar Totalmente familiar

10) O que a expressão 'Quem não chora não mama' quer dizer? *

Sua resposta

11) De 1 a 5, o quão familiar você é com a expressão 'Cachorro que late não morde*'? *

*Variação de 'Cão que ladra não morde'. 1 - Nada familiar; 2 - Pouco familiar; 3 - Medianamente familiar; 4 - Bastante familiar; 5 - Totalmente familiar.

1 2 3 4 5

Nada familiar Totalmente familiar

12) O que a expressão 'Cachorro que late não morde' quer dizer? *

Sua resposta

VOLTAR PRÓXIMA

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

APÊNDICE A – TAREFA DE CONVENCIONALIDADE E DE IDENTIFICAÇÃO DE MAPEAMENTOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS SUBJACENTES AOS PROVÉRBIOS

Tarefa de Compreensão de Metáforas em Provérbios

Agora que você já respondeu o quanto você conhece cada expressão, peço que responda mais algumas perguntas sobre como você compreende essas frases e o quanto elas são comuns no seu dia-a-dia. Novamente, não há relação entre as perguntas, e também não há tempo limitado para respondê-las. Em caso de dúvidas, você pode me contatar pelo e-mail caroline.ferradi@ufrgs.br

Provérbio 1: Em boca fechada não entra mosca

1) De 1 a 5, o quão comum é usar o provérbio 'Em boca fechada não entra mosca' para significar que 'ficar quieto evita resultados indesejáveis'? *

1 - Nada comum; 2 - Pouco comum; 3 - Razoavelmente comum; 4 - Muito comum; 5 - Totalmente comum;

	1	2	3	4	5	
Nada comum	<input type="radio"/>	Totalmente comum				

2) De 1 a 5, o quanto você acha que 'insetos' representam 'resultados indesejados' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

3) De 1 a 5, o quanto você acha que 'a boca fechada' representa 'o silêncio' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

VOLTAR

PRÓXIMA

Provérbio 2: Filho de peixe, peixinho é

4) De 1 a 5, o quão comum é usar o provérbio 'Filho de peixe, peixinho é' para significar que 'os filhos são parecidos com os pais'? *

1 - Nada comum; 2 - Pouco comum; 3 - Razoavelmente comum; 4 - Muito comum; 5 - Totalmente comum;

	1	2	3	4	5	
Nada comum	<input type="radio"/>	Totalmente comum				

5) De 1 a 5, o quanto você acha que 'peixes' representam 'humanos' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

6) De 1 a 5, o quanto você acha que 'relações familiares' representam 'semelhanças' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

7) De 1 a 5, o quanto você acha que 'o tamanho' representa 'a posição na relação familiar' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

VOLTAR

PRÓXIMA

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Provérbio 3: Quem vê cara não vê coração

8) De 1 a 5, o quão comum é usar o provérbio 'Quem vê cara não vê coração' para significar que 'não se deve julgar pela aparência'? *

1 - Nada comum; 2 - Pouco comum; 3 - Razoavelmente comum; 4 - Muito comum; 5 - Totalmente comum;

	1	2	3	4	5	
Nada comum	<input type="radio"/>	Totalmente comum				

9) De 1 a 5, o quanto você acha que 'o coração' representa 'o caráter de uma pessoa' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

10) De 1 a 5, o quanto você acha que 'ver a cara' representa 'julgar a pessoa' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

11) De 1 a 5, o quanto você acha que 'ver o coração' representa 'conhecer a pessoa' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

12) De 1 a 5, o quanto você acha que 'uma parte específica' representa 'a pessoa como um todo' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente.

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

VOLTAR

PRÓXIMA

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Provérbio 4: Onde há fumaça, há fogo

13) De 1 a 5, o quão comum é usar o provérbio 'Onde há fumaça, há fogo' para significar que 'há sinais de que algo está acontecendo'? *

1 - Nada comum; 2 - Pouco comum; 3 - Razoavelmente comum; 4 - Muito comum; 5 - Totalmente comum;

	1	2	3	4	5	
Nada comum	<input type="radio"/>	Totalmente comum				

14) De 1 a 5, o quanto você acha que 'enxergar fumaça' representa 'saber sobre a existência de algo' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente;

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

15) De 1 a 5, o quanto você acha que 'o fato de haver fogo' significa que 'algo deve estar acontecendo' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente;

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

VOLTAR PRÓXIMA

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Provérbio 5: Quem não chora não mama

16) De 1 a 5, o quão comum é usar o provérbio 'Quem não chora não mama' para significar que 'quem não pede não ganha aquilo que quer'? *

1 - Nada comum; 2 - Pouco comum; 3 - Razoavelmente comum; 4 - Muito comum; 5 - Totalmente comum;

	1	2	3	4	5	
Nada comum	<input type="radio"/>	Totalmente comum				

17) De 1 a 5, o quanto você acha que 'mamar' representa 'ganhar o que se quer' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente;

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

18) De 1 a 5, o quanto você acha que 'chorar' representa 'pedir' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente;

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

VOLTAR PRÓXIMA

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Provérbio 6: Cachorro que late não morde

19) De 1 a 5, o quão comum é usar o provérbio 'Cachorro que late não morde' para significar que 'quem ameaça muito não cumpre o que fala'? *

1 - Nada comum; 2 - Pouco comum; 3 - Razoavelmente comum; 4 - Muito comum; 5 - Totalmente comum;

	1	2	3	4	5	
Nada comum	<input type="radio"/>	Totalmente comum				

20) De 1 a 5, o quanto você acha que 'cachorros' representam 'seres humanos' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente;

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

21) De 1 a 5, o quanto você acha que 'morder' representa 'o começo de uma ação' nesse provérbio? *

1 - Nada; 2 - Pouco; 3 - Razoavelmente; 4 - Muito; 5 - Totalmente;

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	Totalmente				

VOLTAR ENVIAR

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

APÊNDICE B – PROTOCOLO DE ANÁLISE PARA JUÍZES ESPECIALISTAS

Prezados juízes,

Este protocolo se organiza por duas seções:

- Seção 1: Perguntas específicas sobre os itens da Tarefa de Compreensão de Metáforas em Provérbios:

Nesta seção, os itens da tarefa a ser avaliada são apresentados em tabelas. Cada item é composto por um provérbio, uma pergunta sobre convencionalidade do provérbio, e perguntas sobre a convencionalidade dos mapeamentos identificados. As perguntas de avaliação, que serão respondidas por vocês, estão dispostas abaixo dos itens. Após cada conjunto de perguntas de avaliação, há um espaço para seus comentários, suas críticas e suas sugestões a respeito dos itens.

- Seção 2: Perguntas gerais sobre a Tarefa de Compreensão de Metáforas em Provérbios:

Nesta seção, ao final do documento, duas perguntas gerais sobre a tarefa são feitas. Novamente, há um espaço para seus comentários, suas críticas e suas sugestões a respeito da tarefa.

A tarefa nos moldes em que será apresentada aos participantes está no arquivo “Tarefa de Compreensão de Metáforas em Provérbios”. Destaco que os participantes responderão as perguntas online, através da plataforma Google Forms. A Tarefa de Compreensão de Metáforas em Provérbios será precedida por uma tarefa de familiaridade com os seis provérbios, também respondida através do Google Forms. A tarefa de familiaridade está disponível no arquivo “Tarefa de Familiaridade”.

Nosso objetivo é utilizar a Tarefa de Compreensão de Metáforas em Provérbios para verificar se a convencionalidade dos mapeamentos metafóricos e metonímicos subjacentes aos provérbios pode influenciar a compreensão e a familiaridade dos provérbios. Acreditamos que provérbios menos familiares e menos compreendidos tenham mapeamentos subjacentes mais complexos e menos convencionais, enquanto os mais compreendidos tenham mapeamentos primários e mais convencionais.

Seção 1: Perguntas específicas

Provérbio 1: Em boca fechada, não entra mosca
Convencionalidade: 1) De 1 a 5, o quão convencional é usar o provérbio <i>Em boca fechada, não entra mosca</i> para significar que <i>é melhor ficar quieto</i> ?
Metáfora Conceitual: RESULTADOS INDESEJADOS SÃO INSETOS 2) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>os resultados indesejados</i> são apresentados em termos de <i>insetos</i> neste provérbio?
Metonímia Conceitual: O ESTADO PELO EFEITO DO ESTADO 3) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>a boca fechada</i> representa o <i>silêncio</i> neste provérbio?

1. Considerando a familiaridade do provérbio, o quão familiar é o provérbio *Em boca fechada, não entra mosca* para você?

() Nada () Pouco () Razoavelmente () Muito () Totalmente

2. Considerando a convencionalidade do provérbio, o quão convencional é usar o provérbio *Em boca fechada, não entra mosca* para significar que *é melhor ficar quieto*?

() Nada () Pouco () Razoavelmente () Muito () Totalmente

3. A respeito da metáfora e da metonímia conceitual identificadas:

a) Você concorda que esses mapeamentos subjazem o provérbio?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

b) Você pensa em outros mapeamentos que subjazem o provérbio?

() Não () Sim

b') Se sim, quais mapeamentos? _____

c) A metáfora conceitual RESULTADOS INDESEJADOS SÃO INSETOS pode ser classificada de qual forma?

() Primária () Complexa

d) O quão convencional é usar o mapeamento RESULTADOS INDESEJADOS SÃO INSETOS para veicular a ideia de que *falar demais traz consequências*?

() Nada convencional () Razoavelmente convencional () Totalmente convencional

e) O quão convencional é usar o mapeamento O ESTADO PELO EFEITO DO ESTADO para veicular a ideia de que *falar demais traz consequências*?

() Nada convencional () Razoavelmente convencional () Totalmente convencional

Observações:

4. A respeito das perguntas realizadas aos participantes:

a) Você acha que as perguntas contemplam o objetivo da tarefa, que é investigar a compreensão dos provérbios através de seus mapeamentos subjacentes?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

b) Você acha que as perguntas estão claras?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

c) O vocabulário utilizado nas perguntas é adequado?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

Observações:

Provérbio 2: Filho de peixe, peixinho é
Convencionalidade: 4) De 1 a 5, o quão convencional é usar o provérbio <i>Filho de peixe, peixinho é</i> para significar que <i>os filhos são parecidos com os pais</i> ?
Metáfora Conceitual: HUMANOS SÃO PEIXES 5) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>peixes</i> representam <i>humanos</i> neste provérbio?
Metáfora Conceitual: DESCENDÊNCIA É TAMANHO 6) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>o tamanho</i> representa <i>a posição na relação familiar</i> neste provérbio?

1. Considerando a familiaridade do provérbio, o quão familiar é o provérbio *Filho de peixe, peixinho é* para você?

() Nada () Pouco () Razoavelmente () Muito () Totalmente

2. Considerando a convencionalidade do provérbio, o quão convencional é usar o provérbio *Filho de peixe, peixinho é* para significar que *os filhos são parecidos com os pais*?

() Nada () Pouco () Razoavelmente () Muito () Totalmente

3. A respeito das metáforas identificadas:

a) Você concorda que esses mapeamentos subjazem o provérbio?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

b) Você pensa em outros mapeamentos que subjazem o provérbio?

() Não () Sim

b') Se sim, quais mapeamentos? _____

c) A metáfora conceitual HUMANOS SÃO PEIXES pode ser classificada de qual forma?

() Primária () Complexa

d) O quão convencional é usar o mapeamento HUMANOS SÃO PEIXES para veicular a ideia de que *os descendentes herdam as características dos progenitores*?

() Nada convencional () Razoavelmente convencional () Totalmente convencional

e) A metáfora conceitual DESCENDÊNCIA É TAMANHO pode ser classificada de qual forma?

() Primária () Complexa

f) O quão convencional é usar o mapeamento DESCENDÊNCIA É TAMANHO para veicular a ideia de que *animais pequenos representam descendentes*?

() Nada convencional () Razoavelmente convencional () Totalmente convencional

Observações:

4. A respeito das perguntas realizadas aos participantes:

a) Você acha que as perguntas contemplam o objetivo da tarefa, que é investigar a compreensão dos provérbios através de seus mapeamentos subjacentes?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

b) Você acha que as perguntas estão claras?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

c) O vocabulário utilizado nas perguntas é adequado?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

Observações:

Provérbio 3: Quem vê cara não vê coração
Convencionalidade: 7) De 1 a 5, o quão convencional é usar o provérbio <i>Quem vê cara não vê coração</i> para significar que <i>não se deve julgar pela aparência</i> ?
Metáfora Conceitual: O ESSENCIAL É INTERNO 8) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>as características essenciais</i> são apresentadas em termos de <i>partes internas</i> neste provérbio?
Metáfora Conceitual: VER É JULGAR 9) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>ver</i> representa <i>julgar</i> neste provérbio?
Metonímia Conceitual: PARTE PELO TODO 10) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>uma parte da pessoa</i> representa <i>um todo</i> neste provérbio?

1. Considerando a familiaridade do provérbio, o quão familiar é o provérbio *Quem vê cara não vê coração* para você?

() Nada () Pouco () Razoavelmente () Muito () Totalmente

2. Considerando a convencionalidade do provérbio, o quão convencional é usar o provérbio *Quem vê cara não vê coração* para significar que *não se deve julgar pela aparência*?

() Nada () Pouco () Razoavelmente () Muito () Totalmente

3. A respeito das metáforas e metonímias identificadas:

a) Você concorda que esses mapeamentos subjazem o provérbio?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

b) Você pensa em outros mapeamentos que subjazem o provérbio?

() Não () Sim

b') Se sim, quais mapeamentos? _____

c) A metáfora conceitual O ESSENCIAL É INTERNO pode ser classificada de qual forma?

() Primária () Complexa

d) O quão convencional é usar o mapeamento O ESSENCIAL É INTERNO para veicular a ideia de que *o mais importante está dentro*?

() Nada convencional () Razoavelmente convencional () Totalmente convencional

e) A metáfora conceitual VER É JULGAR pode ser classificada de qual forma?

Primária Complexa

f) O quão convencional é usar o mapeamento VER É JULGAR para veicular a ideia de que *o ato de julgar acontece levemente pela visão*?

Nada convencional Razoavelmente convencional Totalmente convencional

g) O quão convencional é usar o mapeamento PARTE PELO TODO para veicular a ideia de que *o rosto representa a aparência como um todo*?

Nada convencional Razoavelmente convencional Totalmente convencional

h) O quão convencional é usar o mapeamento PARTE PELO TODO para veicular a ideia de que *o coração representa os sentimentos como um todo*?

Nada convencional Razoavelmente convencional Totalmente convencional

Observações:

4. A respeito das perguntas realizadas aos participantes:

a) Você acha que as perguntas contemplam o objetivo da tarefa, que é investigar a compreensão dos provérbios através de seus mapeamentos subjacentes?

Não Sim Sim, com ressalvas. Quais? _____

b) Você acha que as perguntas estão claras?

Não Sim Sim, com ressalvas. Quais? _____

c) O vocabulário utilizado nas perguntas é adequado?

Não Sim Sim, com ressalvas. Quais? _____

Observações:

Provérbio 4: Onde há fumaça, há fogo

Convencionalidade: 11) De 1 a 5, o quão convencional é usar o provérbio *Onde há fumaça, há fogo* para significar que *há sinais de que algo está acontecendo*?

Metáfora Conceitual: SABER É VER

12) De 1 a 5, o quanto você acha que *ver* representa *saber sobre algo* neste provérbio?

1. Considerando a familiaridade do provérbio, o quão familiar é o provérbio *Onde há fumaça, há fogo* para você?

() Nada () Pouco () Razoavelmente () Muito () Totalmente

2. Considerando a convencionalidade do provérbio, o quão convencional é usar o provérbio *Onde há fumaça, há fogo* para significar que *há sinais de que algo está acontecendo*?

() Nada () Pouco () Razoavelmente () Muito () Totalmente

3. A respeito da metáfora identificadas:

a) Você concorda que esse mapeamento subjaz o provérbio?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

b) Você pensa em outros mapeamentos que subjazem o provérbio?

() Não () Sim

b') Se sim, quais mapeamentos? _____

c) A metáfora conceitual SABER É VER pode ser classificada de qual forma?

() Primária () Complexa

d) O quão convencional é usar o mapeamento SABER É VER para veicular a ideia de que *sabemos de algo quando temos um indicio visual*?

() Nada convencional () Razoavelmente convencional () Totalmente convencional

Observações:

4. A respeito das perguntas realizadas aos participantes:

a) Você acha que as perguntas contemplam o objetivo da tarefa, que é investigar a compreensão dos provérbios através de seus mapeamentos subjacentes?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

b) Você acha que as perguntas estão claras?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

c) O vocabulário utilizado nas perguntas é adequado?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

Observações:

Provérbio 5: Quem não chora não mama
Convencionalidade: 13) De 1 a 5, o quão convencional é usar o provérbio <i>Quem não chora não mama</i> para significar que <i>devemos pedir se queremos algo</i> ?
Metáfora Conceitual: DESEJAR É TER FOME 14) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>ter fome</i> representa o <i>desejo de alguma coisa</i> neste provérbio?
Metonímia Conceitual: PARTE PELO TODO 15) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>chorar</i> representa <i>pedir</i> neste provérbio?

1. Considerando a familiaridade do provérbio, o quão familiar é o provérbio *Quem não chora não mama* para você?

() Nada () Pouco () Razoavelmente () Muito () Totalmente

2. Considerando a convencionalidade do provérbio, o quão convencional é usar o provérbio *Quem não chora não mama* para significar que *devemos pedir se queremos algo*?

() Nada () Pouco () Razoavelmente () Muito () Totalmente

3. A respeito das metáforas identificadas:

a) Você concorda que esses mapeamentos subjazem o provérbio?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

b) Você pensa em outros mapeamentos que subjazem o provérbio?

() Não () Sim

b') Se sim, quais mapeamentos? _____

c) A metáfora conceitual DESEJAR É TER FOME pode ser classificada de qual forma?

() Primária () Complexa

d) O quão convencional é usar o mapeamento DESEJAR É TER FOME para veicular a ideia de que *uma necessidade emocional se manifesta através de uma necessidade física como a fome*?

() Nada convencional () Razoavelmente convencional () Totalmente convencional

e) O quão convencional é usar o mapeamento PARTE PELO TODO para veicular a ideia de que *chorar representa fazer um pedido ou reclamar de algo*?

() Nada convencional () Razoavelmente convencional () Totalmente convencional

Observações:

4. A respeito das perguntas realizadas aos participantes:

a) Você acha que as perguntas contemplam o objetivo da tarefa, que é investigar a compreensão dos provérbios através de seus mapeamentos subjacentes?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

b) Você acha que as perguntas estão claras?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

c) O vocabulário utilizado nas perguntas é adequado?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

Observações:

Provérbio 6: Cachorro que late não morde
16) De 1 a 5, o quão convencional é usar o provérbio <i>Cachorro que late não morde</i> para significar que <i>quem ameaça muito não cumpre o que fala</i> ?
Metáfora Conceitual: HUMANOS SÃO ANIMAIS
17) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>um cachorro</i> representa <i>um ser humano</i> neste provérbio?
Metonímia conceitual: PARTE PELO TODO
18) De 1 a 5, o quanto você acha que <i>morder</i> representa <i>o ataque como um todo</i> neste provérbio?

1. Considerando a familiaridade do provérbio, o quão familiar é o provérbio *Cachorro que late não morde* para você?

() Nada () Pouco () Razoavelmente () Muito () Totalmente

2. Considerando a convencionalidade do provérbio, o quão convencional é usar o provérbio *Cachorro que late não morde* para significar que *quem ameaça muito não cumpre o que fala*?

() Nada () Pouco () Razoavelmente () Muito () Totalmente

3. A respeito da metáfora e da metonímia conceitual identificadas:

a) Você concorda que esses mapeamentos subjazem o provérbio?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

b) Você pensa em outros mapeamentos que subjazem o provérbio?

() Não () Sim

b') Se sim, quais mapeamentos? _____

c) A metáfora conceitual HUMANOS SÃO ANIMAIS pode ser classificada de qual forma?

() Primária () Complexa

d) O quão convencional é usar o mapeamento HUMANOS SÃO ANIMAIS para veicular a ideia de que *o comportamento dos animais (latido) representa o dos humanos (fala)*?

() Nada convencional () Razoavelmente convencional () Totalmente convencional

e) O quão convencional é usar o mapeamento PARTE PELO TODO para veicular a ideia de que *morder é a parte inicial do ataque como um todo*?

() Nada convencional () Razoavelmente convencional () Totalmente convencional

Observações:

4. A respeito das perguntas realizadas aos participantes:

a) Você acha que as perguntas contemplam o objetivo da tarefa, que é investigar a compreensão dos provérbios através de seus mapeamentos subjacentes?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

b) Você acha que as perguntas estão claras?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

c) O vocabulário utilizado nas perguntas é adequado?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

Observações:

Seção 2: Perguntas gerais

1. Em sua opinião, será possível alcançar os objetivos da tarefa através da escala desenvolvida?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

Observações:

2. Você acha interessante comparar os resultados da Tarefa de Compreensão de Metáforas em Provérbios com os resultados da tarefa de familiaridade (auto reportada)?

() Não () Sim () Sim, com ressalvas. Quais? _____

Observações:

Comentários gerais:

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ESTUDO 1

Tarefa de Compreensão de Linguagem Figurada: Metáforas e Provérbios

Você está sendo convidado a colaborar como participante da pesquisa "Evidências de Validade de um Teste de Compreensão de Provérbios", da mestranda em Psicolinguística Caroline Girardi Ferrari, pelo PPG Letras/UFRGS. Por favor, leia os seguintes esclarecimentos a fim de decidir se participará da pesquisa.

Nesta pesquisa, duas tarefas serão feitas para investigar o modo pelo qual compreendemos linguagem figurada. Algumas vezes, dizemos literalmente o que queremos. Por exemplo, se alguém mente, podemos dizer que uma mentira logo será descoberta. Mas também podemos falar disso de forma figurada, dizendo que a mentira tem perna curta.

A sua inclusão nesta pesquisa é voluntária e envolve responder uma tarefa verbal de familiaridade e de compreensão de ditos comuns da Língua Portuguesa, composta por 12 perguntas e outra de compreensão de linguagem figurada, composta por 21 perguntas. Sua participação na pesquisa leva aproximadamente 10 minutos. Normalmente não há desconfortos durante o preenchimento das tarefas. Entretanto, há o risco de você se sentir cansado. Se isso acontecer, você pode desistir de responder ou interromper o preenchimento e continuar em outro momento.

Esta pesquisa proporcionará para você uma reflexão sobre ditos comuns na nossa língua e seus significados. Já para a comunidade, será proporcionado um melhor entendimento sobre compreensão de linguagem figurada, e também a padronização de um instrumento de compreensão de linguagem figurada que ajudará no diagnóstico de diferentes quadros clínicos. Suas respostas ficarão armazenadas por tempo indeterminado no computador da pesquisadora, no Gabinete 117, que se encontra no Instituto de Letras da UFRGS.

Pelo presente termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do projeto de pesquisa e que estou ciente:

- da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos questionários e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento;
- da segurança de que não serei identificado em nenhum momento além das tarefas e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas;
- da probabilidade de apresentar os resultados dessa pesquisa em eventos científicos e em publicá-los;
- de que não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e que receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética (etica@propesq.ufrgs.br) através do parecer de nº 2.469.701. A pesquisadora envolvida neste projeto é a mestranda do PPG Letras/UFRGS Caroline Girardi Ferrari (caroline.ferrari@ufrgs.br), sob orientação da Profa. Dra. Maity Siqueira (maity.siqueira@ufrgs.br).

*Obrigatório

Você aceita participar dessa pesquisa? *

Sim

Não

PRÓXIMA

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

**APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
ESTUDO 2 – CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Prezados Pais,

Sou mestranda em Letras - Psicolinguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e pesquisa linguagem figurada.

Quero convidar seu filho a colaborar como participante da pesquisa “Evidências de validade de um teste de compreensão de provérbios”. Por favor, leiam os seguintes esclarecimentos a fim de decidir se seu filho participará da pesquisa. O projeto objetiva apontar evidências de validade de um teste de compreensão de provérbios e examinar a compreensão do fenômeno por crianças e adultos.

Algumas vezes, dizemos as coisas que queremos diretamente. Por exemplo, se não queremos que alguém minta, podemos dizer: “fale a verdade, uma mentira logo é descoberta”. Mas, também podemos dizer que “a mentira tem perna curta”. Chamamos esse segundo tipo de frase de provérbio.

A inclusão de seu filho neste projeto envolve a participação em uma entrevista individual sobre linguagem, de aproximadamente 10 minutos, na própria escola. Normalmente, não há desconfortos na aplicação dos questionários. Entretanto, há risco do seu filho se sentir cansado. Se isso acontecer, a entrevista pode ser transferida para outro dia ou cancelada. As respostas do seu filho ficarão armazenadas por tempo indeterminado no computador da pesquisadora e no Gabinete 117, que se encontra no Instituto de Letras da UFRGS, em Porto Alegre.

Pelo presente termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do projeto de pesquisa e que estou ciente:

- da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos questionários e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento;
- da segurança de que meu filho não será identificado em nenhum momento além da entrevista e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas;
- da probabilidade de apresentar os resultados dessa pesquisa em eventos científicos e publicá-los;
- de que não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e que receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A pesquisadora envolvida na tarefa é Caroline Girardi Ferrari (que pode ser contatada pelo email caroline.ferrari@ufrgs.br), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maity Siqueira, pesquisadora responsável por este projeto.

(Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS, parecer de nº 2.469.701)



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Evidências de validade de um teste de compreensão de provérbios

Data:/...../.....

Nome do participante (criança/adolescente):

Turma do participante (criança/adolescente):

Nome do responsável pela criança/adolescente:

Assinatura do responsável pela criança/adolescente:

Nome da pesquisadora: Caroline Girardi Ferrari

Assinatura da pesquisadora:

**APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
ESTUDO 2 – ADULTOS**

Você está sendo convidado a colaborar como participante da pesquisa “Evidências de validade de um teste de compreensão de provérbios”, da mestranda em Letras - Psicolinguística Caroline Girardi Ferrari, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Por favor, leia os seguintes esclarecimentos a fim de decidir se participará da pesquisa.

Nesta pesquisa, uma pequena tarefa será feita para investigar como compreendemos linguagem figurada. Algumas vezes, dizemos literalmente o que queremos. Por exemplo, se alguém mente, podemos dizer que uma mentira logo será descoberta. Mas também podemos falar disso de forma figurada, dizendo que a mentira tem perna curta.

A sua inclusão nesta pesquisa é voluntária e envolve responder uma tarefa verbal de compreensão de linguagem figurada, composta por 12 perguntas, em aproximadamente 10 minutos. Normalmente não há desconfortos na aplicação da tarefa. Entretanto, há o risco de você se sentir cansado. Se isso acontecer, você pode desistir de responder ou interromper a entrevista e continuar em outro momento.

Esta pesquisa proporcionará para a comunidade um melhor entendimento sobre compreensão de linguagem figurada e também a padronização de um instrumento de compreensão de linguagem figurada que ajudará no diagnóstico de diferentes quadros clínicos. Suas respostas ficarão armazenadas por tempo indeterminado no computador da pesquisadora e no Gabinete 117, que se encontra no Instituto de Letras da UFRGS.

Pelo presente termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do projeto de pesquisa e que estou ciente:

- da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos questionários e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento;
- da segurança de que não serei identificado em nenhum momento além da entrevista e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas;
- da probabilidade de apresentar os resultados dessa pesquisa em eventos científicos e em publicá-los;
- de que não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e que receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética (etica@propesq.ufrgs.br) através do parecer de nº 2.469.701. A pesquisadora envolvida neste projeto é a mestranda do PPG Letras/UFRGS Caroline Girardi Ferrari (caroline.ferrari@ufrgs.br), sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maity Siqueira (maity.siqueira@ufrgs.br).

Data:/...../.....

Nome do participante:

Assinatura do participante:.....

Nome da pesquisadora: Caroline Girardi Ferrari

Assinatura da pesquisadora:

APÊNDICE F – CONTRASTES ENTRE OS ITENS DA TAREFA

Contraste	Estimativa	Erro Padrão	Graus de liberdade	T	Valor p
<i>Item 1 – Item 2</i>	0,0768	0,0161	2045	4,775	<,0001
<i>Item 1 – Item 3</i>	0,0500	0,0161	2045	3,104	0,0237
<i>Item 1 – Item 4</i>	0,2175	0,0161	2045	13,515	<,0001
<i>Item 1 – Item 5</i>	0,1162	0,0161	2045	7,222	<,0001
<i>Item 1 – Item 6</i>	0,1271	0,0161	2045	7,900	<,0001
<i>Item 2 – Item 3</i>	-0,0269	0,0161	2045	-1,670	0,5518
<i>Item 2 – Item 4</i>	0,1406	0,0161	2045	8,740	<,0001
<i>Item 2 – Item 5</i>	0,0394	0,0161	2045	2,447	0,1407
<i>Item 2 – Item 6</i>	0,0503	0,0161	2045	3,126	0,0222
<i>Item 3 – Item 4</i>	0,1675	0,0161	2045	10,410	<,0001
<i>Item 3 – Item 5</i>	0,0663	0,0161	2045	4,118	0,0006
<i>Item 3 – Item 6</i>	0,0772	0,0161	2045	4,796	<,0001
<i>Item 4 – Item 5</i>	-0,1013	0,0161	2045	-6,293	<,0001
<i>Item 4 – Item 6</i>	-0,0903	0,0161	2045	-5,615	<,0001
<i>Item 5 – Item 6</i>	0,0109	0,0161	2045	0,678	0,9844

Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE G – INTERVALOS DE CONFIANÇA – FIGURA 7

	Criança P. Aberta	Criança P. Fechada	Adolescente P. Aberta	Adolescente P. Fechada	Adulto P. Aberta	Adulto P. Fechada
<i>Item</i>	9%	67%	80%	88%	81%	88%
<i>1</i>	25%	83%	99%	108%	102%	109%
<i>Item</i>	-1%	32%	80%	87%	83%	86%
<i>2</i>	14%	48%	99%	107%	104%	107%
<i>Item</i>	-1%	59%	77%	87%	77%	86%
<i>3</i>	14%	75%	96%	106%	98%	107%
<i>Item</i>	-5%	40%	32%	76%	57%	83%
<i>4</i>	10%	56%	51%	96%	78%	104%
<i>Item</i>	-7%	49%	51%	87%	77%	88%
<i>5</i>	8%	65%	70%	106%	98%	109%
<i>Item</i>	-5%	40%	58%	81%	77%	86%
<i>6</i>	10%	56%	77%	100%	99%	107%

Fonte: Elaborado pela autora.